

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

**O FUNCIONAMENTO DO SILÊNCIO NAS REVISTAS VEJA E
ISTOÉ NO DISCURSO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE
2013/2014**

**INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LINGUAGEM**

Flávia Ferreira Alves

NITERÓI

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

**O FUNCIONAMENTO DO SILÊNCIO NAS REVITAS VEJA E
ISTO É NO DISCURSO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE
2013/2014**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Teorias do texto, do discurso e da interação.

ORIENTADOR: Prof^a. Dr^a. Silmara Dela Silva

Niterói

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

A474 Alves, Flávia Ferreira.

O funcionamento do silêncio nas revistas Veja e IstoÉ no discurso sobre as manifestações de 2013/2014 / Flávia Ferreira Alves. – 2016.

135 f. : il.

Orientadora: Silmara Dela-Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2016.

Bibliografia: f. 131-135.

1. Análise do discurso. 2. Manifestação pública. 3. Silêncio. 4. Mídia. 5. Revista. I. Dela-Silva, Silmara. II. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras. III. Título.

FLÁVIA FERREIRA ALVES

**O FUNCIONAMENTO DO SILÊNCIO NAS REVISTAS VEJA E ISTOÉ NO
DISCURSO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE 2013/2014**

Trabalho apresentado como pré-requisito para obtenção do título de mestre ao programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense

Defendido em _____ de _____ de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Silmara Dela-Silva (orientadora) – UFF

Prof^a Dr^a Vanise Gomes Medeiros – UFF

Prof^a Dr^a Ângela Correia Ferreira Baalbaki - UERJ

Prof^a Dr^a Fernanda Luzia Lunkes – UFSB

Prof^a Dr^a Silvia Maria de Souza - UFF

AGRADECIMENTOS

Especialmente à professora Dra. Silmara Dela-Silva, minha orientadora, pela atenção e apoio na construção deste trabalho.

As professoras Ângela Baalbaki e Vanise Medeiros, pelas importantes contribuições no exame de qualificação.

Aos meus colegas da especialização e mestrado.

À minha família pela compreensão e apoio.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar, fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos de Análise do Discurso, proposta por Michel Pêcheux e, baseando-se também no conceito de silêncio, formulado por Eni Orlandi, como as revistas *Veja* e *Isto É* noticiaram, produzindo efeitos de sentidos, as manifestações que ocorreram em junho de 2013 e como essas publicações relataram esses eventos após um ano, em 2014, no Brasil. Considerando que a análise discursiva pressupõe levar em conta o discurso em suas condições de produção, objetiva-se discutir a respeito do papel da mídia, relacionando à produção de sentidos para as manifestações como acontecimento jornalístico (Dela-Silva, 2011). O *corpus* do trabalho é constituído por edições das revistas *Veja* e *Isto É*, duas publicações representantes das chamadas revistas semanais de informação brasileiras, que apresentaram como destaque em suas capas as manifestações de junho de 2013 em comparação às edições referentes às mesmas datas, publicadas em 2014. As reportagens sobre as manifestações de 2013 foram destaques nas capas em três edições consecutivas na revista *Isto É* e em cinco edições em *Veja*. Em 2014, *Veja* e *Isto É* publicaram em suas capas reportagens sobre a copa do mundo de futebol, com poucas referências às manifestações do ano anterior. Assim, as manifestações são citadas de forma indireta em reportagens variadas, sem qualquer menção ao evento histórico que havia ocorrido no país um ano antes. Apesar de não aparecerem nas capas e raramente nas principais reportagens que integram as publicações, houve manifestações populares em 2014, principalmente nas cidades que sediaram os jogos da seleção brasileira, o que nos leva a refletir acerca das causas que motivaram esse silêncio por parte das publicações. A princípio, as duas revistas parecem sustentar seus dizeres em discursos distintos, mas em relação ao apagamento no aniversário de uma das maiores manifestações da história do país, as duas revistas dialogam com o mesmo discurso: o silêncio.

Palavras-chave: Análise do Discurso, manifestações, silêncio, mídia impressa.

Abstract

This study aims to analyze, based on the theoretical and methodological assumptions of the discourse analysis proposed by Pêcheux and also based on the concept of silence, made by Eni Orlandi, such as *Veja* and *IstoÉ* reported, producing effects directions, the demonstrations that took place in June 2013 and how these publications reported these events after a year in 2014 in Brazil. Whereas the discursive analysis assumes take into account the speech in his speech conditions, the objective is to discuss about the role of media, relating to the production of meaning to the demonstrations as journalistic event. The work corpus consists of editions of magazines *Veja* and *Isto* two representatives publications of calls weekly magazine Brazilian information, which presented as featured on their covers the June 2013 demonstrations in comparison to issues relating to the same dates, published in 2014. The reports on the 2013 demonstrations were featured on the covers in three consecutive editions of the magazine *Isto É* and five editions *See*. In 2014, *Veja* and *Isto* published in their reporting covers about cup football world, with few references to the events of the previous year. Thus, the manifestations are mentioned indirectly in various reports, without any mention of the historical event that had occurred in the country a year before. Although not appear on the covers and rarely the main reports that integrate the publications, there were demonstrations in 2014, mainly in the cities that hosted the games of the national team, which leads us to reflect on the causes that motivated this silence by the publications . At first, the two magazines appear to support their sayings in different speeches, but in relation to erase the anniversary of one of the largest demonstrations in the history of the country, the two magazines dialogue with the same speech: silence.

Keywords: Discourse Analysis, demonstrations, silent, print media.

Lista de ilustração

Figura 1	Jornal O Globo, 20 de março de 1964	19
Figura 2	Propaganda FIAT e imagens das manifestações	22
Figura 3	Revista <i>Veja</i> , 19 e 26 de junho e 3 de julho de 2013	48
Figura 4	Revista <i>Veja</i> , 18 e 25 de junho e 2 de julho de 2014	48
Figura 5	Revista <i>IstoÉ</i> , 19 e 26 de junho e 3 de julho de 2013	49
Figura 6	Revista <i>IstoÉ</i> , 18 e 25 de junho e 2 de julho de 2014	49
Figura 7	Revista <i>Veja</i> , 19 de junho de 2013	51
Figura 8	Revista <i>Veja</i> , 26 de junho de 2013	52
Figura 9	Revista <i>Veja</i> , 03 de julho de 2013	54
Figura 10	Revista <i>Veja</i> , 18 de junho de 2014	55
Figura 11	Revista <i>Veja</i> , 25 de junho de 2014	58
Figura 12	Revista <i>Veja</i> , 02 de julho de 2014	59
Figura 13	Revista <i>Veja</i> , 21/01/1999	60
Figura 14	Infográfico <i>IstoÉ</i>	82
Figura 15	Revista <i>IstoÉ</i> , 19 de junho DE 2013	83
Figura 16	Revista <i>IstoÉ</i> , 26 de junho de 2013	84
Figura 17	Revista <i>IstoÉ</i> , 03 de julho de 2013	86
Figura 18	Revista <i>IstoÉ</i> , 18 de junho de 2014	87
Figura 19	Revista <i>IstoÉ</i> , 25 de junho de 2014	89
Figura 20	Revista <i>IstoÉ</i> , 02 de julho de 2014	91
Figura 21	Revista <i>IstoÉ</i> , 26 de junho de 2014	106
Figura 22	Revista <i>Isto É</i> , 25 de junho de 2014	115

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: DO LINGUÍSTICO AO DISCURSIVO	13
2	AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 E 2014	24
2.1	NAS MANIFESTAÇÕES, O JORNALISMO	33
2.2	NO JORNALISMO, O SILÊNCIO	35
3	AS MANIFESTAÇÕES EM <i>VEJA</i> E <i>ISTOÉ</i>: 2013 E 2014	46
3.1	AS MANIFESTAÇÕES EM <i>VEJA</i>	50
3.1.1	CAPAS	50
3.1.2	EDITORIAIS	61
3.1.3	REPORTAGENS ESPECIAIS	68
3.2	AS MANIFESTAÇÕES EM <i>ISTOÉ</i>	81
3.2.1	CAPAS	83
3.2.2	EDITORIAIS	93
3.2.3	REPORTAGENS ESPECIAIS	99
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131

INTRODUÇÃO

Em junho de 2013, milhares de pessoas saíram às ruas brasileiras para contestar o reajuste do valor da tarifa dos ônibus nas principais cidades do país. A princípio, as reivindicações que se concentraram apenas no aumento das tarifas desdobraram para outras exigências, tais como melhoria na saúde, educação e transporte “padrão FIFA”, denominador indicativo de “qualidade” estabelecido pelo órgão que planejou a Copa do Mundo de Futebol no Brasil. Antes do aumento das tarifas de ônibus, o país já se encontrava imerso num clima de insatisfação motivado principalmente pelos elevados gastos de dinheiro público dispensado para a realização do evento esportivo, como noticiado no fragmento exposto da reportagem a seguir:

Mais de 250 mil pessoas saíram às ruas nesta segunda-feira (17) pelo país para protestar contra o aumento das tarifas de transporte, a violência urbana, os custos da Copa do Mundo, a precariedade do serviço público, entre outras reivindicações. Manifestações aconteceram em 12 capitais e ao menos 16 cidades do interior.¹ (Portal G1- 18/06/2013)

Após o aumento das tarifas de transporte público, o descontentamento da população com o governo explodiu e, por conseguinte, produziu uma onda de manifestações por todo país.

Se o aumento das tarifas de transporte foi a principal causa para o surgimento das manifestações em 2013, as reivindicações em 2014 voltaram-se principalmente contra a realização da Copa do Mundo, seguidas por outras demandas, como o reajuste das passagens de transporte e casos de paralisações e greve de diferentes categorias de trabalhadores, como por exemplo, os rodoviários, os professores etc². Mesmo com números inferiores de participantes, quando comparados aos de 2013, as manifestações em 2014 ocorreram em alguns estados do país. No entanto, as reportagens sobre as manifestações já haviam sido ofuscadas pela cobertura da Copa do Mundo. Em relação às notícias que circularam a respeito, grande parte da mídia impressa destacava os casos de vandalismo, a redução do apoio da população aos eventos e a frequente associação feita por parte da imprensa entre as manifestações e a violência, com referência ao grupo

¹Fonte:<<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html>> Acessado em 23/01/2015, às 15h.

² Revista Veja. Fonte < <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-pais-da-copa-esta-em-greve>>Acesso em 02/03/2015, às 16h.

Black Blocs. Após a morte de um cinegrafista durante uma manifestação no Rio de Janeiro por manifestantes, essa relação ficou mais acentuada³.

A revolta dos vinte centavos, como foi chamada em alguns meios de comunicação, proporcionou mudanças imediatas no cenário político brasileiro: provocou o cancelamento do reajuste das passagens de ônibus, ocasionou o debate da opinião pública sobre a verdadeira representatividade dos políticos, fortaleceu e incentivou alguns movimentos sociais a fazerem reivindicações e a realizarem greves e paralisações, como a greve dos rodoviários⁴ e dos professores, por exemplo.

Após um ano, as manifestações são pouco citadas na mídia tradicional, mas pode-se afirmar que o legado deixado por elas é a memória da grandiosidade do evento que mobilizou todo país e ainda persiste na lembrança da população, apesar de deixar a classe política incomodada e vigilante, temendo novos eventos daquele tipo.

No ano de 2013, as manifestações foram um dos principais assuntos na imprensa nacional e internacional. Mesmo se autoproclamando como órgão independente e imparcial, a mídia, em sua autonomia imaginária, produziu efeitos de sentidos em seus gestos de noticiar as manifestações. É por este motivo que relatos da mídia acerca das manifestações de 2013 e 2014 serão o foco deste trabalho, que tem como objetivo analisar o discurso sobre as manifestações em duas revistas semanais de grande circulação no Brasil: *Veja* e *IstoÉ*.

A análise mobiliza a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso de linha francesa, proposta por Michel Pêcheux, na França, e desenvolvida no Brasil, sobretudo, a partir dos trabalhos de Eni Orlandi. Dessa perspectiva, o discurso é entendido por Pêcheux como “efeitos de sentido” (1997, p. 82), ou seja, o sentido é constituído de acordo com a posição do sujeito em determinada formação social, em um momento histórico. Ao voltar seu objeto de estudo e seu método para aspectos distintos daqueles adotados pela linguística formal, a Análise de Discurso, ao lado de outras abordagens discursivas, enquadra-se nas teorias que se propõem o estudo da língua nas práticas de linguagem. A partir do final do século XX, a “linguagem heterogênea” (SAUSSURE, 2005, p. 23) foi, relativamente, incluída nos estudos linguísticos, por meio das teorias

³ Jornal Folha de São Paulo. País tem primeira morte por manifestante em protesto. Fonte < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2014/02/11/>> Acesso em 02/03/2014, às 19h.

⁴ Jornal O Dia: Dois milhões de passageiros de ônibus foram pegos de surpresa com a greve dos rodoviários, que começou à 0h desta sexta-feira, dia do aniversário do Rio. Fonte: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/greve-dos-rodoviarios-desafia-a-justica-e-segue-por-tempo-indeterminado-> Acessado em 23/01/2015, às 16h.

discursivas. Deste modo, a língua como estrutura ou sistema de regras deixou de ser o principal objeto de observação dessas novas correntes teóricas, das quais a Análise de Discurso é um exemplo.

É preciso reconhecer que, apesar dos pontos em comum, a compreensão de algumas noções que usualmente são empregadas no domínio dos estudos linguísticos difere bastante no campo da Análise de Discurso. Essas particularidades, principalmente a de estabelecer o discurso como objeto de análise, conferem aos estudos da linguagem um novo percurso para a reflexão sobre a língua, considerando aspectos históricos e sociais na interpretação/produção de sentidos, de acordo com o contexto sócio-histórico em que a língua produz sentidos.

A partir desses pressupostos teórico-metodológicos, este trabalho propõe a análise dos efeitos de sentidos que circularam na grande mídia naquele momento histórico e como esses sentidos foram ressignificados em 2014 nas reportagens das revistas *Veja* e *Isto É*, duas importantes revistas de abrangência nacional. Questionamos também como esses sentidos se inscrevem na memória discursiva ao se posicionar em determinada formação discursiva⁵. Por meio das análises, buscamos contribuir para a reflexão acerca do papel da mídia na sociedade, considerando a sua posição no processo de produção de sentidos para as manifestações como acontecimento jornalístico e, posteriormente, histórico.

A constituição do *corpus* deste trabalho tem início com as edições publicadas no mês de junho de 2013 das revistas *Veja* e *Isto É*, que expuseram em suas capas notícias relacionadas às manifestações, somando-se a elas as edições correspondentes ao mesmo período em 2014. Desta forma, serão analisadas três edições de cada uma das revistas, que circularam, respectivamente, nos dias 19 e 26 de junho e 3 de julho de 2013, e 18 e 25 de junho e 02 de julho de 2014. As reportagens selecionadas nas revistas para análise saíram todas em sequência às manifestações, constituindo, assim, acontecimentos jornalísticos (DELA-SILVA, 2011). As primeiras reportagens de 2013 destacaram o início das manifestações e as causas que provocaram o evento. As reportagens de 2014, por sua vez, apresentaram reportagens especiais sobre a Copa do Mundo. Para a organização do *corpus*, levou-se em consideração as edições de dois períodos distintos para observar a repetição, ou o deslocamento de sentidos de algumas materialidades

⁵ Entende-se por Formação Discursiva, conforme Pêcheux (1997), aquilo que determina o que pode e deve ser dito em uma determinada conjuntura sócio-histórica. Essa noção teórica será detalhada mais adiante, no capítulo dedicado à fundamentação teórica-metodológica.

presentes nas edições das revistas analisadas, como detalharemos ao longo do trabalho, ao tratarmos da constituição do *corpus* de análise.

Quanto à organização deste trabalho, o primeiro capítulo será dedicado aos pressupostos teórico-metodológicos que conduzirão as reflexões propostas nesta pesquisa. Nele são apresentados a proposta da Análise de Discurso de linha francesa, bem como os conceitos teórico-metodológicos que constituem o dispositivo de análise desta pesquisa, dentre os quais condições de produção, memória, formações ideológicas e discursivas.

O segundo capítulo compreende algumas reflexões sobre a história dos movimentos sociais, desde o período colonial até as manifestações de 2013 e 2014, com vistas a analisar o lugar desses movimentos na construção da cidadania brasileira. Também neste capítulo são pensadas as manifestações nas revistas. Para isso, é apresentado um breve apanhado sobre a história das revistas *Veja* e *IstoÉ*, considerando o modo como essas publicações analisadas são concebidas pela sociedade e em quais formações ideológicas estão inseridas, ou seja, que posições sustentam discursivamente no contexto sócio-histórico em que se inserem. Ainda neste capítulo são apresentados os conceitos de silêncio, formulado por Orlandi, e algumas reflexões sobre o funcionamento dessa modalidade de discurso sobre as manifestações nas revistas de *Veja* e *IstoÉ*.

No terceiro capítulo são apresentados o *corpus* e as análises das revistas *Veja* e *Isto É* que constituem o *corpus* desta pesquisa, tendo como foco o modo como se constituem os sentidos para as manifestações enquanto acontecimento jornalístico retratado nas reportagens dessas edições. As análises realizadas compreendem as seguintes seções: as capas, os editoriais e as reportagens especiais.

O quarto capítulo reserva-se às considerações finais, nas quais pretende-se discorrer sobre o discurso da mídia, em diferentes condições de produção, e a presença do silêncio nas materialidades analisadas.

Com este trabalho espera-se, assim, contribuir para as discussões acerca do funcionamento do discurso da/na mídia na atualidade, tendo em vista que se trata de um espaço privilegiado para a formulação e a circulação de sentidos em nossa formação social.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: DO LINGUÍSTICO AO DISCURSIVO

Os estudos linguísticos, no início do século XX, voltaram-se principalmente para a análise da língua em seu aspecto formal, deixando, em parte, as investigações históricas do século anterior. A chamada escola estruturalista foi “inaugurada” no início do século XX com o lançamento do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1916). A partir de então, um novo objeto para os estudos da linguagem é definido: a *langue*. Com base na distinção instaurada entre língua/fala, Saussure (2005) institui a língua como objeto específico para os estudos linguísticos.

A escolha do objeto da linguística é justificada no *Curso* por esta ser considerada a parte em que se encontra toda a sistematicidade da língua. Para Saussure, a linguagem pode ser analisada em dois segmentos: em seu aspecto universal e individual. Nos termos de Saussure:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, **essencial**, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, **secundária**, tem por objetivo a parte individual da língua, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física. (SAUSSURE, 2005, p. 27)

São essas características que proporcionaram à língua ser o elemento primário para os estudos linguísticos estruturalistas, componente que não predominava na linguística durante a primeira metade do século XX. Na perspectiva estruturalista, que se desenvolve a partir de uma leitura do *Curso de Linguística Geral*, a língua é um sistema de signos que são organizados de acordo com princípios próprios dessa engrenagem.

O percurso teórico desenvolvido no *Curso de Linguística Geral* foi instituído a partir da distinção entre língua e fala. Ainda que se diga sobre a origem social da língua, o lugar pertinente à fala no *Curso* é de subordinação à língua, esta considerada como objeto da Linguística, ou melhor, da Linguística da língua em oposição à Linguística da fala. A delimitação dessas duas disciplinas se deve, nas palavras de Saussure (2005, p. 28), pela “impossibilidade de trilhar ao mesmo tempo” o que é essencial ao sistema (psíquico) e o que é individual, secundário e fisiológico (fala). Ao optar pela língua como objeto de sua teoria, Saussure (2005) desconsiderou a relação entre língua e história; pontuando suas observações em descrições sincrônicas, restringiu a abordagem da língua a seu aspecto coletivo, mas ignorou as especificidades regionais e individuais, descartando estudos que norteiam variações da língua em diferentes aspectos; definiu a

língua apenas como um sistema para comunicação, não levando em conta as posições que um falante pode ocupar numa determinada formação social e o modo como a língua “funciona” no conflito de interesses inerente à sociedade contemporânea (CORRÊA, 2002).

A exclusão do campo individual da linguagem nos estudos saussurianos foi bastante criticada por muitos linguistas, principalmente por aqueles que focalizam suas pesquisas nas práticas de linguagem. Essa separação permitiu o aparecimento de muitas disciplinas que têm como propósito contemplar, conforme Ilari (2011), a língua em uso, o sentido e o sujeito para a concepção de suas teorias. Com o enfraquecimento do projeto estruturalista, novas orientações teóricas surgiram ainda na década de 1960 e, ao contrário da perspectiva de Saussure, as teorias mais recentes, tais como a Pragmática, a Análise da Conversação e a Análise do Discurso dentre outras, incluíram em seu campo de investigação noções como a de sujeito (BENVENISTE, 2005) e contexto histórico-social (PÊCHEUX, 1997), noções até então não contempladas pelo estruturalismo linguístico. Acerca das exclusões estabelecidas pelo projeto estruturalista, Piovezani (2013) ressalta as distintas reações provocadas pelas propostas atribuídas a Saussure, por estudiosos de linguagem, e afirma:

Por um lado, conferem a Saussure o mérito de ter estabelecido a positividade científica; por outro, reclamam a necessidade de eleger como objeto de estudo aquilo que teria sido excluído de suas considerações, ou seja, a fala e a variação linguística, o sujeito, a história e o sentido.” (PIOVEZANI, 2013, p.151)

Os componentes excluídos das teorias que visavam apenas investigações voltadas especificamente para aspectos formais da língua, como questões que abordam fatores sociais e históricos, tornaram-se referências para novas correntes linguísticas. Como apresenta Weedwood:

a linguística sofreu, na segunda metade do século XX, uma “guinada pragmática”: em vez de se preocupar com a estrutura abstrata da língua, com seu subjacente (com a *langue* de Saussure e a competência de Chomsky), muitos linguistas se debruçaram sobre os fenômenos mais diretamente ligados ao uso que os falantes fazem da língua. (WEEDWOOD, 2008, p. 144)

A mudança de posicionamento sobre a reflexão linguística se consolidou pelas críticas sobre seus dispositivos de análise, que consideravam apenas a observação da linguística da língua, ignorava o contexto e a história, fatores determinantes que levam o

falante a “adequar” seu enunciado, de acordo com sua posição na sociedade (ILARI, 2011).

As teorias que conceberam as práticas de linguagem como foco de observação instauram, portanto, a linguística da fala, trazendo para o centro das investigações componentes que até então eram descartados pelos estruturalistas. Mas é preciso salientar que cada disciplina possui especificidades em relação a seus conceitos teóricos, desta forma, as tensões que existiram anteriormente, principalmente entre estruturalismo e gerativismo, não cessaram por conta da compatibilidade de um objeto de pesquisa comum (PIOVEZANI e SARGENTINI, 2011, p. 11).

Em 1969, Michel Pêcheux apresentou em sua tese *Análise Automática do Discurso* os conceitos iniciais para a fundamentação de um novo dispositivo para os estudos da linguagem: a Análise de Discurso. Em uma de suas críticas ao modelo estruturalista, Pêcheux conclui que:

O deslocamento conceptual introduzido por Saussure consiste precisamente em **separar** essa homogeneidade cúmplice entre a **prática e a teoria da linguagem**: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um **sistema**, deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir **sentido**; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento. (PÊCHEUX, 1997[1969], p. 62)

Conforme Pêcheux (1997), a incompatibilidade de se pensar a língua apenas em sua estrutura não permite concebê-la como um “dispositivo” por meio do qual o sentido é materializado. Por isso, a Análise de Discurso (doravante AD) é uma disciplina que se constitui no entremeio de diferentes campos de conhecimento: a Linguística, a Psicanálise e o materialismo histórico. No entanto, como afirma Orlandi (2012a[1999]), essa constituição não se dá de maneira integral. A AD interroga essas disciplinas pelos conceitos que são deixados de lado por elas. Desta forma, o questionamento à Psicanálise se dá pela ausência de elementos relacionados a fatores sociais; à Linguística por desconsiderar a historicidade e ao Marxismo por não abordar a materialidade da língua. Para Orlandi, a AD:

trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essa forma de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o **discurso**. (ORLANDI, 2012a[1999], p. 20)

A AD propõe observar a constituição de sentidos na linguagem, investigando como o sujeito, atravessado pela língua e pela história, produz sentidos, de acordo com as relações de poder que imperam na formação social em determinado período.

O objeto de pesquisa da AD é, como exposto anteriormente, o discurso, compreendido por Pêcheux como “efeito de sentido entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1997, p. 82). Nesta proposta, a língua não se configura apenas como um instrumento para comunicação, como sugere a definição do esquema de Jakobson (1975), que fixa uma posição para cada participante dessa representação. Entende-se por esse plano que a linguagem se constitui de maneira organizada, sem nenhum percalço, em que todos os seus elementos cumprem perfeitamente o papel que lhes foi dado: um remetente transmite uma mensagem a um destinatário, esta mensagem é recebida e entendida pelo destinatário. Fecha-se assim o circuito. Para AD, não há essa regularidade de posições nem estabilização de sentidos, “a língua serve para comunicar e para não comunicar” (ORLANDI, 2012a, p. 21). Em AD, não há um roteiro pré-definido estabelecendo qual o papel de cada locutor num suposto processo de comunicação. Os sujeitos são variados e a língua, com seus elementos estruturais próprios de um sistema, não determina o sentido no processo discursivo, ele se configura de acordo com as suas condições de produção e as formações discursivas em que se inserem.

O sujeito, concebido pela AD como uma posição entre outras (ORLANDI, 2012a), produz seu enunciado a partir de um *lugar* que foi instituído historicamente em uma formação social. A imagem que o sujeito faz de seu interlocutor ao produzir seu discurso vai determinar o que ele pode ou deve falar naquele contexto, isto é, a posição que o sujeito ocupa vai determinar o seu dizer.

As condições de produção são cenários que possibilitam a produção de certos efeitos de sentidos. Conforme Pêcheux afirma:

o discurso (...) pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo *lugar* no interior de uma formação social dada. (...) Em outras palavras, um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas. (PÊCHEUX, 1997, p. 77)

De acordo com Pêcheux (1997), o sujeito está determinado a enunciar seu discurso conforme o lugar que ocupa, uma posição que determina seu dizer. Por exemplo, nas manifestações de 2013, muitas das reivindicações e dos protestos dos manifestantes eram expostos em placas ou cartazes e, em alguns dizeres, viam-se protestos contra emissoras de TV, principalmente a Rede Globo de Televisão. Essa emissora, ao transmitir imagens dessas manifestações, evitava mostrar os cartazes que faziam crítica ao seu trabalho. Neste caso, o contexto imediato seriam as manifestações e os cartazes excluídos pela

emissora, e o contexto histórico diz respeito ao trabalho da mídia e como essa atividade é concebida historicamente na sociedade.

Das condições de produção do discurso fazem parte, conforme Pêcheux (1997), a formação imaginária, que “é a imagem que os interlocutores fazem de seu próprio lugar e o lugar do outro” (PECHÊUX, 1997, p. 82), e que funcionam discursivamente. Assim, o sujeito, vendo-se no lugar de seu interlocutor, antecede o efeito que seu enunciado irá provocar no outro e, desta forma, cria artifícios para comover ou convencer seu ouvinte, também imaginário, em uma determinada posição. A formação imaginária sobre o povo brasileiro, discursivizado no senso comum como pacífico e apaixonado por futebol, por exemplo, permitiu aos governantes e aos organizadores da Copa do Mundo de Futebol realizarem suas ações, imaginando que os brasileiros iriam receber o evento de forma amistosa e ordeira. Porém, as manifestações ocorreram e desestabilizaram o que parecia ser a ordem natural das coisas. A imagem que até então era projetada aos brasileiros foi desconstruída pelas manifestações, indicando assim que os sentidos não são controlados pelos sujeitos e por suas antecipações. Para Orlandi (2012), esse mecanismo de antecipação é constituído historicamente pelas formações ideológicas. Em seus termos:

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “**brota**” do nada: assenta-se no **modo como as relações sociais se inscrevem na história** e são regidas, em uma sociedade como a nossa, de relações de poder. (ORLANDI, 2012a, p. 42 **negrito nosso**)

É possível observar o deslocamento do sujeito ocupando diferentes posições nesse processo de antecipação que ele realiza ao se posicionar em determinado lugar e produzir seu discurso. A partir do conceito de formação imaginária, pode-se concluir que o sujeito não é único e não age por vontade própria; assim como o sentido, ele também é constituído historicamente. Para Indursky, na perspectiva da AD:

A categoria de sujeito não é idealista por ser interpretada ideologicamente, (...), o sujeito ao produzir seu discurso, o faz a partir de determinadas posições, igualmente ideológicas. Tais posições, contudo, não transformam esse sujeito em uma figura que decide livremente seu discurso, por não ter consciência de seu assujeitamento, mantém fortemente arraigada a ilusão de ser plenamente responsável por seu discurso e suas posições. (INDURSKY, 2013, p. 35)

A ilusão de ser origem do seu dizer é promovida no sujeito pelos esquecimentos enunciativos e ideológicos apontados por Pêcheux (1997). Este, também chamado de esquecimento nº 1, resulta da certeza do sujeito de ser o primeiro a formular seu dizer, não tendo consciência de que os sentidos já existem e são esquecidos para significar em

outras circunstâncias. O esquecimento enunciativo ou nº 2 é também denominado “ilusão referencial” (ORLANDI, 2012a, p. 35), pois por meio dele o sujeito acredita que ao formular seu discurso, este só pode ser feito daquele jeito e não de outro.

Como se pode observar, a constituição da categoria sujeito está ancorada à ideologia, que é o que fundamenta o sujeito e sustenta seus dizeres. O sujeito formula seu dizer porque é interpelado pela ideologia, aqui compreendida como um “mecanismo” que produz um efeito de evidência, de literalidade na construção de sentidos. Pela interpelação ideológica, constitui-se a forma-sujeito-histórica, na atualidade, a forma sujeito capitalista, controlado pelas instituições referentes a esta organização social. Outro momento é a individualização do sujeito pelo Estado. Conforme define Orlandi:

As formas de individu(aliz)ação do sujeito, pelo Estado estabelecidas pelas instituições e discursividades, resultam, assim, em um indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono de sua vontade com direitos e deveres e direito de ir e vir. Esse indivíduo funciona, por assim dizer, como um pré-requisito nos processos de identificação do sujeito, ou seja, uma vez individuado, este indivíduo (sujeito individuado) é que vai estabelecer uma relação de identificação com esta ou aquela formação discursiva. E assim se constitui em uma posição-sujeito na sociedade. E isto deriva de seus modos de individualização pelo Estado (ou pela falha do Estado). (ORLANDI, 2012b, p. 228)

Neste outro momento, o sujeito individualizado é dotado de direitos e cumpridor de seus deveres. Com base neste processo de individualização, o sujeito submete-se a determinada formação discursiva e se enquadra numa posição sujeito. De acordo com sua inscrição na formação social, o sujeito coloca-se em variadas posições discursivas.

Para a AD, os sentidos não estão postos, eles estão sempre em construção, de acordo com o contexto histórico-social, ou seja, com as condições de produção e a posição do sujeito em determinada formação ideológica. Para Pêcheux:

Num dado momento histórico, as relações de classes (a luta de classes) se caracterizam pelo afrontamento, no interior mesmo destes aparelhos (AIE), de posições políticas e ideológicas que não constituem a maneira de ser dos indivíduos, mas se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. (PÊCHEUX, 1997, p. 166)

Esses conflitos de poder, de interesses que condicionam a organização da sociedade podem acarretar a aparecimento de outras posições ideológicas numa mesma formação ideológica, elas podem apresentar-se em concordância ou em divergência com

a ideologia dominante. Cada formação ideológica pode compreender diferentes formações discursivas que, ainda segundo Pêcheux:

é o que determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes.(PÊCHEUX ,1997, p. 166)

Assim, a produção de sentido se estabelece num determinado lugar, de acordo com a formação discursiva imposta pela ideologia. É por identificação a uma formação discursiva que o sujeito significa aquelas palavras que já foram ditas e ressignificadas historicamente. Para melhor entender esse funcionamento, cabe pensar que circularam na mídia recentemente notícias de que algumas manifestações populares estariam reivindicando a volta do *governo militar*, como se observa no exemplo a seguir:

Além de pedirem o impeachment da petista, parte dos manifestantes defende um novo golpe militar no país. É necessária a volta do militarismo. O que vocês chamam de **democracia** é esse governo que está aí?", criticou o investigador de polícia Sérgio Salgi, 46, que carregava cartaz com o pedido "SOS Forças Armadas"⁶.



7
Figura 1- Jornal O Globo-20 de março de 1964

Observa-se, nos dizeres do manifestante, a retomada da memória do estado de exceção ocorrido em 1964. Neste mesmo período, uma outra manifestação também foi

⁶Fonte:<<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/11/1542047-ato-em-sao-paulo-pede-impeachment-de-dilma-e-intervencao-militar.shtml>>Acessado em: 26/01/2015 às 22h.

⁷ <http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=195019540320>

organizada para defender a democracia: a Marcha da Família. Este movimento contou com o apoio do governo militar e alguns simpatizantes. É interessante analisar que a palavra *democracia* aparece em ambos as materialidades com sentidos equivalentes: nos dizeres do manifestante, o país não vive uma **democracia**, então ele julga que um governo militar irá restabelecer esse tipo de governo; já na figura 1, a palavra **democracia** está associada com o golpe militar e, desta forma, a Marcha da Família defende a permanência desse “governo”.

Este é um exemplo do embate de sentidos existentes dentro de uma formação ideológica. A formação discursiva democrática entra em conflito com a formação discursiva ditatorial e, enquanto as palavras circulam entre as diferentes posições ideológicas, os sentidos deslizam nessas relações de força. Dizer governo militar não *significa* dizer ditadura ou repressão, pode significar até democracia; cada palavra associa-se a formações discursivas diferentes. No exemplo anterior, “governo militar” direciona sentidos para uma formação discursiva alinhada aos militares, enquanto para outros, “governo militar” significa “ditadura”. Esses sentidos significam neste contexto porque já foram produzidos em outras condições de produção e acionam a memória discursiva, entendida por Orlandi (2012a, p. 31) como “o saber discursivo que torna possível todo dizer que retorna sob a forma de pré-construído”; assim, estas palavras fazem sentido porque foram significadas anteriormente.

Em AD, memória discursiva, tomada também como interdiscurso, é entendida como “saber discursivo” que permite a compreensão de todo dizer, pois, quando se fala algo, esse dizer significa para um sujeito porque já fez sentido em outras circunstâncias. Ainda segundo Orlandi:

Todo dizer é assim já um gesto de interpretação, uma posição, entre outras, em relação a uma memória. Para que nossas palavras façam sentidos é preciso que já signifiquem, que se produzam em uma memória discursiva, que possam ser interpretadas. Falamos com palavras que (já) fazem sentidos. (ORLANDI, 2012a, p. 171)

Assim, quando se fala em “manifestação”, essa palavra vai significar de acordo com o contexto histórico e com o modo como o sujeito interpreta esta palavra. Provavelmente, uma pessoa que participou das manifestações em 2013 significou essa palavra de forma distinta da polícia militar. Cada sujeito, na ilusão de ser origem de seu dizer, vai significar um acontecimento de acordo com sua posição ideológica.

Retomando as reflexões propostas por Le Goff, Dela Silva (2011) trata dos acontecimentos históricos como eventos recortados e historicizados a partir de arquivos selecionados por historiadores. Esses acontecimentos, após o processo de enquadramento histórico, passam a fazer parte da memória de uma sociedade. Mesmo sendo compreendido como “da ordem da realidade” por diferentes áreas do saber, para a AD, um acontecimento histórico é ressignificado por diferentes discursos.

Para o acontecimento histórico ocorrido em junho de 2013 no país e denominado pela maioria da imprensa como “manifestações”, outras discursividades surgiram, simultaneamente, nesse espaço até então pouco estabilizado. Expressões como: protestos, movimentos sociais, “*Black blocs*”, manifestação pacífica, vandalismo, movimentos dos mascarados entre outras eram empregadas na mídia para significar aquele evento. O discurso que se estabilizou naquele momento foi determinado, provavelmente, pela mídia tradicional, pois é a que controla o maior número de veículos de transmissão e, portanto, consegue disseminar discursos regulares para a maior parte da população. Para entender o funcionamento do discurso da mídia em determinados momentos históricos, é necessário entender quais discurso são formulados e circulam, e em quais momentos e lugares essas denominações comparecem na mídia. A análise dessas materialidades, compreendidas como efeito de evidência por certas publicações, pode encaminhar outros sentidos, de acordo com um posicionamento ideológico.

Em *Discurso: estrutura e acontecimento*, Pêcheux (2008, p. 17) define acontecimento como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, ou seja, a retomada de uma memória discursiva com o deslocamento de um acontecimento histórico.

Para visualizar esse processo de retomada da memória e possíveis deslocamentos, pode-se observar discursos em circulação na mídia. No início de maio de 2013, em meio às preparações para os jogos da Copa das Confederações, a empresa FIAT lançou uma campanha publicitária em que convocava (ordenava?) os brasileiros a saírem às ruas para torcer pela seleção brasileira de futebol. Essa mesma expressão – “vem pra rua”- produziu outro efeito de sentido ao ser empregada nas manifestações de junho de 2013 pelos manifestantes, como podemos observar nas duas materialidades significantes apresentadas na figura 2:



Figura 2- Propaganda FIAT⁸- Imagem das manifestações⁹

O “vem pra rua” dos manifestantes chamava a população para sair às ruas não para torcer pela seleção brasileira, mas para reivindicar por seus direitos e protestar contra a realização da Copa do Mundo no Brasil. Esse deslocamento de sentidos foi possível porque, segundo ainda Pêcheux (2008, p. 28) “o estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, [funciona] entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetível de resposta unívoca...”. Mesmo apresentando estruturas linguísticas semelhantes, os sentidos produzidos pela expressão “Vem pra rua” são distintos¹⁰. A expressão que, inicialmente, se supunha pertencer à determinada filiação ideológica foi empregada/deslocada com um outro funcionamento nas manifestações. Nas palavras de Orlandi:

Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. Isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca. (ORLANDI, 2012a, p. 43)

Assim, com base nos princípios da AD, não há sentido único para um significante. Apesar da tentativa de naturalização de sentidos por determinado setor da sociedade, eles estão sempre em movimento, deslocando-se de acordo com a condição sócio-histórica. Este exemplo aponta que os sentidos não se constituem apenas na língua, mas discursivamente.

⁸Fonte:<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/vi-na-internet/vem-pra-rua-fiat-tira-campanha-ar-ap%C3%B3s-230316111.html>. Acesso em 28/03/2015, às 14h.

⁹Fonte:<http://www.fariasbritonoticias.com/juazeiro-do-norte-ce-movimento-vem-pra-rua-brasil-e-fora-raimundao-lota-a-rua-sao-pedro>. Acessado em 27/03/2015, às 13h.

¹⁰ DELA-SILVA, Silmara. Notas de aula da disciplina Análise do Discurso. Curso de Pós-graduação. Rio de Janeiro: UFF 03/0/2014.

Após fazer algumas considerações sobre os pressupostos teórico-metodológicos que conduzirão este trabalho, apresentando os conceitos fundamentais da Análise de Discurso, propõe-se, a seguir, trazer algumas reflexões sobre as manifestações populares que ocorreram no passado e as possíveis relações com aqueles que aconteceram nos anos de 2013 e 2014. Busca-se pensar, assim, as condições de produção do discurso sobre as manifestações que ganharam as páginas das principais publicações jornalísticas em circulação no Brasil naquele momento, cujo funcionamento será analisado posteriormente.

2. AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 E 2014

No histórico oficial, as manifestações populares no Brasil são apresentadas geralmente como eventos constituídos por pessoas pobres que, em sua maioria, são moradores de áreas destituídas de serviços públicos e que “desejam ferir a ordem das ruas e estabelecer o vandalismo nas cidades” (MEDEIROS, 2012, p. 210). Ainda segundo Medeiros:

Tais atos são significados, não apenas pela mídia como também pela literatura acerca de movimentos sociais, como ‘explosões espontâneas’, como ‘revoltas cegas’ e ‘desorganizadas’. ‘Os quebra-quebras’ adentram então, a mídia como ‘distúrbio social’, e, da página inicial – manchetes -, passam para página policial. (MEDEIROS, 2012, p. 210)

Esses relatos “oficiais” costumam, assim, apagar o fato de que, historicamente, a luta pela cidadania foi, sem dúvida, um elemento propulsor para a realização de várias manifestações no país. No período colonial, muitos brasileiros tentavam fugir dos excessos cometidos pela Metrópole, principalmente em relação às cobranças exageradas de impostos, e à arbitrariedade de seus governantes. Os movimentos separatistas e abolicionistas destacaram-se no período imperial, além de conflitos regionais que visavam melhorias da crescente população urbana.

Questões como os altos custos dos transportes públicos já causavam revolta à população carioca no século XIX. As primeiras manifestações contra o aumento da tarifa de transporte no país foram relatadas em 1879, com o nome de Protesto Popular Contra o Preço dos Bondes (GOHN, 2013) ou Revolta do Vintém, uma reação da população contra o novo valor da tarifa dos bondes. Houve na época confronto entre manifestantes e policiais; líderes aproveitando-se de movimento para promoverem-se politicamente; pedido de negociação entre o governo e algumas lideranças do movimento; “quebra-quebra” no centro da cidade do Rio de Janeiro e, por fim, a anulação do aumento (AQUINO et al, 2009). Observando as manifestações de ontem e de hoje, é inevitável a comparação entre os fatos que se sucederam em 2013 e os embates do século XIX. Fazendo essas analogias, observa-se que as demandas por melhorias nos transportes públicos são exigências antigas e, pelo que foi presenciado nas manifestações de 2013, parece que permanecerão por muito tempo na lista das reivindicações da população.

Nos relatos de historiadores, nota-se que grandes mobilizações populares foram registradas no início do governo republicado, em resposta às profundas transformações, diga-se, europeização das cidades. Como afirma Del Priore:

traduziam uma reação cultural violenta diante das rápidas e autoritárias transformações ocorridas no período, transformações que não levavam em conta as formas de vida tradicionais da maioria da população (DEL PRIORE, 2010, p. 224)

Dentre as manifestações populares mais conhecidas nesse período, estão aquelas que ficaram conhecidas como a Revolta de Canudos. Realizado no estado da Bahia e liderado por Antônio Conselheiro, o movimento criado, a princípio, para protestar contra aumentos de impostos, teve participação de pessoas que não conseguiram se adequar às mudanças do novo regime, ou seja, pobres e principalmente ex-escravos. Após várias tentativas frustradas do governo, o movimento teve seu fim em 1887, com um saldo de mais de oito mil mortes (GOHN, 2012).

No Rio de Janeiro, em 1904, a manifestação se deu contra a obrigatoriedade da vacinação contra varíola. A resistência à vacina por parte da população foi mais uma demonstração da falta de habilidade do governo no trato com a sociedade, uma vez que o autoritarismo e o modo como as medidas eram tomadas gerou desconfiança e resistência dos cidadãos cariocas.

Ao longo do século XX, com a estabilização da República e com o avanço da industrialização, as reivindicações da população voltaram-se principalmente para a conquista de leis que diminuíssem a exploração dos trabalhadores nas indústrias, além da inclusão de grupos chamados de minoria em práticas que até então não eram legitimadas pela constituição, como o direito ao voto pelas mulheres na década de 1930 e, após 53 anos, o direito ao voto aos analfabetos (GOHN, 2012).

As manifestações participaram efetivamente da construção da cidadania de muitos brasileiros, sobretudo daqueles que não ocupavam lugares (economicamente) determinantes na sociedade e ficavam impossibilitados de lutar por seus direitos. Como afirma Leandro Ferreira: “O fato é que cada grupo social tem sua necessidade de expressão e seu modo de produzir e interpretar sentidos, determinados pelas condições de produção específicas a cada momento histórico” (LEANDRO FERREIRA, 1993, p. 72). O caminho entre a reivindicação de uma demanda até a legitimação em direito de uma reclamação exigiu a persistência e determinação de vários sujeitos. Muitos tiveram de organizar grupos ou movimentos para que suas vozes, unidas, pudessem ser ouvidas e

atendidas, e quando não atendidas, tentaram resolver as dificuldades a seu modo, ou protestando ou dando um “jeitinho”. Leandro Ferreira (1993) refletindo sobre alguns clichês, assim afirma a respeito da expressão “jeitinho brasileiro”:

Quando se refere a “o jeitinho brasileiro”, o efeito de sentido produzido não é exatamente o mesmo do “levar vantagem em tudo”. Com o “jeitinho” o grau de adesão parece ser maior, há mesmo uma simpática tolerância e uma aceitação consentida para com esse modo de ser que identifica e distingue o brasileiro. Uma leitura que pode ser feita do clichê é a de que ele funciona como um *mecanismo compensatório para o brasileiro, frente a tanta adversidade* (Ibidem, p.77).

No entanto, mesmo empregando os “jeitinhos” para contornar as adversidades, há situações que não são possíveis de ignorar, principalmente quando afetam diretamente a população, como por exemplo, os problemas de mobilidade urbana, o acesso aos serviços públicos de qualidade e a produtividade e representatividade da classe política, que foram algumas das demandas expressas pelos manifestantes nas ruas em junho de 2013.

De acordo com alguns historiadores, poucos foram os eventos que contaram com a adesão de grande parte da sociedade brasileira como as manifestações de 2013. É nessas condições sócio-históricas que milhares de brasileiros de quase todos os estados do país saíram às ruas em junho para protestar contra, num primeiro momento, o aumento da tarifa de ônibus e depois, por outras reivindicações já conhecidas, como por exemplo, melhorias na saúde e educação, reforma agrária etc. O país, que sediaria a Copa do Mundo de Futebol no ano seguinte e, no período das manifestações, estava recebendo a Copa das Confederações, encontrava-se num verdadeiro turbilhão de insatisfação contra o que se chamou de “a classe política brasileira”. Na pretensão de tentar dar um significado aos movimentos, a mídia tenta “organizar” ou melhor, “estabilizar” sentidos para este acontecimento. Segundo Orlandi:

O sujeito é a interpretação. Fazendo significar, ele significa. É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do sentido já-lá. A ideologia se caracteriza assim pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história (...) (ORLANDI, 2012, p. 22)

Essa ilusão de sentido naturalizado pode ser observada em depoimentos, artigos, reportagens especiais e alguns livros que buscaram interpretar tais manifestações de forma quase simultânea a sua ocorrência. Um livro lançado em de julho de 2013,

intitulado *Cidades Rebeldes*, expõe na parte da introdução que a obra tem “como iniciativa convocar o pensamento crítico e independente para interpretar os fatos recentes no Brasil no calor do momento” (RONIK et al, 2013). As explicações para entender os movimentos são variadas e abordam diferentes pontos de vista. Nesta mesma obra, um dos autores elabora uma resposta para tentar explicar a causa das manifestações:

Megaeventos, meganegócios, megaprotestos. Não há como não reconhecer a conexão estreita entre os protestos em curso e o contexto propiciado pelos intensos e maciços investimentos urbanos associados à Copa do Mundo de 2014 (...). De um lado, a repressão brutal e a rapidez com que a mídia e governos tentaram amedrontar a encerrar os movimentos deveu-se, ao menos em parte significativa, à preocupação em impedir que os *jovens irresponsáveis* e “*vândalos*” manchassem a imagem do Brasil (...). (VAINER et al, 2013, p. 37)

Nesta passagem, é possível observar que a interpretação sobre as manifestações realizada pelos autores dialoga com os interesses dos movimentos sociais. Algumas marcas linguísticas indicam, em seu dizer, a existência de dois lados em oposição: o governo com seus “megaeventos” e “meganegócios”, e a mídia de um lado, contra a população com os seus “megaprotestos”, sofrendo a repressão brutal do estado, de outro. Essas marcas direcionam alguns sentidos relacionados à mídia, como aquela que manipula a população e está sempre ao lado do poder, e o governo que reprime com agressividade qualquer tipo de manifestação popular. Tais dizeres fazem sentido porque já se inscrevem numa memória discursiva e na história, por isso, significam para o sujeito (ORLANDI, 2012). Por apresentar filiação a uma rede de sentidos construídos a respeito das manifestações, evidencia-se, assim, o discurso da resistência, enquanto o governo e a mídia ocupam o lugar da opressão e da violência.

As denominações para os jovens, como “irresponsáveis” e “vândalos” chamam atenção. Esta última é grafada com aspas, sinal de pontuação que pode indicar, segundo Souza (2001), a reprodução literal de um relato (o discurso direto), ou servir de aviso de que uma determinada palavra está sendo usada num sentido específico, quase sempre figurado ou irônico. Neste caso, vândalos está sendo proferida não pelo articulista, mas pelas vozes que foram contra as manifestações. É possível fazer tal afirmação observando as condições de produção do discurso: os artigos dessa coletânea foram escritos por líderes de movimentos e ativistas que apoiaram as manifestações, entre eles estão o

Movimento Passe Livre¹¹ e a Mídia NINJA¹² (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação). Desta forma, o lugar de onde fala o sujeito-autor não permitiria que ele fizesse referência aos jovens como irresponsáveis e vândalos, no sentido que foi exposto pela mídia tradicional, quando fazia referência aos grupos que promoviam depredações de bens públicos e privados durante as manifestações.

Outro gesto de interpretação foi retirado de um artigo do jornal *O Globo*, no dia 18 de junho de 2013. Neste trecho, o autor também pretende esclarecer os motivos que levaram milhares de pessoas às ruas:

Temos uma propensão à marginalidade. No caso das manifestações há os que justificam o vandalismo como uma forma de protesto, de insatisfação, de jovens que são incompreendidos pelo que chamam de sistema. E a ação do Estado Democrático de Direito é demonizada. Como é possível conter a destruição de ônibus, lojas, bancas de jornal, bares, liberar ruas e avenidas, sem o uso da força? E os abusos cometidos pela ação policial deverão ser investigados e devidamente punidos¹³. (VILLA, 18/06/2013)

Como se observa no trecho citado, o autor do artigo critica o modo como os manifestantes expressam sua insatisfação, posicionando-se contra seus atos, e defendendo o estado de direito do restante da população. Os sentidos que são construídos indicam a defesa da democracia, como se esta estivesse sendo ameaçada pelos manifestantes. Logo no início do trecho, observa-se que o autor atribui à sociedade brasileira “uma propensão à marginalidade”. Há vários dizeres que associam a constituição do povo brasileiro, no início da ocupação das terras brasileiras, a aspectos culturais da sociedade contemporânea. Segundo Orlandi:

Não se trata, pois, de falar de “identidade” mas antes do imaginário que se constrói para significação do brasileiro. Qual é a concepção de brasileiro desses textos e como essa concepção vai trabalhando tanto a exclusão como a fixação de certos sentidos (e não outros) para o brasileiro? (ORLANDI, 2008, p. 20)

¹¹ MPL- O **Movimento Passe Livre** é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada. Fonte < <http://www.mpl.org.br/>>. Acesso em 30 jan. 2015 às 22h.

¹² Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo em Ação) Uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, agindo e comunicando. Apostamos na lógica colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, para realizar reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo. Fonte: <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>> Acesso em 30 jan. 2015 às 22h.

¹³ Fonte: < <http://oglobo.globo.com/opiniao/o-centro-do-debate-8720490>> Acesso em 29 jan. 2015.

Os sentidos fixados para imputar uma essência ao povo brasileiro e, conseqüentemente, justificar sua má conduta, geralmente estão atravessados por significados depreciativos, dizeres que se cruzam histórica e geograficamente para compor uma identidade, compreendido pela AD como um papel e suas implicações (ORLANDI, 1999, p.79), constituída por sentidos consolidados na memória discursiva que produz sentidos na atualidade.

Alguns textos históricos que falam sobre a ocupação das terras brasileiras indicavam a procedência dos habitantes que povoaram a colônia. No livro *Uma Breve História do Brasil*, Del Priore (2010, p. 25) afirma que muitos condenados pela justiça e pela Inquisição e outros casos de malfeitores, os chamados “indesejáveis do Reino”, desembarcaram para o recém-descoberto país. É bastante provável que o discurso da “propensão à marginalidade” tenha encontrado respaldo nesta memória. Dizer que a sociedade é propícia à marginalidade porque esta foi constituída por “marginais” no início de sua ocupação evidencia o funcionamento da ideologia na produção sentidos.

Na década de 1950, as organizações que reivindicavam direitos ou protestavam por mudanças não tinham legitimação na sociedade daquela época. De acordo com Gohn (2012), esses movimentos equiparavam-se às revoluções e, além disso, não apresentavam a segmentação de categorias que se constata atualmente. Eles atuavam, geralmente, em linhas opostas como movimentos pacíficos ou violentos, reformistas ou revolucionários, entre outros. Atualmente a sociedade civil organiza-se em grupos específicos para atender a reivindicações pontuais de cada categoria, como por exemplo, os movimentos e ONGs de luta pela igualdade de gênero, de etnia; movimentos ou associações voltados para questões sobre reforma agrária; movimentos voltados para a defesa do meio ambiente etc. Segundo ainda Gohn (2012), esses movimentos são fundamentais na sociedade, pois:

A meta perseguida neste desfilar de cenas, cenários e paisagens é a de que se possa fazer um balanço das formas de ações coletivas expressas em movimentos sociais e nas redes de mobilizações, e demonstrar que a sociedade civil não é amorfa ou inerte. Mas é preciso qualificar estas ações, que tanto podem ter caráter emancipatório e transformador, como meramente integrativo e conservador. (GOHN, 2013, p. 8)

Desta forma, os movimentos sociais podem ser um caminho para a conquista da democracia, como no exemplo das manifestações que ocorreram em alguns países do Oriente Médio em 2010, mas também para a manutenção e o avanço de um governo popular, situação que aconteceu no Brasil e em outros países democráticos, cada um com suas exigências específicas.

As manifestações de junho de 2013 foram organizadas, a princípio, pelo grupo MPL, que defende a gratuidade dos transportes públicos. Os primeiros encontros foram realizados com um número bastante restrito de participantes, inicialmente contavam com a presença, em sua maioria, de integrantes do MPL e estudantes universitários. Nessa fase das manifestações houve pouca adesão da população à causa dos manifestantes e, a maior parte da mídia tradicional não noticiava os acontecimentos ou quando noticiava, imprimia aos eventos um teor de descaso ou demérito. Nas manifestações seguintes, o movimento ganhou força. Talvez por conta da agressividade da polícia ao tentar “controlar” os manifestantes, a opinião pública entendeu a legitimidade da reivindicação e aliou-se aos manifestantes. A quantidade de pessoas que participaram das manifestações aumentou, assim como também multiplicaram-se consideravelmente as exigências dos manifestantes. O aumento das tarifas não era mais a causa central dos protestos: os cartazes erguidos pelos manifestantes sinalizavam uma onda de insatisfação que parecia ser “contra tudo” (GOHN, 2014) e contra todos. Após o cancelamento do aumento da tarifa das passagens, o MPL encerrou as convocações para novos protestos, mas outros grupos deram continuidade aos movimentos que seguiram até o fim da Copa das Confederações.

Durante esse período, não foi apenas a opinião pública que mudou seu posicionamento em relação às manifestações. Grande parte da mídia tradicional, principalmente as emissoras de televisão, reavaliou ou amenizou as críticas sobre os eventos e, alguns canais de televisão passaram a transmitir o andamento dos protestos em tempo real.

Em 2014, com a visibilidade oportuna dada pela realização da Copa do Mundo, a classe política receava uma reedição das manifestações de 2013 no ano do Mundial, mas essa reação não foi como muitos esperavam. Mesmo com convocações realizadas pelas redes sociais e por movimentos populares, as ações não tiveram o mesmo destaque na mídia. As reportagens limitavam-se a informar, geralmente nas páginas policiais¹⁴, as manifestações e os episódios de vandalismos orquestrados pelos *Black Blocs*.

Ao contrário das volumosas análises de especialistas e intelectuais sobre as manifestações de 2013, os eventos de 2014 não dispuseram da mesma atenção da mídia.

¹⁴ Folha de São Paulo: Governo cogita exigir aviso prévio de protestos. <http://acervo.folha.com.br/fsp/2014/02/18/15/> < Acessado em 13 de abril de 2015, às 19hs.

Em entrevista¹⁵ ao programa Diálogos¹⁶, apresentado pelo canal Globo News, a socióloga Silvia Viana, questionada sobre o esvaziamento das manifestações de 2014, elencou diversos motivos para o afastamento da população naquele momento. Segundo Silva, em 2013, o país vivia outro momento histórico, houve “um elemento surpresa” que comoveu o governo, a mídia e a polícia. Outro fator que teria sido responsável por espantar as pessoas das manifestações em 2014 seria a organização da polícia para dispersar grandes públicos, ou seja, a polícia estava mais preparada para “machucar os manifestantes e aparecer menos”, e completa que não foi o grupo “*Black Blocs*” que assustou as pessoas, mas sim a polícia.

2.1. NAS MANIFESTAÇÕES, O JORNALISMO

A insatisfação da sociedade contra os políticos e o modo de governar o país foi o foco das manifestações de 2013 no Brasil, porém, outra questão bastante delicada sobressaiu nos protestos: o repúdio e até agressões aos jornalistas por parte de alguns ativistas. Mas por qual motivo esses manifestantes expressaram desprezo pelos jornalistas? Quais sentidos de jornalismo foram naturalizados para se questionar o papel da imprensa no Brasil? Para responder a tais perguntas, faz-se necessário refletir sobre os conceitos de jornalismo como se concebe na área de comunicação e pensa-los discursivamente. Para Bahia(2009), jornalismo significa:

apurar, reunir, selecionar, e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação. (...) É da natureza do jornalismo levar a comunidade, direta ou indiretamente, a participar da vida social. Nesse sentido, assume uma condição de **intermediário da sociedade**. (BAHIA, 2009, p.19, grifos nossos)

A partir dessas explicações, entende-se que o que a mídia em geral reclama para si não difere muito das formulações expostas acima e das qualificações que a maioria dos leitores espera dos chamados veículos de comunicação: que seja “um prestador de serviços, alguém que dá as informações corretas, e não um ideólogo ou um defensor de

¹⁵ Fonte < <http://www.boitempoeditorial.com.br/v3/Noticias/visualizar/3820>> Acesso em 27 de março de 2015, às 14hs.

¹⁶ Programa exibido no Canal Globo News, dia 05 de fevereiro de 2015.

causas e bandeiras” (SCALZO, 2013, p. 55). Mas da perspectiva da AD, sabe-se que este ideário de imparcialidade é apenas uma pretensão. Como afirma Pêcheux:

o sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina.(...) a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina. (PÊCHEUX, 2009[1988], p. 150)

O sujeito-jornalista não se encontra num “estado de natureza ou de inocência” (Pêcheux, 2009, p.174): ele fala de um lugar e adere a determinada formação discursiva para intermediar as notícias. As acusações de manipulação da mídia feita por alguns manifestantes são ocorrências que já foram ditas anteriormente e se atualizaram na memória da população. No trecho a seguir, um exemplo do modo como alguns jornalistas foram tratados nas manifestações:

Rio - Os jornalistas da TV Globo vêm encontrando dificuldade para fazer reportagens no meio dos manifestantes que protestam pelo Brasil contra os gastos dos governos. Nesta segunda-feira, a *Globo resolveu responder as críticas dos manifestantes, dizendo que não vem cobrindo os protestos desde seu início e que não tem nada a esconder*. O repórter Vandrey Pereira, para não ser agredido durante uma manifestação no Rio na última quinta-feira, teve de ser escoltado por seguranças da Globo após quase ser atingido por pedras e um saco de lixo. Em outros protestos, o repórter já vinha sendo hostilizado¹⁷. (Jornal O Dia, 18/06/2013)

Em meio aos protestos, os sentidos produzidos sobre o jornalismo apontam para outros direcionamentos, tais como manipuláveis e corruptíveis. Nas palavras de Mariani (2007, p. 216): “o que é dito nos jornais depende fortemente das possibilidades enunciativas específicas de cada formação social em uma conjuntura histórica”. Assim, o que possibilita à mídia direcionar sentidos e silenciar outros são as condições de produção e, naquele momento, tudo o que foi dito sobre as “distorções” da mídia em outros contextos significou ali. Provavelmente, o acontecimento que acionou a memória dos manifestantes contra o jornalista da emissora se deu, sobretudo, porque um dos jornais mais influentes do país, O Globo, havia apoiado a ditadura militar. Atitude que só foi admitida oficialmente depois de passados quase 50 anos do regime militar.

À luz da História, contudo, não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto

¹⁷ Fonte:< <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2013-06-18/caco-barcellos-e-hostilizado-por-manifestantes-em-sao-paulo.html>>. Acesso em 30 de jan. 2015. Às 17h.

original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma.”¹⁸ (O Globo, 31/08/2013)

Desta forma, pelos gritos (dizeres) dos manifestantes, é possível reconhecer os resquícios de um passado manipulador do jornal que, antigamente silenciava os abusos da ditadura militar e que recentemente admitiu também que não cobriu o início das manifestações. Por outro lado, os manifestantes que hostilizavam os jornalistas cobravam uma imparcialidade que não existe no jornalismo ou em qualquer outro discurso, pois, essas organizações seguem o interesse do sistema capitalista e, segundo Mariani, “nele se encontram, entrecruzando-se, os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes bem como, ainda que indiretamente, dos leitores” (1999, p. 102).

Para a população em geral, a imprensa exerce um trabalho primordial para a sociedade: informar os cidadãos sobre os fatos que ocorrem em diversos lugares do mundo. Os jornalistas são responsáveis por levar informação ao conhecimento dos leitores ou ouvintes. Para Mariani:

a imprensa funciona desambiguando o mundo, ou seja, a construção das notícias se dá pela formulação de enunciados que organizam os acontecimentos em uma ordem logicamente representável. (MARIANI, 2007, p. 199)

Dessa maneira, é atribuído à imprensa um papel de facilitador entre os fatos e seus leitores, é um elemento que põe ordem ao caos dos acontecimentos diários, disponibiliza os eventos que serão transformados em acontecimentos jornalístico e, conseqüentemente, silencia os que sairão das primeiras páginas dos jornais e das revistas.

Produzida para um público específico, as revistas semanais apresentam as notícias sempre com foco na imagem do leitor a quem direcionam suas informações. Levando em consideração que as revistas não dispõem do fator “atualidade” para oferecer aos seus leitores, a atração desses periódicos recai sobre a interpretação que os jornalistas fazem dos acontecimentos ali relatados, ou seja, a partir do ponto de vista da publicação, elaborase uma releitura da história e encaminha-se, eventualmente, seus comentários de acordo com a posição ideológica por ela adotada.

¹⁸Fonte:<<http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro->>. Acesso em 30 jan. 2015, às 17h.

Segundo Lustosa (1996, p. 105), “A contextualização do fato narrado é feita a partir do processo de recuperação de vários acontecimentos...”. Essas ocorrências são apresentadas de acordo com o discurso adotado em cada publicação. Para exemplificarmos, a revista *Veja* publicou no em junho de 2013 a capa com os dizeres *A REVOLTA DOS JOVENS*. No mesmo dia, a revista *IstoÉ* estampa imaginariamente o mesmo tema, mas com os seguintes dizeres: *A VOLTA DA REPRESSÃO*. Aparentemente, são distintos o posicionamento das publicações sobre os protestos. Conforme Lustosa, “A revista, em suma, produz um texto interpretativo, ...” (Ibidem, p. 103). Ou seja, os fatos são de alguma maneira “didatizados” (MARIANI, 1996, p. 46) para que o leitor daquela publicação possa compreender a reportagem segundo o direcionamento dado pela revista. É justamente esse direcionamento de sentidos apresentado pelas revistas ao se dizer sobre as manifestações, assumida por *Veja* e *Isto É*, tradicionais publicações semanais brasileiras, que constitui o foco de análise deste trabalho.

A revista *IstoÉ* foi lançada em 1976 pela editora Três, por Domingo Alzugaray, ex-diretor da Editora Abril, entre outros sócios. *IstoÉ* é a terceira revista semanal de variedades mais vendida do país, ficando atrás somente da revista *Época*, publicada pela editora Globo e da revista *Veja*, editada pelo Grupo Abril. Ao dizer de si, a revista *Isto É* denomina-se como independente, qualificação que está presente na logomarca da revista como um adjetivo. Segundo a editora Três, *IstoÉ* é independente porque não possui vínculo com partidos políticos ou grupos econômicos. Esta “independência”, conforme a editora, é uma inscrição da revista, responsável por conceder à publicação alguns furos jornalísticos e reportagens investigativas com autonomia e objetividade.

A revista *Veja*, por sua vez, foi fundada pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta em 1968 e segue na liderança como a revista mais lida do país e a terceira mais vendida do mundo. Como outras publicações, *Veja* afirma seguir uma linha editorial “independente” e “impessoal”, além de sugerir em sua logomarca que as reportagens permitem aos leitores assumir um posicionamento, mesmo sendo contra ou a favor, mas nunca “indiferente”. As duas revistas se dizem independentes e imparciais, mas na prática deixam marcas em seu dizer da posição ideológica que ocupam. São essas marcas que levarão ao discurso dessas publicações acerca das manifestações de 2013 e 2014.

As revistas semanais, ao contrário dos jornais, não trabalham com a atualidade dos acontecimentos, assim, para suprir este que seria um ponto negativo, as revistas precisam ousar em seu espaço mais atrativo: a capa. O árduo trabalho dispensado pelas revistas para conquistar o olhar dos leitores, em meio à multidão de outras publicações à venda,

precisa ser estudada detalhadamente. Por isso, as revistas precisam sintetizar as notícias que consideram mais interessantes para expor em sua porta de entrada. As capas precisam ser “um resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor” (SCALZO, 2012, p. 62).

Além das capas, os editoriais e as reportagens também serão contempladas neste trabalho. Os editoriais são, segundo o discurso jornalístico, o espaço reservado para a publicação expor seu ponto de vista sobre determinado assunto. Geralmente, esta área antecede o tema principal da publicação, abordando algum aspecto relevante da reportagem e, estabelecendo já neste espaço, um posicionamento sobre a matéria.

Às reportagens, que são as abordagens mais aprofundadas de certas notícias, são reservados os maiores espaços das revistas. Nas reportagens são apresentados todos os pormenores de assuntos que estão em destaque no país ou no mundo.

É por essa relevância atribuída jornalisticamente à capa, aos editoriais e as reportagens de uma revista que esses espaços foram selecionados das revistas *Veja* e *IstoÉ* para nortear a constituição do *corpus* desta pesquisa.

Fundamentado nos percursos teórico-metodológicos abordados anteriormente e embasado no desenvolvimento de algumas considerações sobre as manifestações de junho de 2013 e 2014, articulados a alguns apontamentos sobre o papel da mídia na sociedade, especificamente as revistas semanais *Veja* e *Isto É*, apresentamos no próximo capítulo algumas considerações sobre o silêncio e seu funcionamento no discurso jornalístico.

2.2- NO JORNALISMO, O SILÊNCIO

O discurso jornalístico, ao falar sobre suas práticas, atribui a si a função de informar a sociedade sobre os fatos relevantes e estabelecer uma ordem, um conhecimento geral sobre as coisas do mundo. Para Juarez Bahia (2009, p. 19), “É de natureza do jornalismo levar a comunidade, direta e indiretamente, a participação da vida social. Nesse sentido, assume uma condição de intermediário da sociedade.”

Segundo Mariani, este discurso “é produzido em condições históricas de confrontos, alianças e adesões que gerenciam e constituem as interpretações produzidas.” (MARIANI, 1999, p. 111). A partir dessas reflexões, buscar qualquer traço de imparcialidade por parte da mídia é algo pouco produtivo, embora seja com base na

premissa de imparcialidade que grande parte da imprensa trabalha ou tenta projetar essa imagem para seus leitores.

A mídia atua com a “construção de verdades” (MARIANI, 1999, p.111), ou seja, apresenta as notícias conforme suas posições ideológicas para que o sujeito leitor conceba seu discurso como evidência. O gesto de leitura realizado pela mídia é com frequência entendido, então, como a versão final para um acontecimento diário. Além disso, ao se reconhecer como uma instituição que retrata e explica os fatos cotidianos para a sociedade, a prática discursiva da mídia também flutua à medida que as tensões políticas convergem para organizações que detém o poder e, de acordo com as circunstâncias. Assim, o sentido naturalizado no passado por um meio de comunicação pode não apresentar o mesmo significado em outros períodos. Nesse processo, observam-se nas práticas discursivas das publicações analisadas deslocamentos de sentidos em certos dizeres.

A produção de interpretações favoráveis a uma posição ideológica da mídia condiciona, necessariamente, à exclusão de outros dizeres concernente ao mesmo acontecimento jornalístico. Essas lacunas de sentidos periféricos serão analisadas, nos termos de Orlandi, como silêncio. “Este pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido.” (2012, p. 83).

O silêncio, formulado por Orlandi (2007, p. 27), “é não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, o vazio sem história. É o silêncio significante”. Ou seja, o silêncio significa a partir da inter-relação da língua com a história, aqui entendida como tensões que envolvem conflitos e disputa de poder. Observando por esses aspectos, é possível detectar as marcas do silêncio por sua discursividade (ORLANDI, 2012). Por isso, a análise precisa seguir um rastro discursivo, o intradiscorso deve ser considerado juntamente com seu contexto histórico.

Orlandi (2007) propõe uma classificação em que distingue três formas do silêncio: o silêncio fundador, o silêncio constitutivo e o silêncio local. O primeiro refere-se ao prenúncio da significação, é a indicação que o sentido não está aprisionado numa palavra, ele pode ser múltiplo, pois, para Orlandi (2007), o silêncio é o lugar da movimentação do sujeito e dos sentidos, enquanto a linguagem, o lugar onde os sentidos se consolidam.

Para pensar esse modo de funcionamento do silêncio, pode-se tomar como exemplo o editorial da revista *Isto É* de 18 de junho de 2014, cujo título é *As vantagens indiscutíveis da Copa*. Ancorado na memória discursiva do desenvolvimentismo e nas

filiações de sentidos das quais a revista se inscreve, o texto elenca em seu editorial os prováveis benefícios que o Brasil poderia obter ao sediar a Copa do Mundo de Futebol. Desse modo, funciona no dizer da revista um já-dito sobre progresso e prosperidade, relacionando-os ao grande canteiro de obras em que o Brasil se transformou e que, por sua vez, foi noticiado excessivamente por vários meios de comunicação naquele período. Observa-se, no título, alguns efeitos de sentidos que estabelecem evidências sobre “*as vantagens indiscutíveis da Copa*”. Na perspectiva da revista, os dividendos do evento esportivo é algo dado, não há discussões sobre as possíveis “desvantagens” da Copa e quem, por ventura, seria afetado desfavoravelmente pela realização do evento esportivo. Essa informação, indicada pelo adjetivo “indiscutíveis”, silencia as “desvantagens” de se organizar uma Copa num país onde, num passado recente, diversos segmentos da população manifestou-se nas ruas por melhores condições de vida e, sobretudo, contra a realização do campeonato.

A segunda forma do silêncio, apontada por Orlandi (2007), é a política do silêncio, que estabelece os dizeres que são ocultados para se evidenciar outros. No edital publicado em 19 de junho de 2013 pela revista *Veja*, *Eles querem dizer alguma coisa*, são relatadas ocorrências dos primeiros dias de manifestações nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. A narração dos fatos se mostra num tom jocoso ao se dizer sobre os manifestantes. Já no título do texto, a reportagem denomina os manifestantes simplesmente com o pronome pessoal *Eles*, sem nenhuma referência anterior aos participantes do movimento. Ao tratar dos pronomes pessoais de terceira pessoa, Benveniste (2005, p. 283) aponta que “só servem na qualidade de substitutos abreviativos (...) e que correspondem a uma necessidade de economia, substituindo um segmento do enunciado a até um enunciado inteiro, por um substituto mais maleável”. O *Eles* aí funciona então como uma não-referência, ou seja, para a revista, *Eles* significa qualquer um, não tem relevância anunciar nomes ou denominar grupos, o pronome na terceira pessoa silencia outras designações possíveis.

O processo de designação que, segundo Zoppi-Fontana (1999), é entendido como “*relações semânticas instáveis, produzidas pelo cruzamento de diferentes posições de sujeito, a partir das quais instala-se um sentido, apagando outros possíveis/dizíveis*” é estabelecido pelo gesto de interpretação que *Veja* fez dos acontecimentos, isto é, ao nomear os manifestantes simplesmente por *Eles*, a posição ideológica da revista se interpõe como uma referência estabelecida no “espaço do funcionamento da língua” em oposição às práticas sociais que os manifestantes representavam ali naquele momento

que, segundo a revista, resume-se em “*jovens brasileiros que estão vandalizando as ruas*”. Segundo a memória discursiva recortada por *Veja*, as manifestações expressam um ataque ao governo, ao poder cuja mídia tradicional frequentemente defende em suas reportagens. Segundo Orlandi “a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2007, p. 73). Nesse sentido, o que a reportagem apaga são as vozes dos usuários que dependem dos transportes públicos caros, precários e insuficientes para atender a população mais pobre; dos rodoviários que precisam enfrentar uma rotina de trabalho extenuante, que devem resguardar pela vida de milhares de pessoas, mas não recebem a devida valorização para exercer tal função e, além disso, são alvos constantes das reclamações dos passageiros quando ocorrem os reajustes das tarifas de ônibus. Todos esses atores são postos na vala comum da incompreensibilidade questionada pela revista.

E por último, o silêncio local ou censura indica a proibição de o sentido se estabelecer em determinada formação discursiva. Nas palavras de Orlandi:

Dito de outra forma, o mecanismo de silenciamento é um processo de contenção de sentidos e de asfixia do sujeito porque é um modo de não permitir que o sujeito circule pelas diferentes formações discursivas, pelo seu jogo. Com o apagamento de sentido, há zonas de sentidos, e, logo, posições do sujeito que ele não pode ocupar, que lhe são interditas (ORLANDI, 2008, p. 60)

Neste caso, um exemplo bastante esclarecedor foi o período da ditadura militar no Brasil. Muitas pessoas, principalmente a classe artística e parte da mídia usaram a criatividade para driblar a censura e tentar expor suas críticas ao governo ditatorial. Mesmo não aderindo a essa prática, esses sujeitos foram proibidos de posicionar-se por outras formações discursivas, deixando vazios os espaços que, por ventura, deveriam ocupar, abstraindo assim os não-ditos e, conseqüentemente, fazendo emergir os sentidos através de suas discursividades, do silêncio que faz sentido naquele espaço.

Ao falar sobre a resistência de alguns jornais no período da ditadura, Orlandi (2007, p. 114) cita exemplos dos vazios que eram visíveis demais, ou seja, os espaços em branco que significavam ali a materialidade da censura. Esses vazios deveriam ser preenchidos por algum texto, mas seja qual fosse o texto exposto, o sujeito via ali naquele amontoado de palavras outros sentidos, os sentidos da proibição, da censura.

Para nossa pesquisa, trabalharemos, predominantemente, com silêncio fundador, que nas palavras de Orlandi:

Significa em si. É ele, afinal, que determina a política do silêncio: é porque significa em si que o “não-dizer” faz sentido e faz um sentido determinado. É o silêncio fundador, portanto, que sustenta o princípio de que a linguagem é política. (...) **importa menos saber o que ficou silenciado e mais a própria política da palavra: que “x” se disse para não se dizer “y”?** Como esse “y” silenciado acaba por significar ao longo das diferentes falas e dos seus apagamentos? (ORLANDI, 2008, p. 59, grifos nossos)

É a partir das sequências de reportagens especiais sobre a Copa do Mundo e sobre outros assuntos postos em destaque pelas revistas que constituem nosso corpus, de acordo com as regularidades discursivas e suas rupturas, poderemos identificamos nas lacunas o que foi silenciado pelas publicações.

Nas inúmeras reportagens sobre as manifestações de 2013 e seus possíveis desenlaces, muitos jornalistas apontavam o ano de 2014 como o momento promissor para novos e massivos protestos, por ser o ano da realização do evento esportivo e também de eleições, como indicou a revista *Isto É*, do dia 3 de julho de 2013:

SD1 Se mudanças no cenário político nacional não acontecerem rapidamente, a rua irá aumentar o volume de seus gritos (...) O movimento surpreendeu pelo tamanho, pela heterogeneidade e pela capilaridade. Em plena Copa das Confederações, a velha máxima de que o futebol é o ópio do povo perdeu validade diante dos protestos de junho. Mas como será o Brasil daqui para a frente? (Revista *IstoÉ*, 3 julho de 2013)

Porém, o que se viu foi um novo aspecto das manifestações e um outro lado da Copa do Mundo. *Isto É* publicou na edição de 2 de julho de 2014, em reportagem especial sobre a Copa, os seguintes dizeres:

SD2 A Copa já está deixando saudades. **O povo abraçou a festa de forma surpreendente. Os indicadores locais, no entanto, refletem a empolgação da população com o evento.** O comércio registrou aumento de 40% nas vendas e o setor hoteleiro teve lotação máxima (...) Curitiba, que **enfrentou problemas** com os atrasos na Arena da Baixada **superou as dificuldades** durante o torneio” (Revista *IstoÉ*, 2 de julho de 2014, p. 62)

Após a exposição dessas duas SDs, podemos fazer alguns apontamentos. Observamos na SD1 que a revista sobrepõe a importância das manifestações ao evento esportivo quando surpresa, de certa maneira, pelo protagonismo dado às manifestações pela população face à realização da Copa das Confederações. *Isto É* restaura o discurso sobre a suposta relevância que o futebol desfruta sobre determinado segmento da população. Nas palavras de DaMatta:

Dizer, pois, que o "futebol é o ópio do povo", é insistir que o laço é de oposição – pois o futebol milita de algum modo contra a sociedade brasileira e seus "reais interesses". (...) A tese tem um claro sabor utilitarista-funcionalista, (...) Ou seja, só quem sabe o real papel do futebol na sociedade brasileira é a **camada dominante (que o utiliza como ópio das massas)** e os **críticos da sociedade**. A massa permanece na escuridão de sua idiotice crônica, incapaz de perceber seu sistemático engano. (DaMATTA, 1982, p. 22, grifos nossos)

Na posição que projeta para si mesma em seu dizer, papel de transmissora de acontecimentos e de formadora de opiniões, a revista posiciona-se como “camada dominante” e “críticos da sociedade” e, desse lugar, também apostou no conflito entre futebol contra sociedade, como se observa no trecho “*Em plena Copa Das Confederações*” e, em seguida, admite que essa polaridade esvaiu-se no período dos protestos. A revista também reconhece, como grande parte da mídia tradicional o fez, sua predileção por alguns tipos de manifestações, pois, ao afirmar que “*O movimento surpreendeu pelo tamanho, pela heterogeneidade e pela capilaridade*”, aponta que não é qualquer manifestação que *IstoÉ* noticia: é preciso ser volumosa, ter a participação de várias camadas da sociedade e apresentar muitas reivindicações. Ou seja, os protestos que não dispõem de muitos participantes, apresentam pautas de reivindicações limitadas, tais como as numerosas manifestações que ocorrem quase que diariamente nas periferias e nos subúrbios do país, não entram nas reportagens de *IstoÉ*, são silenciadas pela mídia.

As projeções colocadas pela revista estabelecem um ponto delimitador entre o início das manifestações e o porvir com um questionamento que ela mesma responde na introdução da SD1: “*Se mudanças no cenário político nacional não acontecerem rapidamente, a rua irá aumentar o volume de seus gritos...*”. *IstoÉ* se também coloca como porta-voz das manifestações, posição que, nas palavras de Zoppi-Fontana define-se como:

um funcionamento enunciativo de mediação da linguagem, como forma nova de enunciar a palavra político, através da qual um sujeito pertencente a um grupo, e reconhecido pelos outros integrantes como igual, destaca-se do resto como centro visível de um nós em formação, que o coloca em posição de negociador potencial com o poder constituído (ZOPPY-FONTANA, 1997, p. 20)

Desta forma, a revista traz uma perspectiva/evocação para a realização de novos protestos, caso a classe política não anuncie novos projetos para solucionar as exigências das ruas e tentar convencer a população sobre a relevância de suas práticas.

A indagação feita por *Isto É* - “*Mas como será o Brasil daqui para a frente?*” - possibilita apreendermos que, após as manifestações, o país, ou melhor, o governo, iria

seguir por caminhos diferentes dos que antecederam o mês de junho. Porém, essa perspectiva não se confirmou em 2014 nas páginas da revista. O que se viu nas reportagens de 2 de julho de 2014 foi justamente a retomada do discurso sobre a máxima “*futebol ópio do povo*”, repetido na forma de cobertura especial sobre a Copa (17 páginas) e a capa, destacando uma reportagem cuja título “A guerra do glúten” (6 páginas) aborda questões sobre alimentação e dieta.

Nos excertos da SD2, podemos observar como a institucionalização do discurso sobre o sucesso da Copa, materializado no trecho “*O povo abraçou a festa de forma surpreendente*”, e conseqüentemente, o silenciamento sobre as manifestações (em *A guerra ao glúten?*) sofreram deslocamentos de sentidos. Por meio de atualizações temáticas lançadas diariamente na sociedade, a mídia trabalha com seleção e interpretação de notícias que circulam de acordo com sua conveniência, ou o interesse de grupos que a representam. Assim, a mídia pretende organizar na memória social discursos que promovem a estabilização de sentidos sobre os acontecimentos que elege como acontecimentos jornalísticos. Nas palavras de Schwaab:

A atualidade no jornalismo de revista, portanto, está não só no modo como esta lida com questões do presente, mas **como torna atuais, por meio de esforço temáticos, determinados enquadramentos pertinentes ao espírito do tempo em que vivemos**. Ao mesmo tempo, as revistas enquadram sua própria produção num jogo entre oportunidade, demanda, mercado e anseio social. (SCHWAAB, 2013, p. 72, grifos nossos)

Nessa perspectiva, em sintonia com exigências mercadológicas, o discurso de *IstoÉ* corrobora com a tese de que os grandes eventos podem alavancar o crescimento econômico do país. Conforme podemos observar na SD2, o tom festivo e alvissareiro que vigorou nas reportagens de *IstoÉ* em 2014 marcado em: “*O povo abraçou a festa*” ou “*O comércio registrou aumento de 40% nas vendas e o setor hoteleiro teve lotação máxima*”, oscilou em relação ao caráter belicoso e ameaçador das argumentações sobre a necessidade da realização de mais protestos para inibir a inércia dos governantes em 2013: “*Se mudanças no cenário político nacional não acontecerem rapidamente, a rua irá aumentar o volume de seus gritos*”. Essas variações de vozes, nas palavras de Mariani são pertinentes, pois:

Analisar o discurso jornalístico enquanto prática social produtora de sentidos, é considera-lo do ponto de vista do funcionamento imaginário de uma época, considerando as várias vozes que o constituem. Como qualquer outra prática discursiva este discurso integra uma sociedade,

sua história, ele também é história, ou melhor, “ele está entranhado de historicidade” (MARIANI, 2014, p.139)

As tensões que determinaram a disputa de redes de sentidos sobre as manifestações, sobre a Copa e outros assuntos que foram reportados como temas preponderantes para os leitores decorreram porque os dizeres estão sempre em disputa pela hegemonia de sentidos. As marcas linguísticas direcionam-se para Formações Discursivas diversas que, num determinado período, serão reorganizados na memória social como acontecimento histórico por uma Formação Discursiva dominante.

Para a AD, segundo Orlandi (2012a), não há sentidos pré-estabelecidos nas palavras, eles se dão pela interpretação que os sujeitos fazem; inseridos numa dada formação ideológica, instauram o processo significativo de um enunciado. No *corpus* inicial, é possível detectar que as variações de definições dada ao nomear “manifestações” flutuam de acordo com as circunstâncias e com as relações de forças estabelecidas nos respectivos momentos. Conforme Pêcheux afirma (2009[1988], p. 16) “As palavras, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas.” Desta forma, o sujeito acredita que certos dizeres só podem reproduzir determinado sentido e não outros.

Após o período de um ano das manifestações, observando a discursividade sobre os protestos, ou seja, como a língua se manifestou para se inscrever na história (ORLANDI 2012a), percebemos que as designações sobre esse acontecimento jornalístico atravessaram diferentes filiações de sentidos. Em 2013, a revista *Veja* de 26 de junho de 2013, intitulou a reportagem sobre as manifestações de Edição Especial e, ao narrá-los em 28 páginas, empregou as seguintes referências parafrásticas:

- 1-*protesto contra o aumento;*
- 2-*fenômeno social de massa inteiramente novo;*
- 3- *multidão bem acima de 1 milhão de pessoas;*
- 4-*a maior manifestação popular desde as Diretas Já;*
- 5-*multidão de libertários independentes não ideológicos;*
- 6- *A revolução de verdade*
- 7- *multidão que bradava contra corrupção;*

Em 2014, edição do dia 18 de junho, a revista circulou com 30 páginas abordando notícias sobre a Copa. Nesta edição, os dizeres sobre as manifestações encontradas na revista foram os seguintes:

- 1-*manifestações que derrubaram o apoio popular aos governantes;*

- 2- *onda de protestos contra o governo;*
- 3- *crise social de junho passado;*
- 4- *protestos contra a Copa;*

Verifica-se, nessa pequena amostragem, que as diferentes designações nos dizeres sobre as manifestações atuam estabelecendo movimentos de sentidos e silenciando certos dizeres. Conforme aponta Zoppi-Fontana:

As relações de paráfrase que se estabelecem entre as diferentes designações produzem um efeito de *indefinição das relações de referências e de indistinção e intercambialidade das designações*, apagando a orientação interpretativa produzida pelos diversos atos de nomear. (...) Assim, o mesmo gesto que nomeia a partir dessas categorias, nega a adequação ou propriedade das mesmas para identificarem eficazmente os referentes nomeados. (ZOPPI-FONTANA, 1999, p. 205)

Pelas análises iniciais, é possível detectar que as variações de designações dada ao nomear “manifestações” flutuam de acordo com as circunstâncias e com as relações de forças estabelecidas nos respectivos momentos. Nas semanas que ocorreram as manifestações, a classe política sentia-se de certa maneira acuada pelos movimentos. Naquele período, os atos conseguiram alterar a rotina dos governantes e impuseram uma nova pauta à classe política à medida que os manifestantes foram alçados à posição de via alternativa para o cumprimento das eternas promessas de melhorias de serviços públicos, como foi colocado por Gohn:

A presidente Dilma cancelou a viagem que faria ao Japão (...) Nesse dia, após negar que houvesse uma crise institucional no país, fez o primeiro pronunciamento público em rede de rádio e TV, prometendo que iria chamar governadores e autoridades para a elaboração de um pacto em torno de melhoria dos serviços públicos. (GOHN, 2014, p. 31)

A partir dessas reflexões, é possível verificar que, em 2013, a discursividade que a revista confere às manifestações projeta uma referência valorativa e singular ao acontecimento jornalístico em pauta: “*a maior manifestação popular desde as Diretas Já*” ou “*A revolução de verdade*”. Como descreve Zoppi-Fontana (1999), verifica-se a posição dos sujeitos de acordo com as séries de referências parafrásticas dos enunciados produzidos pela revista.

A estabilização de sentidos sobre a importância das manifestações foi historicizada pela memória social como um acontecimento histórico de dimensões

atemporais. É preciso lembrar, constantemente, sobre a relação de subordinação existente entre a mídia tradicional e as forças que exercem o poder em determinado período e, nesse contexto, os protestos entraram para a narrativa da história do Brasil no discurso jornalístico.

Para o senso comum, o futebol é considerado uma distração para determinado segmento da sociedade, ou seja, o esporte serve de subterfúgio para a população esquecer seus reais problemas. Essa conclusão simplista foi uma das mais usadas por críticos e analistas que tentaram explicar o motivo pela qual as manifestações de 2014 não tiveram o mesmo número de participantes do ano anterior, pois, a população havia se rendido aos encantos do futebol e, por assim dizer, esquecido suas reivindicações. Pelas reportagens analisadas em 2014, a máxima “futebol, ópio do povo” foi confirmada, pelo menos nas matérias da mídia tradicional.

O que foi percebido nos enunciados sobre as manifestações no ano da Copa não reproduziu a mesma euforia que alguns jornalistas demonstraram no ano anterior, como apontam os dizeres: “*onda de protestos contra o governo*” e “*crise social de junho passado*”. Essa nova rede de sentidos carrega consigo o interdiscurso que determina o dizer sobre a suposta artificialidade do evento: *onda* (algo passageiro); *protesto* (reclamação, queixa, talvez sem muita importância); *crise social* (alteração, fase difícil da população) *de junho passado* (delimitação temporal muito resumida, só houve manifestação em junho de 2013).

As novas representações dada às manifestações na mídia suscita um não-dito em relação ao que foi dito sobre os eventos e, pelas condições de produção da época, configurado como acontecimento histórico. Para Orlandi:

O silêncio não é diretamente observável e no entanto ele não é o vazio, mesmo do ponto de vista da percepção: nós o sentimos, ele está lá (...) Para torná-lo visível, é preciso observá-lo indiretamente por métodos (discursivos) históricos, críticos, desconstrutivistas. É preciso aqui lembrar que pensamos a relação indireta entre o produto e sua “origem”, sua “causa”. Sem considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentidos, é impossível compreender o silêncio. (ORLANDI, 2007, p. 45)

As atuais marcas linguísticas indicam que houve uma resignificação de sentidos detectados pelas novas formulações semânticas e pelo silêncio. A ocorrência das manifestações registradas de forma unânime pelas mais variadas formas de mídia dava como certo que a população brasileira estaria mais atuante politicamente e que os protestos se tornariam algo rotineiro no país. A atuação dos manifestantes continuou, no

entanto, os dizeres nas revistas analisados apontam para a efetivação de sentidos que desconstroem os efeitos naturalizados pelo discurso jornalístico sobre a importância das manifestações e, simplesmente, ignoraram os atos, ao enfatizar o evento esportivo e escolher pautas de relevância duvidosas para circulação de sentidos outros, estabilizando sentidos procedentes de determinada posição ideológica. Nas palavras de Mariani (1999, p.109), essa batalha pela sentido se dá porque “concordar, discordar, repetir, e/ou transformar o sentido de palavras, expressões e textos são mecanismos linguísticos que expressam a luta pela materialidade dos sentidos.”

3. AS MANIFESTAÇÕES EM VEJA E ISTOÉ

Tendo em vista que o objetivo da pesquisa é analisar o funcionamento do discurso nas reportagens sobre as manifestações em *Veja* e *IstoÉ*, neste capítulo são apresentados o modo como se constituiu o corpus de análise, bem como as análises, que têm como foco observar: i) o modo como essas revistas, que se consideram de informação, produziram gestos de interpretação sobre as manifestações que ocorreram em 2013 e 2014; ii) as posições discursivas em que cada publicação se inscreve ao mobilizar sentidos sobre as manifestações e; III) o funcionamento do silêncio no *corpus* e as diferentes designações para manifestações.

Para a constituição do corpus, optou-se pela seleção das capas seguindo as edições de 2013 e 2014, respeitando a proximidade das datas de publicação, em decorrência de uma exigência metodológica. Em Análise de Discurso, os dizeres e as circunstância de enunciação são considerados a partir das condições de produção de cada momento histórico, ou seja, de acordo com o contexto, as discursividades apreendidas por cada semanário irá flutuar para, posteriormente, estabilizar-se em virtude das relações de forças vigente. Desta forma, pelo critério de temporalidade, pode-se observar como as designações para manifestações foram deslocadas para compor determinadas redes de sentidos e silenciar outras, de acordo com a posição ideológica em que cada revista se instala.

Além das condições de produção, será analisado também o discurso jornalístico e o seu funcionamento na memória social. No decorrer das análises, observa-se que até se chegar à designação para o acontecimento, vão surgindo diversas interpretações para os protestos que encaminham para dominância de um sentido. A partir de então, o discurso da mídia irá reproduzir esses sentidos como evidência, como se esse fosse o único sentido possível para o acontecimento jornalístico que, segundo Dela-Silva, (2011, p. 291), trata-se de “acontecimentos selecionados pelo jornalista dentre as inúmeras ocorrências de um dado período, a partir de critérios como o interesse público e a atualidade” daquele momento, ou seja, as manifestações.

A organização do *corpus* foi estabelecida, a princípio, selecionando as edições de *Veja* e *IstoÉ* que fizeram referência às manifestações de 2013 e as edições que circularam no mesmo período em 2014. As imagens e o quadro a seguir expõem as edições de *Veja* e *IstoÉ* que circularam em 2013 e 2014.

EDITORIAIS		
DATA	VEJA	IstoÉ
19/06/2013	Eles querem dizer alguma coisa	O autoritarismo não prevalecer
26/06/2013	Sem medo do novo	Todo esse grito contido
03/07/2013	Plebiscito é golpe	A resposta dos governantes
18/06/2014	O Congresso resiste	As vantagens indiscutíveis da Copa
25/06/2014	A autofagia da civilização	O ódio tomou conta
02/07/2014	O Plano que salvou o Brasil	A pajelança política
REPORTAGENS		
DATA	VEJA	IstoÉ
19/06/2013	A razão de tanta fúria: os jovens já marcharam pela paz e democracia. Os de agora vão às ruas para baixar o preço das passagens. Mas será que isso é tudo?	A volta da repressão. Manifestantes de movimentos sociais voltam às ruas das grandes capitais e são reprimidos com uma truculência injustificável e desproporcional que não é vista desde os tempos da ditadura.
26/06/2013	Os sete dias que miudaram o Brasil Um chute na Copa	O grande líder Padrão FIFA: a copa das Confederações vira alvo de manifestações pelo custo excessivo das obras diante da baixa qualidade dos serviços do país.
03/07/2013	Não é que funciona mesmo? Em poucos dias, os protestos conseguiram a façanha inédita de fazer o Congresso aprovar projetos contra a corrupção, os governos reduziram tarifas e o Judiciário mandar um político para a cadeia. O grito dos manifestantes acordou os três poderes. O grito dos manifestantes acordou os três poderes Adeus à pátria das chuteiras O tráfico se manifesta	O poder se mexeu – num processo iniciado pela presidenta Dilma, Executivo, Legislativo e Judiciário respondem às manifestações, mas ainda há muito o que fazer
18/06/2014	Eleições 2014	A força oculta do PSTU
25/06/2014	Show como nos tempos de Pelé	O perigoso caminho do ódio A melhor Copa da história
02/07/2014	Os bons ares do Brasil	O peso da juventude Saudades do Mundial



Figura 3- Revista Veja- 19 e 26 de junho e 3 de julho de 2013



Figura 4 - Revista Veja 18 e 25 de junho e 2 de julho de 2014



Figura 5- Revista *IstoÉ* 19 e 26 de junho e 3 de julho de 2013



Figura 6- Revista *IstoÉ* 18 e 25 de junho e 2 de julho de 2014

Após esta amostragem, serão realizadas as análises das revistas *Veja* e *IstoÉ*, nos períodos de 2013 e 2014 respectivamente. Os espaços recortados para as análises seguem na seguintes ordem: as capas, os editoriais e as reportagens especiais. Desta forma, buscase compreender como as revistas *Veja* e *IstoÉ* interpretaram as manifestações de 2013 e, como o discurso sobre esses eventos compareceram nas edições de 2014; qual o espaço dado pelas revistas às manifestações nos dois períodos abordados; como o silêncio comparece nas revistas e como os sentidos de manifestações foram ressignificados após um ano do acontecimento histórico que, segundo Dela-Silva (2008, p. 290) “compreende um fato pontual a ser rememorado na História, fazendo parte do dizer sobre o passado de

um povo, narrado pela ciência histórica”. Prosseguindo, de acordo com os preceitos da AD, o “acontecimento histórico é da ordem da realidade, das práticas humanas, pode ser discursivizados de diferentes forma e produzir efeitos de sentidos diversos” (Dela-Silva 2008, p. 290). Assim, o acontecimento histórico que ocorreu em 20 de junho de 2013 em todo país foi discursivizado de diferentes maneiras pela mídia, como será apresentado nas análises das revistas a seguir.

3.1- As manifestações em Veja -2013

Como foi afirmado anteriormente, as revistas *Veja* e *IstoÉ* pertencem à mídia tradicional¹⁹ de referência do Brasil, considerando os números de tiragens de cada uma, respectivamente. Em relação a sua posição discursiva, *Veja* fala de um espaço institucional sobre si como publicação²⁰ que insiste na “*necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil.*” Assim, *Veja* assume, em seu discurso, que se reconhece como uma autoridade e, por isso, deve conduzir a sociedade para a realização de mudanças institucionais. Só não diz para quem irá “*consertar, reformular e reformar*” o país. Faremos, inicialmente, a análise das capas e dos títulos de cada edição.

3.1.1- Capas

¹⁹ Entende-se por mídia tradicional os meios de comunicação em massa: emissoras de rádios, de televisão, jornais e revistas.

²⁰ <http://grupoabril.com.br/pt/o-que-fazemos/Mídia/marcas-e-empresas/Unidade%20Noticias%20e%20Negocios/Veja>> Acesso em 06/12/2015.



FIGURA 7 - 19 de junho de 2013

A primeira capa apresenta um ambiente bastante sombrio, com uma fogueira em primeiro plano e no fundo, os dizeres em vermelho “*contra o aumento*”. Abaixo a manchete da revista “*A Revolta dos jovens*” e a seguir o subtítulo no formato de uma interrogação: “*Depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade?*”. Observando os mecanismos discursivos do texto não-verbal, há predominância das cores vermelho e preto. A cor vermelha, invariavelmente, está associada, via memória discursiva, ao perigo e também ao comunismo; e a cor preta, na maioria dos casos, aponta para trevas, protestos, anarquismo (GUIMARÃES, 2000), e o fogo geralmente faz alusão à destruição ou perigo. O ângulo da imagem, que está bastante fechado, não permite ao leitor observar a real dimensão do protesto, visão que limita e prejudica a leitura de forma mais ampla.

A presença dos manifestantes só pode ser constatada pela inscrição *contra o aumento* e, por essa marca é possível delimitar duas posições antagônicas nessa capa: a voz dos manifestantes (que estão ausentes fisicamente) e a voz de *Veja*, que já na capa denuncia que a revolta foi organizada pelos jovens e não por outro segmento da sociedade. Este efeito de sentido parece ser o mais plausível, pois a memória discursiva recortada por *Veja* traz todo um já-dito sobre o comportamento intempestivo dessa parcela da

população, a tal “juventude trasviada”, “rebelde sem causa”, “aborrescentes” entre outros dizeres que normalmente aparecem associados nesses enunciados. Imbuída desse discurso, para a revista, a revolta dos jovens é algo passageiro e não terá muita relevância no futuro. No entanto, *Veja* questiona os manifestantes num tom irônico, provocativo, sobre o que ela acredita serem também motivações para novos protestos: o combate à corrupção e à criminalidade.

Nesta primeira capa, *Veja* não estabelece ainda um nome para movimento, trata-o apenas por uma “revolta”, uma agitação de adolescentes, o que encaminha para efeitos de sentido de algo sem importância. Neste momento, pela perspectiva de *Veja*, o aumento das passagens dos transportes públicos é algo natural no cenário capitalista; para o semanário, é evidente que as tarifas precisam ser reajustadas para o bom funcionamento do mercado financeiro. Neste caso, observa-se a naturalização de sentidos, ou seja, a ideologia funcionando. Repousa, então, no funcionamento discursivo de *Veja*, que os gestos de interpretação sobre os protestos estão direcionados à inviabilidade de se mudar a ordem das coisas, que esses jovens só estão fazendo barulho desnecessário.



FIGURA 8 - 26 de junho de 2013

Em relação à segunda capa de *Veja*, observa-se na materialidade não-verbal da capa do dia 26 de junho de 2013 a representação da bandeira do Brasil (canga) sendo carregada por uma jovem solitária, de expressão um pouco séria ou apreensiva, que caminha

próximo a uma grande fogueira. As cores da bandeira do Brasil (verde e amarelo) que, segundo a simbologia das cores, indicam alegria, felicidade, se colocam em contraponto com o amarelo, laranja que indicam alerta (GUIMARÃES, 2000). Com a referência de *Edição Histórica* na capa, mesmo seguindo o calendário normal de sua publicação, *Veja* expôs no título *Os sete dias que mudaram o Brasil*. No entanto, *Veja* não divulga em sua capa quais são as mudanças que ocorreram no país, instigando o leitor para a leitura da reportagem.

Em relação à capa da edição anterior, conforme a revista indica, houve *dias de mudanças no Brasil*. Porém, *as mudanças* ocorreram tanto no país como no posicionamento de *Veja*. Os jovens que, na primeira capa sobre as manifestações, eram designados como revoltosos, agora retorna na edição *histórica* com um outro sentido: a jovem no centro da imagem está carregando a bandeira do Brasil nas costas (carregando o Brasil nas costas) e, os dias que sucederam as manifestações agora são dignos de entrarem para a história. Observa-se que os sentidos produzidos na presente capa apontam para uma suposta mudança de posicionamento em relação às manifestações. A manchete “*Os sete dias que mudaram o Brasil*”, já não traz uma visão marginalizada dos manifestantes, mesmo repetindo o cenário de destruição (a imagem do fogo), a discursividade sobre os protestos modificou-se assim como as condições de produção daquele período.



FIGURA 9 - 03 de julho de 2013

A capa do dia 03 de junho traz no centro da página a imagem do Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e a Esplanada dos Ministérios prestes a cair de um precipício. Ao lado esquerdo da página, como se estivessem empurrando a representação dos poderes para o precipício, os manifestantes aparecem com cartazes de várias cores (representando o carácter apartidário das manifestações) e, na frente, em destaque, um deles carrega a bandeira do Brasil. No lado direito da página, a imagem de dois ratos caindo, trajando terno e gravata e segurando sacos de dinheiro (representação dos políticos corruptos), desabam junto com uma bola (a Copa do Mundo) e uma bandeira vermelha (vermelho e a cor do Partido dos Trabalhadores).

A chamada em destaque é *Então é no grito?* E o subtítulo *Os governos e o Congresso correm para atender os manifestantes. Isso mostra que a pressão popular funciona. Mas as ruas não podem substituir as instituições.* O título da revista faz uma menção à inércia da classe política, um comportamento já conhecida pela sociedade brasileira que, no entanto, foi interrompido com o surgimento das manifestações populares. Com isso, a classe política precisou imprimir um novo ritmo de trabalho para atender as demandas populares ao apenas dar a entender que estão empenhados em ouvir as vozes das ruas.

O subtítulo fala sobre como as manifestações funcionaram para mostrar que população pode pressionar os governantes, porém, *Veja* assegura que não é possível

substituir as instituições pelas manifestações populares, com o uso da adversativa *mas*, *Veja* mantém seu posicionamento (neoliberal) ao defender as instituições – políticas e financeiras -, questionando, assim, a legitimidade dos protestos.



FIGURA 10- 18 de junho de 2014

A primeira de capa de 2014 trazida para análise circulou em 18 de junho e abordou a Copa do Mundo em três momentos considerados destaques da Copa: O hino nacional, o jogador da seleção brasileira Neymar e a vaia que a então presidente da república Dilma Rousseff recebeu na abertura do evento esportivo. Os espaços para cada quadro são distribuídos pela importância dos destaques. Observa-se que a figura do jogador da seleção está centralizada na capa, representando aí o futebol; o hino, o primeiro quadro, apresenta os jogadores cantando o hino de forma entusiasmada, retomando sentidos do patriotismo brasileiro e abaixo, no espaço visualmente menor, a figura da presidente Dilma e do seu vice, Michel Temer. Em todos os painéis, pode-se classificar as fotografias como *features* (SOUSA, 2004), que são imagens produzidas de forma natural, sem a consciência do alvo da fotografia, espontâneas. Esse tipo de fotografia geralmente flagra pessoas em situações cômicas ou inusitadas, constituindo, assim, um efeito de possível imparcialidade das imagens.

Os elementos visuais predominantes na capa não poderiam ser outros: as cores da bandeira do Brasil dados as condições de produção desse discurso, notadamente as

circunstâncias enunciativas de época de Copa do Mundo no país. A harmonia entre os tons verde, amarelo, azul e branco espalha-se pela capa de forma a evidenciar sobre o tema em questão: o futebol e o Brasil, simbolizado pela bandeira nacional.

No título, “*Os três destaques da abertura da Copa mostram que para os brasileiros pátria não é governo e a paixão pelo futebol não combina com política*”, *Veja* mostra que os brasileiros²¹ que estavam no estádio assistindo ao jogo da seleção sabem diferenciar pátria de governo, ou seja, os brasileiros não estavam satisfeitos com o comando do país e traduziram essa insatisfação vaiando a representante da atual gestão, mesmo assim esses insatisfeitos não deixaram de ir ao estádio torcer pela seleção.

Outra afirmação que a revista institui é “futebol não combina com política”, ou seja, não é porque os torcedores resolveram ir ao estádio que eles necessariamente aceitam a condução da política brasileira.

Porém, ao afirmar que: “pátria não é governo” e “futebol não combina com política”, *Veja* retoma um interdiscurso sobre a simbiose “futebol/política(governo)”, que é encontrado em seu próprio dizer quando enfatiza a vaiada da presidente na abertura dos jogos. Relembrando que em 2007, nos jogos Pan-Americanos²² sediados no Rio de Janeiro, o ex-presidente Lula foi vaiado na abertura do evento esportivo, mas *Veja* não destacou o acontecido como algo relevante. Reafirmamos aqui o contexto histórico-ideológico em consonância às produções discursivas. As vaiadas que os presidentes receberam foram reproduzidas pelo mesmo veículo de comunicação e com governantes da mesma filiação política, porém, em situações distintas de relações de forças.

Quando *Veja* afirma que “pátria não é governo” e que “futebol não combina com política”, há nessas afirmações um não-dito sobre as práticas políticas de governantes que confundem essas suas atividades e, às vezes, se aproveitam do sucesso do esporte para ganhar dividendos frente à população.

Na década de 1970, o governo de Emílio Garrastazu Médici se apropriara da seleção brasileira de futebol para fazer propaganda de seu governo à medida que tentava encobrir as mazelas sociais e a repressão da ditadura. Sobre este curioso aspecto da política brasileira daquele momento, Aquino (2009) afirma que:

²¹ Deve-se considerar quem foi ao estádio, pois os altos valores dos ingressos não permitiu que assalariados fossem aos jogos, como foi noticiado no jornal Folha de S. Paulo. A entrada para um jogo do Brasil na primeira fase, por exemplo, pode custar quase R\$ 20 mil nesses sites. Estudantes, idosos e beneficiários do Bolsa Família podem comprar ingresso para jogo da mesma fase, no meio oficial, por R\$ 30. <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/02/1417912-no-mercado-paralelo-ingresso-da-copa-sai-pelo-valor-de-ate-3-carros-populares.shtml>> Acessado em 10/12/2015.

²² <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> edição do dia 18 de julho de 2007.

Até mesmo estádios de futebol foram construídos nesta esteira, já que se apresentavam como verdadeiros templos naquilo que o Brasil era imbatível. Não por acaso o governo Médici, além de toda a atenção dispensada ao Mundial de Futebol de 1970, no México, estimulou a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) a criar o Campeonato Nacional, inaugurado em 1971. (...) Combinado o discurso do Milagre ao êxito do tricampeonato, o governo continuou por algum tempo anunciando o discurso ufanista do Brasil-Potência. A marchinha da Seleção *Pra frente Brasil*, (...) transformou-se praticamente na música oficial do regime, sendo utilizada até mesmo em inaugurações de obras e outros eventos públicos. (...) Idealizava-se, portanto, utilizando a força do futebol enquanto elemento definidor da identidade nacional, a imagem de uma sociedade unida de forma orgânica caminhando sem sobressaltos rumo à vitória. (AQUINO et al, 2009, p. 747)

Com base na memória discursiva sobre políticas governamentais embasadas no esporte, *Veja* institui a separação dessas práticas nas afirmações “pátria não é governo” e “futebol não combina com política”. Porém, desdobrando essas afirmações em paráfrases, temos os seguintes enunciados:

- 1- Pátria não é governo > pátria é governo
- 2- Futebol não combina com política > futebol combina com política

Por meio dessas desconstruções, observamos o discurso ufanista da década de 1970 sendo retomado atualmente pela denúncia que a revista faz sobre o regime vigente. Apesar de momentos e regimes distintos, algumas regularidades sobre futebol e governo retornam na memória discursiva de *Veja*.



FIGURA 11 - 25 de junho de 2014

Na edição seguinte, a bandeira do Brasil retorna à capa da revista, mas em outras condições de produção. A jovem sorridente que aparece no centro da imagem também carrega uma bandeira, mas ao contrário da edição de 2013, parece esbanjar alegria e felicidade em meio a outros torcedores extasiados pela Copa do Mundo, pela seleção brasileira de futebol ou pela festa causada pelo evento.

Com o título *Só alegria até agora*, *Veja* apresenta um discurso cauteloso sobre o evento, como se observa na expressão temporal *até agora*. O discurso oposicionista de *Veja* em relação ao governo comparece também no subtítulo: *Um festival de gols nos gramados, menos pessimismo nas pesquisas, mais consumo, visitantes em festa e o melhor é aproveitar, pois legado duradouro, esqueça*. Para *Veja*, o entusiasmo dos torcedores deve ser moderado pois, apesar dos apontamentos favoráveis, *Veja* anuncia que os benefícios que foram prometidos à população serão temporários.

O que se pode analisar nessas reflexões preliminares é como a bandeira do Brasil significa nessas duas situações distintas. Nas capas analisadas, é possível notar como a discursividade sobre nacionalismo brasileiro circula de diferentes formas nas edições de *Veja*.



FIGURA 12- 02 de julho de 2014

Em 02 de julho de 2014, *Veja* fala sobre o aniversário de vinte anos do Plano Real. A imagem em destaque na capa traz um bolo na cor branca e, em letras verde e amarela, os nomes *Plano Real* e mais abaixo *20 anos*. Acima do bolo, nas cores vermelha e preta, a imagem de uma bomba com um cronômetro. No subtítulo *O Plano Real que matou a hiperinflação, estabilizou a economia e fez do Brasil um país sério corre o risco de explodir*. Abaixo do subtítulo: *Mais: a inflação real de 50 produtos e serviços de 7 perfis de consumidores*. Na parte superior da página, o Especial da Copa, que traz vários pequenos destaques do Mundial. Sobre o posicionamento ideológico de *Veja*, Zanella afirma que:

Apesar de se inserir numa dada conjuntura (a FD neoliberal), a revista, entretanto, produz uma imagem de defensora dos interesses públicos de todos os brasileiros. Ao fazê-lo, apresentando as suas propostas em dependência a uma formação ideológica, *Veja*, todavia, as torna globais, com dicas, lições e manuais que facilitam o acesso a esse “partido neoliberal” (...). (ZANELLA, 2012, p. 46)

Ao prenunciar que o Plano Real está na iminência de *explodir*, *Veja* afirma seu posicionamento às práticas neoliberal quando atribui ao governo a responsabilidade pela desestabilização da economia. Para *Veja*, o Partido dos Trabalhadores (a bomba vermelha) irá destruir a economia que: *matou a hiperinflação, estabilizou a economia e fez do Brasil um país sério*. *Veja* só não explica qual a economia que o Plano Real estabilizou e qual o Brasil que passou a ser visto como país sério. Na imagem seguinte, observamos como *Veja*, em 1999, via a tal país sério.



FIGURA 13 - 21/01/1999

É possível observar que a mesma revista, em períodos distintos, detecta os mesmos riscos para o Brasil: a volta da inflação e a ameaça da estabilização econômica como problemas que ferem a reputação do país. No entanto, sobre a responsabilidade de quem governa em cenários desfavoráveis, *Veja* mantém sua posição em defesa do neoliberalismo. Na capa de 2014, *Veja* diz que o governo atual, liderado pela presidente Dilma Rousseff do PT, é o responsável pela desestabilização da economia; em 1999, no governo liderado pelo PSDB, o culpado pelos desajustes econômicos é a globalização, desta forma, *Veja* isenta o PSDB dos problemas.

Mesmo sem abordar diretamente o PT, *Veja* indicou em 2013 (o Palácio do Planalto caindo no precipício junto com uma bandeira vermelha) e 2014 (a bomba prestes a explodir a moeda) que o governo está intrinsecamente ligados às crises sociais e econômicas no país.

Verificou-se, pelas análises das capas de 2013, uma alternância de diferentes interpretações sobre as manifestações. Os dizeres foram produzidos de acordo com os sentidos estabilizados no decorrer dos protestos. Nas capas de 2013, observa-se que *Veja*, aparentemente, alternou seu discurso sobre as manifestações. Seus dizeres oscilaram entre o descrédito, um aparente apoio e, na última capa, o retorno do descrédito às manifestações. Na primeira capa, é possível notar que a revista marginaliza as manifestações e incita, em tom irônico, os jovens (revoltados) a resolverem outros problemas considerados endêmicos no país. A segunda capa o jovem também aparece em destaque, em cenários parecidos mas em outra discursividade. A jovem que se destaca na capa da “edição histórica” carrega o Brasil, simbolizado pela bandeira, nas costas e,

agora, não são mais designados como revoltados. Esta ausência de designação aponta para uma nova discursividade sobre as manifestações. E a última capa *Veja* exalta as ações dos manifestantes, no entanto, o uso da adversativa *mas* em “*Mas as ruas não podem substituir as instituições*” confirma o que *Veja* pensa das manifestações: apenas um movimento para *pressionar* os governantes.

As duas primeiras capas das edições que circularam em 2014 abordam o acontecimento jornalístico Copa do Mundo e, a terceira, destaca o aniversário do Plano Real e traz uma pequena chamada sobre o evento esportivo. Além da Copa do Mundo, as três edições têm em comum a crítica ao governo liderado pela presidente Dilma Rousseff. Nas capas em que a Copa do Mundo está em destaque, não há nenhuma referência às manifestações. Mesmo trazendo algumas palavras que foram exaustivamente usados nas manifestações como *brasileiros*, *pátria*, e a *bandeira nacional*, esses enunciados agora são empregados para falar sobre a Copa do Mundo.

Nas análises anteriores, observou-se que a opinião de *Veja* também compareceu em suas capas, porém, segundo o discurso jornalístico, os espaços destinados à exposição do posicionamento das revistas são chamados de editoriais ou, no caso de *Veja*, é chamado Carta ao Leitor. A seguir, passaremos para as análises das Cartas ao Leitor e verificar o funcionamento desse espaço em *Veja*.

3.1.2 – Editoriais (Carta ao leitor)

Para os estudos do jornalismo, o editorial é a seção destinada a “opinião oficial” de determinados veículos de comunicação. Conforme Bahia:

o editorial – no jornal, na revista, no rádio, na televisão – é a voz do dono, é seu ponto de vista, o que pensa e o que diz o publicador (aqui, no sentido literal de quem dá a última palavra para que o veículo chegue ao mercado). Não é uma opinião assinada por isso mesmo – porque se tem como natural a evidência de sua autoria. (BAHIA, 2009, p. 112)

O editorial é um espaço privilegiado para abordar determinada notícia com assumida parcialidade e interpretar os fatos de acordo com o posicionamento ideológico da publicação. Na perspectiva do jornalismo, em geral, a chamada “independência jornalística” se faz presente na mídia, principalmente na mídia impressa, pois há um lugar específico para emitir opiniões enquanto outros são reservados para as reportagens imaginariamente “imparciais” ou, quando muito, redigidos com a maior objetividade

possível. Segundo ainda Bahia (2009, p. 19): “É da natureza do jornalismo levar a comunidade, direta ou indiretamente, a participar da vida social. Nesse sentido, assume uma condição de intermediário da sociedade.” Porém, a intermediação da notícia se faz por um sujeito que fala de um lugar e, mesmo fora do espaço editorial, as marcas discursivas sempre apontam para um direcionamento de sentidos enquanto silenciam outros.

Com denominação diferente, mas o mesmo funcionamento de outras publicações, o editorial da revista *Veja* apresenta-se como “Carta ao leitor”. É o primeiro texto das revistas logo após o índice e, geralmente, traz algumas informações sobre a matéria de capa ou uma reportagem especial.

No espaço reservado à revista para expressar sua opinião, o editorial, *Veja* em sua edição de 19 de junho de 2013 publicou um artigo intitulado *Eles querem dizer alguma coisa*, em que apresenta a reportagem “especial” sobre os protestos e também anuncia a matéria elaborada para explicar o movimento.

Já pelo título observa-se a disposição da revista em explicar ou conduzir um entendimento para seus leitores a respeito dos manifestantes: *Eles querem dizer alguma coisa*. Analisando a construção sintática, ao usar o pronome pessoal *Eles*, ignorando a função remissiva que a gramática indica para este pronome e, sem nomear os grupos ou mencionar qual o segmento da sociedade eles pertencem (estudantes, passageiros de transporte público, etc), o *Eles* significa qualquer um, pois não há preocupação em designar seus nomes. Conforme Guimarães aponta (2005, p. 18), “A língua é dividida no sentido de que ela é necessariamente atravessada pelo político: ela é normativamente dividida e é também a condição para se afirmar o pertencimento dos não incluídos, a igualdade dos desigualmente divididos.” É pela língua que se evidencia a não especificação dos sujeitos-manifestantes e suas práticas.

Após as des(considerações) sobre os manifestantes (jovens), *Veja* preenche/substitui o espaço de referência aos manifestantes de *Eles* para *jovens*. No entanto, os predicativos que acompanham a designação *jovens* continuam afirmando quais os sentidos que *Veja* constrói para esses jovens: *dizeres desconexos, palavras utópicas*.

Voltando à construção sintática do título, *Eles querem dizer alguma coisa*, observa-se que a revista vê nas reivindicações dos manifestantes algo ininteligível, incompreensível. Ao falar sobre paráfrase, Orlandi (2012, p. 36) afirma que “representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do

mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização.” Ao fazermos essas diferentes formulações, teremos as seguintes construções:

1.Eles querem dizer> eles não conseguem dizer> eles não dizem>eles não disseram

2.Alguma coisa> nenhuma coisa> nada

Ou seja, *Veja* não consegue discernir muito bem a mensagem dos manifestantes ou não demonstra estar disposta a explicar a complexidade do processo democrático em que manifestantes podem expressar suas opiniões sobre qualquer coisa. Porém, *Veja* faz uma ressalva sobre as reais motivações dos jovens, presente no trecho:

SD3 **“Uma lição valiosa, porém, é a de que esses surtos de indignação da juventude sempre guardam uma razão real** escondida atrás dos cartazes com dizeres desconexos e palavras utópicas. **Eles não podem ser simplesmente descartados como arroubos naturais daquela idade** em que, como dizia o ditado, sobra força e falta sabedoria” (Revista *Veja* 19, de junho de 2013, grifos nossos)

Apesar de todas as designações de sentido pouco valorativo que se marcam nas SD3, como “*jovens brasileiros que estão vandalizando as ruas*”, *uma indignação difusa*, “*dizeres desconexos e palavras de ordem utópicas*” e “*frustações extravasadas violentamente*”, *Veja* tenta decifrar o que os jovens querem, e assim, em nome da imparcialidade jornalística, pôr em pauta assuntos do interesse geral, mesmo que esse tema não se alinhe com suas posições ideológicas.

Mesmo tendo desferido adjetivos pouco prestigiosos aos jovens, *Veja* assume um papel de autoridade para indicar o que deve ou não ser ouvido nos dizeres manifestantes. Talvez a complacência para com os jovens tenha o objetivo de projetar aos leitores uma pretensa imparcialidade jornalística.

A Carta do Leitor de *Veja* na edição de 26 de junho de 2013 apresenta o seguinte título “*Sem medo do novo*”, fala sobre a falta de entendimento entre os eleitores e os políticos e sugere que o governo ouça com atenção as ruas, como apresenta a sequência discursiva a seguir:

SD4 As **manifestações** de rua da semana passada mostraram de modo inequívoco que estão quebrados os canais de comunicação de imensa porção da sociedade brasileira com as instituições que deveriam representá-la. (...) Os **brasileiros que estão indo às ruas** não admitem mais ser usados como massa de manobra por partidos e políticos profissionais. Alguns exibiram cartazes com dizeres anarquistas, como o que proclamava “o povo unido não precisa de partido”. **A primeira reação é lembrar a total inviabilidade de um modelo político em que o poder é exercido diretamente pelas ruas.** Isso leva ao caos, este

à miséria moral e econômica. (Revista *Veja* 26 de junho de 2013, p. 13, grifo nosso)

Nesta Carta ao Leitor, as manifestações aparecem em destaque e, na opinião de *Veja*, é preciso não temer o novo, ao contrário do que na edição anterior, *Veja* agora acredita que é preciso ouvir os manifestantes que reclamavam, entre outras coisas, dos “gastos públicos de péssima qualidade”, talvez uma referência aos gastos da Copa do Mundo. Aqui *Veja* parece concordar com as manifestações e até apoiar suas reivindicações, mas ressalta a importância das instituições e do modelo econômico atual. *Veja* tece críticas, sobretudo, à qualidade da classe política, que não consegue retribuir com êxito o voto de seus eleitores.

Observa-se que, em relação à Carta ao Leitor atual, a discursividade sobre as manifestações, os manifestantes e a classe política, sofreu mudanças consideráveis quanto as designações sobre os participantes das manifestações e sobre suas ações na edição do dia 19 de junho.

SD5

Mas, neste momento, o imperativo é ouvir **as ruas e esperar que essa energia pura** seja canalizada para a construção de instituições mais representativas dos anseios populares legítimos. O erro fatal agora é fechar os ouvidos. É temer o novo (Revista *Veja* 26 de junho de 2013, p. 13, grifo nosso)

Os *jovens*, da edição anterior, que apresentavam *cartazes desconexos e palavras utópicas*, são designados agora com as expressões metonímicas *os brasileiros* e *as ruas*. Os sentidos produzidos para manifestações evidenciam que essas ações não são mais consideradas *como arroubos naturais*, neste contexto, as protestos são recebidos como *energia pura*. A naturalização de sentidos sobre a legitimidade das manifestações e, conseqüentemente o deslocamento de dizeres que refutam os protestos se inscreveram no texto de *Veja*.

Com o título *Plebiscito é golpe*, *Veja* de 03 de julho de 2013 relata sobre a proposta do governo de perguntar à população sobre uma possível reforma política. Em sua opinião, essa ideia seria equivalente a um golpe. Mesmo levando em consideração que, em se tratando da memória que muitos brasileiros têm sobre conceito de golpe, o conceito desta palavra é bem diferente da definição proposta por *Veja*. Mesmo assim, a revista extrapola ao dizer que pedir a opinião da população sobre determinado assunto é considerado golpe. Nas SD6, verifica-se os motivos por que *Veja* considera o plebiscito um golpe do governo.

SD6 **O plebiscito proposto pelo governo e pelo PT é um golpismo** por diversos motivos. Primeiro porque, se ninguém discorda da tese de que o Brasil precisa de uma reforma do sistema político, também não se encontra ninguém igualmente sensato que ache que isso deva ser feito via consulta popular. (...) É um escárnio fingir que isso só é possível depois de **um plebiscito em que se vai exigir dos brasileiros uma opinião sobre tecnicidades de funcionamento das engrenagens eleitorais** (...). (Revista *Veja*, 03 de julho de 2013, p. 12, grifos nossos)

Veja volta a defender a classe política ao determinar que as ruas não podem determinar os rumos do país e critica o plebiscito. Para a revista, as instituições políticas, e somente elas, devem ser responsáveis por decidir sobre a reforma no país. A explicação para tal opinião encontra respaldo na folclórica história de que os brasileiros não se interessam por política e, com isso, não teria vontade ou capacidade de intender as *tecnicidades e engrenagens* do sistema eleitoral.

O título do artigo que compõe o editorial da revista na edição de 18 de junho de 2014 é *O congresso resiste*. Trata-se da apresentação de um projeto que prevê a realização de conselhos populares para tentar diminuir a distância dos políticos até os cidadãos comuns. Esse projeto seria resultado das inúmeras propostas que foram criados às pressas para acalmar as manifestações de 2013. Na opinião de *Veja*, esses conselhos não poderiam funcionar, pois seriam escolhidos por grupos políticos favoráveis ao governo de Dilma Rousseff, como se observa na seguinte SD7

SD7 Onde esse tipo de ruptura institucional ocorreu, ela veio no bojo de **revoluções e guerras civis sangrentas**. Não há na história o exemplo de um dessa magnitude que tenha sido tentado por meio de um simples decreto. (Revista *Veja*, 18 de junho de 2013, p. 13, grifos nossos)

A resistência do Congresso por impedir que o conselho popular seja aprovado é louvado pela revista que, fazendo ressalvas à incoerência do partido político dos congressistas, parabenizou os parlamentares pela atitude. Além de ser contrária à formação dos conselhos, *Veja* cita exemplos das eventuais consequências que poderiam ocorrer se os conselhos fossem formados, no entanto, *Veja* não cita o nome de nenhum país em que tais decisões tenham sido efetivadas e sofrido com os cenários apocalípticos previsto por *Veja*.

Em “*A autofagia da civilização*”, o editorial que circulou na edição de 25 de junho de 2014 aborda outro acontecimento histórico: a I Guerra Mundial. *Veja* abre o texto opinativo com uma referência à Copa do Mundo realizada no México, com o relato sobre alguns soldados, dois grupos rivais, que interromperam a guerra civil na Nigéria para

acompanhar a seleção brasileira de futebol. Em seguida, o texto aborda a cobertura especial sobre a Copa do Mundo no Brasil e depois, volta a falar sobre I Guerra Mundial.

SD8 É fato. Foi há 45 anos, em Benim, na Nigéria. Para ver Pelé jogar, combatentes dos dois lados de uma guerra civil depuseram as armas e deram-se uma trégua que durou enquanto o rei do futebol exibia sua arte em campo. Nesta edição de *Veja*, é a vez de o futebol ceder espaço a uma guerra. Em meio à cobertura especial da Copa no Brasil, a revista dedica 48 páginas ao cenário da I Guerra Mundial. (Revista *Veja*-25 de junho de 2014, p. 11)

A ausência de referências às manifestações que ocorriam no país, agora, sobretudo, contra a realização da Copa do Mundo, deu lugar a reportagens sobre a I Guerra Mundial e ao evento esportivo. Ao afirmar que irá ceder espaço para guerra, *Veja* indica que há uma estabilização de sentidos sobre a predominância do tema “futebol” em relação a outros assuntos e, desta forma, conduz a leitura a favor de certos processos de significação sobre suas reportagens. Poderia ser uma justificativa para tal escolha a relevância do futebol em algumas sociedades, daí o fato de se relatar a interrupção temporária de uma guerra civil pelo esporte. Assim, quando se fala em futebol ou abre espaço para outros assuntos, *Veja* silencia as manifestações. Ao falar sobre o silêncio, Orlandi afirma que:

O silêncio fundador não recorta: ele significa em si. E é ele, afinal, que determina a política do silêncio: é porque significa em si que o “não-dizer” faz sentido e faz um sentido determinado. É o silêncio fundador, portanto, que sustenta o princípio de que a linguagem é política. (ORLANDI, 2008, p. 59, grifo nosso)

A reportagem sobre as manifestações que não apareceu no editorial anuncia, de certa maneira, o posicionamento da revista sobre os acontecimentos de 2014. As informações sobre as notícias consideradas relevantes preestabelecidas no editorial já estabilizam o discurso em relação à Copa do Mundo no Brasil, ou seja, falar em futebol é não falar em “aumento das tarifas de ônibus”, “gastos excessivos de dinheiro público na organização da Copa do Mundo”, “superfaturamento de estádios e outras obras” etc.

Com *O Plano que salvou o Brasil*, a Carta ao Leitor do dia 02 de julho de 2014, *Veja* fornece mais alguns elementos para alçar o Plano Real e, por conseguinte, o governo de quem o criou como os responsáveis direto pelo *salvamento do Brasil*. Pelas dizes da revista, o país pode ser dividido entre o antes e depois do Plano Real e como as conquistas

econômicas que a moeda deixou para a sociedade brasileira está sob ameaça, como aponta a SD9.

SD9 **O Real tirou a economia brasileira do caótico turbilhão inflacionário**, colocou-a em um círculo virtuoso de crescimento com estabilidade monetária, transparência, valorização de preceitos racionais e responsabilidades de gestão pública. (...) **O Plano Real enfrenta os maiores desafios de sua curta história**. Seu destino está nas mãos dos eleitores que vão às urnas nas eleições presidenciais de outubro (...). (Revista *Veja*, 02 de julho de 2014, grifos nossos)

Na perspectiva de *Veja*, fica evidente que a moeda criada por grupos que defendem o neoliberalismo, acima de tudo, proporcionou um crescimento econômico substancial na sociedade brasileira. *Veja* não acrescenta à Carta que mesmo com todos os benefícios atrelados à super moeda, a desigualdade social no Brasil ainda continua sendo uma das mais altas do mundo e por que esse crescimento e estabilidade ainda não permitiu que os serviços públicos não funcionem como o esperado.

Assim como nas capas, as Cartas ao Leitor de *Veja* em 2013 também produz uma sequência sobre as manifestações. A primeira Carta ao Leitor reproduz o que foi exposto na capa da edição de 19 de junho de 2013: a marginalização das manifestações e a culpabilização dos jovens manifestantes. De forma mais detalhada, *Veja* questiona a legitimidade dos manifestantes acusando-os de pertencer às classes médias e altas e, por isso, não terem um motivo aparente para se manifestarem.

Na segunda Carta ao Leitor, *Veja* agora direciona suas críticas para os governantes e propõe que os manifestantes (agora designados como brasileiros, não mais como jovens) lutem contra a ineficiência de seus governantes. No entanto, *Veja* adverte sobre algumas reivindicações dos manifestantes que incitavam o ódio contra a classe política. *Veja* expôs seu posicionamento contra esse pensamento e alertou sobre os cenários catastróficos que poderiam se instalar no país sem as instituições políticas.

A última Carta ao Leitor de 2013 é uma continuação da Carta ao Leitor da edição anterior: a defesa das instituições políticas do Brasil. *Veja* questiona a validade de um plebiscito sobre a reforma política e põe em dúvida a inteligência dos brasileiros para optar sobre questões consideradas complexas demais para os eleitores.

Em 2014, as Cartas de *Veja* abordaram assuntos distintos. A primeira apresentou aos leitores uma reportagem especial sobre a Primeira Guerra Mundial e, mesmo abordando um tema bastante delicado, *Veja* conseguiu articular, neste espaço, temas bastante

distintos como guerra e futebol, porém, não faz nenhuma consideração sobre as manifestações, nem mesmo com os protestos que aconteceram nas redondezas dos estádios de futebol.

A única relação que *Veja* fez entre as Cartas ao Leitor de 2013 e 2014 aborda o conselho popular organizado por setores da sociedade. A implantação deste conselho foi uma das reivindicações apresentadas nas manifestações de 2013 e *Veja*, desde então, posicionou-se contra a instalação desse conselho. Neste caso, as manifestações são mencionadas de forma indireta via crítica aos conselhos populares.

A última Carta ao Leitor analisada destaca o aniversário do Plano Real. Assim como na capa, há excessivos elogios ao Plano Real e seus organizadores, a maioria filiados a partidos que seguem os mesmos posicionamentos ideológicos de *Veja*, e igualmente excessivas crítica ao governo da presidente Dilma Rousseff.

Nas Cartas de 2013, as interpretações sobre as manifestações em 2013 foram significadas desde atos de vandalismo a protestos legítimos contra o governo. Já os manifestantes que foram designados por *jovens revoltados* até chegar em *os brasileiros*. Em 2014, o assunto recorrente foi a Copa do Mundo e, com menor destaque, outros assuntos que *Veja* julgou ser de interesse público e, em nenhuma delas falou em manifestações.

Observou-se que as Cartas aos Leitores, geralmente, antecipa e aponta um direcionamento para as reportagens consideradas especiais. O funcionamento do espaço dedicado a exposição do ponto de vista de *Veja* não expressou nenhuma posição divergente das indicadas nas capas ou proposta na linha editorial da revista que, como foi exposto anteriormente, tem como prioridade *a necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil*". Os próximos espaços analisados serão as reportagens especial sobre as manifestações e outros temas que *Veja* julga ser relevantes para o público. A partir dessas análises será possível constatar o que *Veja* entende por *consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil*.

3.1.3- REPORTAGENS ESPECIAIS

Para as reportagens especiais de 19 de junho de 2013, *Veja* traz uma comparação entre os manifestantes que saíram às ruas nas principais cidades brasileiras e outras protestos ocorridos no mundo e em épocas diferentes, com o título "A *razão de tanta*

fúria” e o subtítulo “Os jovens já marcharam pela paz e democracia. Os de agora vão às ruas para baixar o preço das passagens. Mas será que isso é tudo?”

O título fala sobre a “fúria” que dominaria os participantes dos protestos. Pelo contexto em que a revista apresenta as manifestações e as filiações de sentido expressa pelas marcas linguísticas, o artigo *A* anteposto ao substantivo *razão* poderia ser substituído pelo verbo *haver*, sendo: *Há razão de tanto fúria*. Ou até mesmo incluir à oração um ponto de interrogação: *Há razão para tanta fúria?* Para justificar essas transformações, o subtítulo complementaria o título com a especificação de duas modalidades de jovens: os jovens (de antigamente) que já lutaram pela paz e democracia, ou seja, por motivos mais nobre; e os jovens (de agora) que lutam para baixar o preço das passagens, por um motivo não muito honroso. No final do subtítulo, *Veja* ainda questiona “Mas isso é tudo? Não. Não é tudo. É nada. É a resposta que a revista dá aos leitores após os artigos que compreendem a reportagem especial.

SD10 Para fabricar um **incêndio** bastam uma **fagulha** e um pouco de oxigênio. No caso da série de manifestações iniciadas em São Paulo e no Rio, a **faisca** foi o aumento da passagem de ônibus. Já o **combustível** era composto de bem mais do que um elemento. Na semana passada, essa combinação produziu **labaredas** de alturas inéditas. (...) Há uma grande chance de que boa parte da **rapaziada** que, na semana passada, foi às ruas esteja apenas **dando vazão às pressões hormonais pelo exercício passageiro do socialismo revolucionário**. (Revista *Veja*, 19 de junho de 2013, grifos nossos)

Pelos termos em destaque na SD10, a revista encaminha a leitura para a composição de dizeres que indicam a fragilidade que envolve a causa sobre a passagem dos transportes públicos e as várias outras reivindicações encobertas por essa pauta. A partir dessa introdução, *Veja* atribui boa parte dos protestos à “*rapaziada que está dando vazão às pressões hormonais*”, desqualificando o movimento primeiro pelas reivindicações e, em seguida, pelos participantes.

Para as reivindicações, *Veja* como já salientado no título do texto, não credita ao aumento das tarifas a real causa das manifestações, mesmo admitindo que o aumento da passagem causaria grande impacto no orçamento dos trabalhadores:

SD11 Não que a briga pela redução das tarifas de ônibus não faça sentido. Segundo o IBGE, o peso médio do transporte público no orçamento mensal dos paulistanos é de 5% -- muita coisa se comparado ao que ocorre em Nova York, por exemplo, em que esse custo equivale a apenas 2%, ou Londres, que, com um dos transportes públicos mais

caros do mundo, tem um impacto de 3% no rendimento médio dos trabalhadores. Como ficou claro nos últimos dias, contudo, boa parte dos manifestantes não é usuário de ônibus. (Revista *Veja* 19, de junho de 2013)

O fato de boa parte dos manifestantes não usarem transporte público invalida e desacredita os protestos. Isso implica dizer que, ao se colocar na formação discursiva do mercado financeiro, *Veja* rejeita a motivação dos movimentos e *apresenta*, então, aquelas que seriam *verdadeiras* justificativas dos jovens, na voz de um especialista:

SD12 Em todo o mundo parece haver um conflito entre a juventude e a política. Os jovens não se sentem representados pelos partidos e querem respostas rápidas às suas novas demandas” disse a *Veja* Jordi Tejel Gorgas, historiador e sociólogo do Instituto Graduate de Genebra, que acompanha as manifestações atuais na Turquia. (Revista *Veja*, 19 de junho de 2013)

Veja traz a voz de um especialista para corroborar com a ideia de que os jovens “impacientes” não são representados pela classe política em nenhum lugar do mundo e, portanto, tanto aqui como na Turquia, as manifestações refletem esse conflito entre governantes e governados. A explicação simplista de *Veja* não aborda que os motivos pelos quais os manifestantes da Turquia foram às ruas²³ são diferentes das reivindicações dos manifestantes brasileiros. Para *Veja*, os jovens de todo mundo são irrequietos e inconstantes e ponto final.

É interessante observar as denominações dos manifestantes mobilizados pela revista que recaí sobre o imaginário dos “jovens de agora”, não dos manifestantes que participaram de acontecimentos históricos que proporcionaram mudanças institucionais importantes no país, como as Diretas Já e o Movimento dos Caras-Pintadas. Sobre as denominações, afirma Mariani que:

vão, assim, organizando regiões discursivas de sentidos que podem se repetir ou se transformar a cada período histórico, em correspondência com as relações sociais de força em jogo. Ou seja, elas estão instaladas no interdiscurso, impedindo outras significações, disfarçando as tensões, mas ao mesmo tempo e, contraditoriamente, tornando evidente a fuga dos sentidos. (MARIANI, 1996, p. 142)

²³ Os protestos na Turquia iniciaram-se após a tentativa do governo de remodelar o Parque Gazi. Esse projeto iria retirar quase 600 árvores do parque, restaurar o quartel general do local e construir um complexo comercial. (Gohn, 2014)

Como as manifestações não foram selecionadas como um acontecimento jornalístico por *Veja*, os protestos, até então, simbolizam “quebra-quebra” que são patrocinados por: “*rapaziada que estão dando vazão às pressões hormonais*”, “*militantes da esquerda radical*”, “*punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas, sempre dispostos a driblar o tédio burguês aderindo a algum protesto violento*”, “*grupo nanico criado por estudantes*”, “*rebeldes sem causa*”, “*peças com situação financeira estável e que não enfrentam problemas urgentes*”, “*não são usuários de ônibus*”, entre outros.

Por essas predicções, é possível verificar que *Veja*, ao adjetivar os participantes do movimento, se inscreve na memória discursiva das revoltas juvenis que marcaram os anos de 1960. Para Carmo (2001, p. 32), os jovens daquela época queriam “Mudar a vida e transformar o mundo. O ano de 1968 foi o da ousadia, da recusa dos partidos políticos tradicionais, com forte distanciamento da política oficial, recusa do mundo da mercadoria e dos valores burgueses e opressivos”.

Para *Veja*, não há razão para tamanha fúria dos jovens de hoje, pois eles não têm razões (financeiras) para estarem nas manifestações. Em análise do discurso, pelas condições de produção do discurso em que *Veja* se inscreve, espera-se que esses jovens bem-sucedidos não façam reivindicações sobre causas que só dizem respeito à classe menos abastada. E por isso, a ida dessas pessoas para as ruas, no discurso de *Veja*, é como um pretexto para expressar suas inquietações pessoais.

Na edição de 26 de junho de 2013 de *Veja*, as manifestações estão em destaque na página do índice, com a imagem do Congresso Nacional tomado de manifestantes e uma tarja cinza destacando a palavra “especial”, no índice da revista *Veja*. A reportagem apresenta trinta páginas com relatos minuciosos sobre os eventos que culminaram na grande manifestação do dia vinte de junho de 2013.

O primeiro texto da reportagem, intitulado “*Os sete dias que mudaram o Brasil*”, traz a seguinte passagem:

SD13 Quando se espalhou por São Paulo um protesto contra o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, todo mundo sentiu que a **coisa era bem maior**. Tão maior, mais **inebriante**, mais **mobilizadora**, mais **assustadora** e mais **apaixonante** que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram **Brasil** afora na histórica noite de quinta-feira. Todos os parâmetros comparativos anteriores, como Diretas Já e Fora Collor, empalideceram diante do abismo aberto entre **os representantes dos poderes**, de um lado, e o poder **dos que se sentem muito mal representados**, de outro. A presidente acuada, as

instituições em estado de estupor, **os políticos desaparecidos** e a **turbamulta** subindo a frágil passarela do palácio Itamaraty: **é muito fácil quebrar o vidro que separa a ordem do caos.** (Revista *Veja*- 26 de junho de 2013, p. 61)

Nessa sequência discursiva, *Veja* anuncia “Os dias que mudaram o Brasil”, conceituando, nesta síntese, a “coisa” ainda não denominada, que ganhou força e tornou-se as manifestações de 20 de junho de 2013. Os adjetivos empregados para caracterizar os eventos, além de funcionar como efeito metafórico (PÊCHEUX, 1997, p. 96), projetam sentidos para um movimento que envolve ações instantâneas, explosivas: “inebriante”, “apaixonante”; e de frágil estrutura organizacional, mas muito envolvente e, até certo ponto, perigosa: “mobilizadora”, “assustadora”. *Veja* tenta estabilizar os acontecimentos determinando duas forças em oposição: “os representantes” (o governo) e os “representados” (os manifestantes). Embora o discurso sobre a classe política seja um “já-dito” que circula na mídia tradicional, *Veja*, no trecho acima, ao denominar os governantes de “desaparecidos” e os manifestantes de “turbamulta”, relaciona a “ordem” aos políticos, e o “caos” reserva-se às manifestações.

O título que faz referência à realização da Copa do Mundo – “*Um chute na Copa*” – ressalta a insatisfação dos brasileiros com a organização do evento. Mesmo sendo considerado como “ópio do povo” (DA MATTA, 1982), o futebol não teria conseguido amenizar a insatisfação do brasileiro com o governo em geral.

SD14 “Queremos hospitais padrão FIFA”. Ou “Dilma, me chama de Copa e investe em mim? Assinado: Educação.” Na criatividade retórica que brota das grandes manifestações, torcedores que lotaram o Castelão de Fortaleza na vitória do Brasil contra o México, (...) transformaram em cartazes uma inescapável percepção, **a de que a Copa de 2014 consumirá dinheiro demais para resultados de menos.** Uma caminhada dos barracos da favela do Mata Galinha, na beira da avenida que dá acesso ao estádio, até o encontro com a espetacular fachada de metal aparente é a primeira pista da **discrepância** entre o **Brasil** real e dos cartolas. (Revista *Veja*- 26 de junho de 2013, p. 80)

O título “*Um chute na Copa*”, reportagem que traz a discursividade sobre a Copa do Mundo de Futebol como um grande erro do governo e instaura sentidos que se articulam com os dizeres expostos nos cartazes sobre realização do evento esportivo no Brasil nas manifestações. Neste trecho, *Veja* dá voz aos manifestantes ao fazer circular sentidos sobre os investimentos que o país precisa realizar para confortar boa parte da população e os investimentos destinados à Copa do Mundo. Essa outra oposição entre dois “Brasis”: o “real” e o dos cartolas, é exemplificada pelas construções: favela x

estádio. Esta dicotomia resgata à memória um já-dito sobre a desigualdade social brasileira. Assim, o enunciado sugere que a Brasil “real” é o país das manifestações, da desigualdade enquanto o Brasil dos cartolas, dos políticos, é o país dos novos estádios, da Copa do Mundo.

Sem o predicativo “Especial” que acompanhou a edição da semana do dia 20 de junho de 2013, caracterizado nas reportagens sobre as manifestações, a edição do dia 03 de julho de 2013 *Veja* faz um levantamento sobre os resultados das manifestações, com o título *Não é que funciona mesmo?* E o subtítulo *Em poucos dias, os protestos conseguiram façanha inédita de fazer o Congresso aprovar projetos contra a corrupção, os governos reduzirem tarifas e o Judiciário mandar um político para a cadeia. O grito dos manifestantes acordou os três poderes.* O título interrogativo (exclamativo) “*funciona mesmo*”, é um indicativo que, se havia dúvidas se as manifestações poderiam funcionar para reverter a letargia da classe política no país, essa dúvida foi sanada.

SD15

Desta vez, eles ouviram. Durante três semanas, os brasileiros de todos os cantos do país saíram de casa para juntar-se nas ruas a outros brasileiros. Empunhando cartazes e gritando refrões, exigiram honestidade, transparência e eficiência dos **políticos que ajudaram a eleger**. Não foi a primeira ocasião em que esse grito ecoou. Mas desta vez ele foi tão forte que fez os poderosos pular da cadeira. Aturdidos, governantes, congressistas e magistrados puseram-se a trabalhar como nunca. Em poucos dias, anseios antigos dos brasileiros foram atendidos com uma disposição e uma celeridade jamais vistas. Esse súbito despertar de quem detém o poder fez surgir uma constatação e uma pergunta. A constatação é que, afinal, era possível fazer. A pergunta é: por que, então, não fizeram antes? (Revista *Veja*, 03 de julho de 2013, p. 56, grifos nosso)

Mesmo condenando o comportamento da classe política, *Veja* destaca que os políticos desonestos foram eleitos com os votos de boa parte dos manifestantes. Essa menção ao processo eleitoral pode ser interpretado como uma tentativa de desautorizar ou invalidar as manifestações, pois, seria incoerente eleger uma classe política e logo depois criticá-la. Nesse sentido, cabe lembrar aqui que para a AD, o sujeito é uma posição dentre várias outras, mesmo tentando se posicionar a favor das manifestações, os dizeres sobre a autenticidade dos protestos não se legitimam na FD que *Veja* se enquadra.

No texto *Adeus à pátria de chuteiras*, *Veja* tenta separar a crise política do tema Copa do Mundo, empenhando-se em desconstruir a tese “futebol ópio do povo” que há tempo circula no imaginário da população brasileira. *Veja* defende a ideia de que a

população e os participantes da seleção saberiam diferenciar o Brasil seleção de futebol do Brasil que se manifesta nas ruas.

SD16 **Um dos marcos da Copa das Confederações**, aquele que talvez fique guardado na memória, **será o momento em que a torcida e os jogadores continuam a cantar o hino brasileiro mesmo depois de encerrada a execução do curto trecho inicial. Cantam a capela. É uma epifania no avesso da pancadaria nas cercanias dos estádios.** É um evento que, para muito além do teor cívico movido pelo Brasil que desceu para o asfalto, sempre foi raro em um país no qual os pendores nacionalistas são tratados com desdém. (...) **Fazer soar o hino aos berros é um novo tipo de protesto.** Todos querem dizer que estão atentos ao que se passa fora dos estádios. É uma novidade e tanto. (*Veja* 03 de julho de 2013, grifos nossos)

Na SD16 acima, observa-se a tentativa de aproximar o evento esportivo da opinião pública e expor, sob uma novo ponto de vista, a Copa das Confederações e a Copa do Mundo. Nesse ambiente pró Copa, os torcedores e jogadores cantaram o hino nacional juntos, esqueceram as manifestações do lado exterior (pancadaria) e fizeram uma forma de *protesto* particular ao cantar o hino nacional depois do encerramento do trecho exibido pelos organizadores. Lembrando que essa prática de cantar o hino após o término do trecho oficial iniciou-se em 2011 e, naquele período, os torcedores e jogadores não estavam protestando contra governos ou políticos, apenas cantavam o hino nacional. Talvez foi o que aconteceu no jogo da seleção brasileira contra a seleção mexicana: os torcedores e jogadores estavam apenas cantando o hino, no entanto, *Veja* viu nesse prática um novo tipo de protesto.

A defesa do evento esportivo aparece também nos seguintes trechos: *marco da Copa guardado na memória, a torcida e os jogadores cantam juntos, Fazer soar o hino aos berros é um novo tipo de protesto, Todos querem dizer que estão atentos ao que se passa fora dos estádios.* Esses dizeres reproduzem a posição hesitante em que a mídia e algumas personalidades, principalmente do meio esportivo e empresarial, se posicionaram contra ou a favor dos protestos em 2013²⁴.

Mesmo tentando unificar jogadores, torcedores e manifestantes no intuito de diminuir o impacto negativo da realização da Copa no período dos protestos, *Veja* exclui as pessoas que *desceram para o asfalto* e as deixaram literalmente do lado de fora, com a pancadaria. Enquanto dentro do estádio os *novos tipos de protestos* (contrastando com

²⁴ <http://odia.ig.com.br/esporte/2013-06-18/ronaldo-afirma-nao-se-faz-copa-com-hospital-mas-com-estadios.html>. Acessado em 21/02/2016.

os antigos tipos de protestos, como a pancadaria) se fazem ao sabor de jogos em estádios bilionários, com jogadores e torcedores endinheirados que, ao contrário do que afirmou a revista, não estão atentos às manifestações no lado de fora dos estádios.

Em mais uma matéria relacionada às manifestações, porém, abordando a violência no Rio de Janeiro, *Veja* destaca na matéria *O tráfico se manifesta* como os protestos foram usados pelos traficantes para atacar a população.

SD17 Os marginais encontraram **durante as manifestações da semana passada uma brecha** para trazer de novo para as ruas cenas de uma cidade fora da lei que se julgava estivessem extirpados do cotidiano carioca. Bandidos alojados no Complexo da Maré, um amontoado de favelas que se estende por 800,000 metros quadrados, saíram de seus esconderijos e, na noite de segunda, dia 24, **promoveram um arrastão em plena Avenida Brasil, paralisada por um protesto.** (Revista *Veja* 03 de julho de 2013, *grifos nossos*)

Pelo título da matéria *O tráfico se manifesta*, é possível observar que, pelos dizeres de *Veja*, há uma associação entre as manifestações e a ação dos traficantes no Rio de Janeiro: *o tráfico se manifesta=manifestações*. Neste caso, os sentidos são construídos a partir de relações linguísticas que indicam a filiação da revista em determinada posição ideológica, como afirma Orlandi:

o sistema relações de substituições, paráfrases, sinonímias, etc que funcionam entre elementos linguísticos – “significantes” – uma formação discursiva dada, o que estamos fazendo, analiticamente, é produzindo paráfrases que funcionam ou por sinonímia, ou por substituições, ou por associações etc. E, estabelecendo relações entre elas, vamos explorando as possibilidades de sentidos. (Orlandi, 2012, p. 135)

A denominação dada por *Veja* aos ataques dos traficantes não foi posta de forma ingênua. Essa tentativa de relacionar os traficantes às manifestações encontra traços na memória sobre a clandestinidade desses movimentos. Dizer *os tráfico se manifesta* ou invés de *o tráfico atrapalha* ou *o tráfico ataca* interpõe o caráter ilegal dos criminosos aos dos manifestantes. Ainda na SD17, observa-se que a revista tenta culpar, de alguma maneira, as manifestações pelos arrastões que ocorreram na Avenida Brasil, como indica o trecho *promoveram um arrastão em plena Avenida Brasil, paralisada por um protesto*. Ou seja, caso não houvesse protesto, não haveria arrastão, pois, numa relação de causa e consequência, o arrastão só aconteceu porque houve protestos, que paralisou a via expressa.

Em outro trecho, *Veja* tenta eximir de culpa a polícia pelas mortes causadas no confronto com os criminosos. Segundo *Veja*, os protestos demandaram um elevado número de policiais nas ruas e deixou outros sem segurança adequada.

SD18 Na sexta-feira, enquanto se instaurava um inquérito sobre o caso, dois pontos já estavam claros, segundo *Veja* apurou: 1) **os bandidos planejavam, sim, atacar no dia e hora das manifestações**; 2) **a polícia reagiu com pouco efetivo justamente porque a maior parte da tropa estava vigiando as passeatas**. Com uma pista interditada por manifestantes e a outra tomada por carros, **os bandidos não tiveram dificuldade em fazer o arrastão**. (*Veja*, 03 de julho de 2013, p. 76, grifos nossos)

As constatações de *Veja* sobre os ataques são evidentes, no entanto, a revista só não constatou os seguintes pontos: por que uma manifestação precisava ser mais *vigiada* do que criminosos que sempre agem como querem e quando querem no Rio de Janeiro, com ou sem a presença de passeatas? Além disso, como a revista mesmo constatou, por que não houve também um *planejamento* por parte das autoridades de segurança? *Veja* também não se manifesta sobre os desastrosos confrontos entre policiais e manifestantes que sempre acabam com inocentes feridos. Outro apontamento silenciado por *Veja* é o tratamento diferenciado da polícia em diferentes espaços no Rio de Janeiro. É sabido que, não só na área de segurança, mas nos diversos âmbitos do serviço público, existe um desequilíbrio em que pende a inclinação em atender de forma mais eficiente àqueles que residem em lugares chamados privilegiados no estado do Rio de Janeiro. De acordo com Medeiros (2012), a discursividade sobre a violência é segmentada de acordo com o padrão socioeconômico e, desta forma, algumas parcelas da população não dispõem do mesmo espaço na mídia ou dispõem de espaços diferentes.

Analisando toda a revista da edição de 18 de junho de 2014, foram encontradas apenas duas citações a respeito das manifestações de 2013. A primeira no especial intitulado *Eleições 2014*:

SD19 O governo sabia que a presidente Dilma Rousseff deveria manter uma distância regulamentar da Copa do Mundo. Em junho do ano passado, no **auge das manifestações** que derrubaram o apoio popular aos governantes, ela foi recebida com uma sonora vaia ao discursar na abertura da Copa das Confederações. (*Revista Veja*, 18 de junho de 2014)

Nessa SD19, as manifestações funcionam como um pré-construído na construção “*manifestações que derrubaram o apoio popular aos governantes*” – ou seja, todos sabem

o que foram as manifestações e que elas serviram para derrubar o apoio da população ao governo”. Segundo Pecheux, pré-construído consiste em “*um elemento de um domínio irrompe num elemento de outro*”, ou seja, *Veja* aborda as manifestações de 2013 “*como se esse já se encontrasse aí*” (Pêcheux, 1997, p. 89). Elas aparecem apenas como complemento da informação principal, sem adicionar nenhum conteúdo relevante sobre as manifestações de 2013. Mas o futebol e a política apareceram e juntos, mesmo após a insistência de *Veja* de tentar separar as duas práticas. Ainda sobre as manifestações, a realização dos movimentos só se fez presente para derrubar o apoio popular ao governo, nada mais. *Veja* silenciou o cancelamento do aumento das passagens dos transportes e todos os projetos que foram votados no Congresso de forma rápida e inédita no país.

Mais uma vez, o discurso sobre as manifestações é apagado, mas não foi a realização da Copa do Mundo que apagou as referências sobre os acontecimentos. Ao falar sobre silêncio, Orlandi (2008) diz que “importa menos saber o que ficou silenciado e mais a própria política da palavra: que “x” se disse para não se dizer “y”? Como esse “y” silenciado acaba por significar ao longo das diferentes falas e dos seus apagamentos (2008, p. 59). Neste caso, falaram sobre a Copa para apagar as manifestações, mas poderiam falar sobre qualquer outra coisa, como ocorreu nas matérias que serão analisadas mais adiante. O que foi silenciado aparece nas discursividades apresentadas nas edições anteriores e nas reportagens atuais. Ao falar sobre a materialidade do silêncio, Orlandi, explica que:

Em princípio o silêncio não fala, ele significa. Se traduzimos o silêncio em palavras há transferência, logo, deslizamento de sentidos, o que produz outros efeitos. Isso se deve ao fato de que mesmo se o silêncio não fala, enquanto forma significante, ele tem sua materialidade, sua forma material específica. A forma material é a forma (não empírica nem abstrata) constituída pela/na discursividade, forma em que se inscrevem os efeitos da articulação língua/história, acontecimento do significante no sujeito. (ORLANDI, 2012c, p.129)

Não é porque não se falou em manifestações que os sentidos para manifestações não compareceram nessas reportagens. Tudo o que foi dito sobre os acontecimentos e analisados por vários especialistas e dos mais variados ângulos e comparações comparecem aqui em suas discursividades. Assim, falar em Copa ou em outros temas na revista *Veja*, equivale silenciar as manifestações que ocorreram em 2013 e as que se sucederam em concomitância aos jogos da seleção. Esse apagamento, provido de sentidos, também produziu significado e estabilizou uma discursividade sobre o lugar em

que os protestos devem aparecer na mídia tradicional, ou melhor, o lugar em que determinadas manifestações não devem aparecer

Em 25 de junho de 2014, o índice de *Veja* destaca a reportagem especial de trinta páginas sobre a Copa do Mundo. No primeiro título “*Show com nos tempos de Pelé*”, a julgar pelas escolhas lexicais, observamos que *Veja* demonstra certa exaltação com Copa do Mundo e a compara com o mundial de 1958, quando a seleção ganhou o seu primeiro título. Observamos na SD20 a retomada de algumas materialidades linguísticas que apareceram nas edições de 2013:

SD20

A toda essa atividade é preciso acrescentar a moldura de torcedores quase sempre pacíficos, mas – numa competição na qual os **brasileiros** ocupam posição **curiosamente discreta – empolgados e ruidosos**. (...) Mesmo com o **Brasil** jogando pouca bola, porém, uma semana desta **apaixonante** Copa do Mundo foi mais que suficiente para **vencer o mau humor inicial do público brasileiro com o evento**. (...) **Apesar de todos os erros cometidos na preparação, o Mundial do Brasil já é um sucesso**. (...) Seja como for, nenhuma tese estará completa se não levar em conta um fator ao mesmo tempo óbvio e imponderável: tudo isso se passa no país que tem a seleção mais vitoriosa da história e que, para além do clichê, **trata o futebol como paixão e esteio de uma certa identidade nacional**. (Revista veja- 25 de junho de 2014, p, 113)

A relação metonímica empregada pela revista: Brasil (país) e Brasil (seleção) encaminha-se para justificar a associação do brasileiro com o futebol mesmo em tempos difíceis ou para, como a revista afirma, servir de auxiliar para a composição de sua “identidade”. “Apaixonante” foram as manifestações de 2013 que, agora, parece que se transformou em mero “mau humor inicial” dos brasileiros (manifestantes?) com o evento; ou podemos falar com o país? A confusão nas denominações em *Veja*, no contexto da Copa do Mundo, talvez seja reflexo dessa harmonia que o brasileiro faz ao tomar como sinônimos a seleção de futebol e o país.

O antropólogo Roberto DaMatta, em seu livro *O que é o Brasil?* tece algumas observações sobre o comportamento dos brasileiros em determinados aspectos, em relação a celebrações, como o carnaval, por exemplo. Ele afirma que:

No Brasil, como em muitas outras sociedades, o rotineiro é equacionado ao trabalho ou ao que remete a obrigação e castigos; ao passo que o extraordinário, como o próprio nome indica, evoca o que **é fora do comum e deve ser produzido com cumplicidade coletiva**. Cada um desses lados permite “esquecer” o outro, como as duas faces da **mesma moeda**. Pois tanto a festa quanto a rotina são modos que a sociedade tem de exprimir-se e renovar-se. (...) Na festa, comemos, rimos e vivemos o mito da ausência de hierarquia, poder, dinheiro e

esforço físico. Nela, todos se harmonizam por meio de roupas especiais, comidas singulares e, muito especialmente, pela música que congrega e iguala no seu ritmo e na sua melodia. (DAMATTA, 2004, p. 37)

Os enunciados presentes em *Veja* articulam-se nas palavras de DaMatta (2014) no que tange ao lado emocional da população brasileira que, segundo o antropólogo, tal como o carnaval, faz da Copa uma celebração, uma ritual que integra e leva, provavelmente, todas as classes sociais a “festejar” ou “torcer” por um elemento símbolo da nacionalidade, neste momento representado pela seleção brasileira de futebol. O patriotismo, que pode também ser considerado um efeito discursivo, surge nessa ocasião e impede que haja outro assunto tão relevante quanto o Mundial de Futebol no Brasil.

As notícias sobre a Copa do Mundo foram destaque na mídia mesmo antes do início do Mundial. Várias reportagens previam os primeiros lances dos jogos e multidões de comentaristas teciam opiniões sobre a seleção brasileira de futebol, sobre os jogadores, escalações da seleção e tantos outros assuntos relacionados à Copa. Com as inesperadas manifestações de 2013, as reportagens muitas vezes se dividiam entre a fracasso inevitável e o sucesso inesperado do evento. Nesse cenário, *Veja*, na edição de 02 de julho de 2014, inicia as reportagens sobre Copa com um tom otimista, como demonstra o texto *Os bons ares do Brasil*, destacando, sobretudo a famosa alegria e receptividade do povo brasileiro, mas ressalta os velhos problemas que assolam o país.

SD21

Para além do belo futebol nos gramados, **a alegria que tomou conta do país talvez seja o único legado incontestável do torneio. (...) Os problemas de sempre permanecem, ou foram apenas temporariamente abafados: os crimes, a inépcia do serviço público, o badalado jeitinho brasileiro que nada mais é que a antessala da corrupção.** Houve casos de furto de ingressos de gente desavisada dos gatunos e o onipresente pedido de dinheiro para parar o carro, mesmo em locais proibidos (nas cercanias do Itaquerão, o valor chegou a 50 reais). Tudo isso ainda está aí. **Mas, se fosse possível transportar o Brasil para dentro de um estádio, teríamos um país menos desigual, honesto em quase todas as suas atitudes e francamente afeito abraçar os estrangeiros.** (...) Mas, nas duas primeiras semanas do mágico mês da copa, **até agora deu tudo certo, no avesso das previsões apocalípticas.** Estima-se que 1,2 milhões de turistas passarão pelas cidades-sede, em grupos migratórios deslocando-se prioritariamente de carro e ônibus, mais do que de avião. (*Veja*, 02 de julho de 2014, *grifos nossos*)

Ao elencar os tradicionais problemas enfrentados pela população no dia a dia e depois afirmar que esses infortúnios foram suplantados pela *alegria* do povo brasileiro,

Veja se associa discursivamente à memória daqueles que propagaram a relevância da Copa como uma alternativa de *vender* o país para o estrangeiro, marcando aí sua predileção à questões econômicas. Como representante da mídia tradicional e árdua defensora do neoliberalismo (ZANELLA, 2012), *Veja* não poderia deixar de criticar o governo atuante, ao destacar a ineficiência dos serviços públicos e a corrupção. No entanto, tudo parece mais civilizado se transportado para o ambiente futebolístico.

É interessante observar como a imposição de sentidos determina o posicionamento de *Veja* neste trecho. Ao afirmar que *até agora deu tudo certo, no avesso das previsões apocalípticas*, do seu lugar de mediadora dos fatos, a revista produz o consenso sobre o evento esportivo, indicando uma evidência sobre o sucesso da Copa. Conforme Orlandi,

Ao mesmo tempo em que a mídia produz esse esvaziamento, pela estabilização dos percursos, por essa imobilização (censura) pelo iBope, nela também o político não tem lugar próprio. Há, atualmente, um silenciamento do discurso político, que desliza para o discurso empresarial, neoliberal, em que tudo é igual a tudo (o político, o empresarial, o jurídico, etc.). Nesse sentido, se se pode dizer que a mídia é lugar de interpretação, ela rege a interpretação para imobilizá-la. (ORLANDI, 2012, p. 16)

As designações contrastante em *o sucesso da Copa e previsões apocalípticas* produzem filiações de sentidos bastante distintas. De um lado, encontra-se um já-dito sobre o encantamento do futebol no país e de outro, a crítica daqueles que se posicionaram contra o evento. *Veja*, em sua interpretação, exalta o futebol e vai além, acredita que o esporte pode transformar até a conduta de uma pessoa. Enquanto do lado oposto, as *previsões apocalípticas*, *Veja* não traz detalhes sobre tais *previsões*, o que são e quem seria afetado se essas previsões se realizassem.

Ainda sobre interpretações, os dizeres expostos em *Veja* sobre a tendência criminosas dos brasileiros e a obrigatoriedade de ser amável com o estrangeiro, prevalecendo até uma típica relação de subserviência, transmite não só um nacionalismo tosco mas também indica um tipo de salvacionismo pelo futebol, fazendo deste esporte um símbolo nacional e até de adoração.

Ao falar sobre seus princípios e objetivos, *Veja* afirma que insiste na necessidade de *consertar, reformular, repensar e reformar* o Brasil. Nas análises das reportagens sobre as manifestações em 2013, observa-se que a revista tentou *consertar* o Brasil, ou seu modo, ao desacreditar as manifestações e sugerir que, tal como os jovens de outros lugares do mundo, os jovens brasileiros apresentavam os mesmo motivos para se

“revoltarem”: a impaciência e a inconstância típica da idade. Portanto, os sentidos interpretados por *Veja* para manifestações significaram *rebeldia* e *vandalismo*.

Nas duas reportagens seguintes, *Veja* esforçou-se para *reformular* as designações sobre manifestações e manifestantes mas, mesmo aceitando que os protestos promoveram importantes mudanças no cenário político, *Veja* ainda sustenta a defesa das instituições política e relativiza a importância das manifestações.

Em 2014, ano da Copa do Mundo e de eleições, *Veja* empenhou-se em criticar o governo e separar o evento esportivo de questões políticas. O cenário otimista com a Copa do Mundo transformou as manifestações em “*grupos menores, com algumas pessoas tentando praticar atos de violência.*” (Revista *Veja*, 25 de junho de 2014, p.115). Neste caso, as designações para manifestações em 2014 voltaram a significar *rebeldia* e *vandalismo*, como na primeira edição em que *Veja* abordou as manifestações de 2013.

3.2 As manifestações em *IstoÉ*

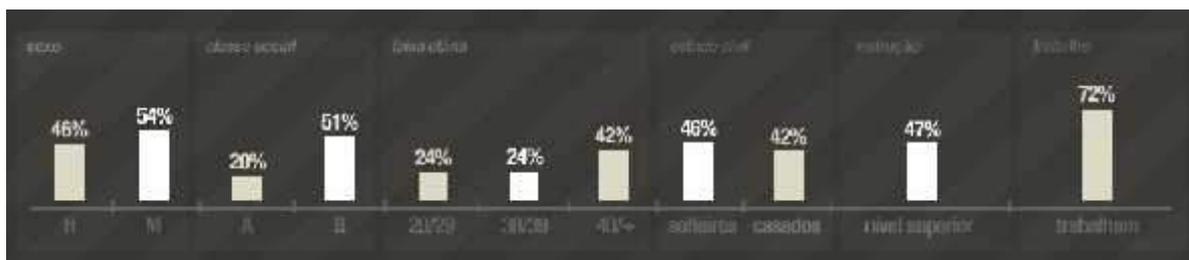
A revista *IstoÉ*, lançada em 1976, nasceu em decorrência da saída de alguns jornalistas oriundos da revista *Veja*. Observando seus princípios editoriais, *IstoÉ* também mantém o discurso sobre a imparcialidade jornalística, como se observa no trecho a seguir:

“ISTO É - A mais combativa revista semanal de informação e interesse geral do Brasil ... pratica um jornalismo crítico, plural, democrático e compromissado apenas com o Leitor. Assim, investe todo seu esforço investigativo para levá-los a verdade dos fatos, através da informação precisa e independente.”²⁵

Este esforço em falar de si pelo viés da independência jornalística resvala no já-dito sobre a parcialidade da mídia tradicional, grupo ao qual *IstoÉ* pertence. Desta forma, *IstoÉ* assume que não participa desse grupo e, ao falar de suas práticas jornalísticas, conclui: “*comprometido apenas com o Leitor*”, “*levá-los a verdade dos fatos*” e “*A mais combativa revista semanal de informação e interesse geral do Brasil*”. Porém, analisando o infográfico²⁶ com informações socioeconômicas de seus leitores, apresentado pela Editora Três, é possível identificar quem é o Leitor de *IstoÉ* e para quem ela é combativa.

²⁵ <<http://editora3.com.br/istoe.php>> Acessado em 23/11/2015.

²⁶ <<http://editora3.com.br/istoe.php>> Acessado em 27/12/2015.



SEXO	CLASSE SOCIAL	FAIXA ETÁRIA	ESTADO CIVIL	INSTRUÇÃO	TRABALHO
46% Homens 54% Mulheres	20% A 51% B	24% 20/29 24% 30/39 42% 40/+	46% solteiros 42% casados	47% nível superior	72% trabalham

FIGURA 14- Infográfico IstoÉ

A partir das informações extraídas do quadro exposto na figura, chama a atenção o imaginário que a revista faz de seu leitor e de si mesma. Atravessa em seus dizeres um interdiscurso, entre outros, sobre: a classe social de quem lê a revista: a elite. Ou seja, se as classes A e B leem *IstoÉ* é porque ela tem qualidade para atender esse segmento, portanto, é porque são ricos e, por isso, leem a revista, pois a maioria das pessoas de baixo poder aquisitivo não lê a revista. Há aí uma indicação de *status* e, talvez, até de uma certa sofisticação para aqueles que leem a revista²⁷.

Outras informações relevantes são o nível de instrução e a ocupação dos leitores. O infográfico só aponta o percentual dos leitores com curso superior, estabelecendo então um já-dito sobre as pessoas que detêm o diploma de graduação no país²⁸ e os que leem a revista. Nesse sentido, há uma relação direta, segundo a revista, entre o nível intelectual de seus leitores e a relevância jornalística de *IstoÉ* para esse grupo. O não dito neste quadro apresenta uma divisão de classe social, de gênero e de grau de instrução.

A partir dessas informações, Tavares (2013) entende que a imprensa está sempre propensa a seguir determinados interesses, seja no aspecto político ou financeiro. Seguindo nessa reflexão, Orlandi (2012a) afirma que “*Uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva*”, ou seja, é indiferente, por exemplo, se dizer de esquerda ou de direita, os sentidos se dão na discursividade. Tais orientações são observadas não só pelos princípios editoriais anunciados pela publicação, mas também, indiretamente, pelos anunciantes que compram seus espaços e pelas personagens que

²⁷ De acordo com o infográfico apresentado na página da Editora Três, seus leitores estão divididos entre as classes A e B. Não há nenhuma representação das classes C e D.

²⁸ <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/so-16-dos-trabalhadores-tem-ensino-superior-completo> Acesso em 29/12/2015.

comparecem em suas colunas. E é com base nesses indícios e nos princípios editoriais pressupostos pela Editora Três que serão realizadas as análises.

A seguir serão apresentadas as análises de *IstoÉ* que, assim como *Veja*, conduzirá o mesmo percurso, iniciado pelas capas, seguindo pelos editoriais e encerrando pelas reportagens.

3.2.1- Capas



FIGURA 15 - 19 de junho DE 2013

Nas edições da revista *IstoÉ*, segue-se o mesmo critério de *Veja*, visualizando as materialidades que retomam as manifestações e analisando o que foi retomado nas edições de 2014. A revista *IstoÉ* do dia 19 de junho traz em sua primeira capa sobre as manifestações os seguintes dizeres: “*A volta da repressão*” em destaque, e logo acima, em letras menores, a expressão “*nada justifica*”, e abaixo o enunciado “*Os movimentos sociais renascem em todo o país e são respondidos à bala por uma polícia despreparada*”. A imagem impactante do policial agredindo uma mulher que parece cair sobre outra pessoa, traz a memória os sentidos naturalizados sobre a ditadura militar no Brasil: a agressividade da polícia. Ao trabalhar com o gênero de fotografia *features* que são classificadas pelo fotojornalismo como imagens espontâneas (SOUZA, 2004, p. 92), *IstoÉ* organiza a marca não-verbal direcionando sentidos para produzir um efeito de literalidade na interpretação da imagem. Porém, Segundo Souza, a imagem produz sentidos porque:

dadas essas propriedades, se diga que a imagem também informa, comunica, e sim porque - em sua especificidade - ela se constitui em

texto, em discurso. E nesse ponto, sublinhamos que falar dos modos de significação implica falar também do trabalho de interpretação da imagem, procurando entender tanto como ela se constitui em discurso, quanto como ela vem sendo utilizada para sustentar discursos produzidos com textos verbais. (SOUZA, 2001, p. 70)

Neste caso, mesmo com a técnica fotográfica que, imaginariamente, aparenta permitir somente uma única interpretação, a imagem também é um discurso e, de acordo com o posicionamento da revista *IstoÉ*, a imagem “fala mais que mil palavras” e por isso, é uma prova irrefutável sobre o comportamento descontrolado da polícia.

Nesta capa, *IstoÉ* condena a polícia ao destacar sua atitude com as seguintes designações: “arbitrariedade”, “descontrole”, “repressora” e “despreparada”. A agressão da polícia sobressai às ações das manifestações que, chamados apenas de movimentos sociais, sem referência sobre a causa que eles defendem, *IstoÉ* diz apenas que “renascem em todo País”. Mesmo sem muitos detalhes sobre a natureza dos movimentos sociais, a presença da expressão *A volta da repressão* aliada à memória sobre como as manifestações eram reprimida pela polícia na época da ditadura, encaminham sentidos favoráveis ao manifestantes. Neste caso, assim como os movimentos sociais do passado que lutavam contra a ditadura foram(são) exaltados pela coragem e resistência, os manifestantes de 2013 “renascem”, emergem mesmo com a repressão policial.



FIGURA 16 -26 de junho de 2013

A segunda capa sobre as manifestações em 2013 traz o seguinte título: “*Hoje você é quem manda*”, formado por letra cursiva, em vermelho, que dá a impressão de uma pichação, cuja tinta fresca ainda escorre pela capa. No fundo em preto e branco, há uma

montagem formada por vários manifestantes que parecem estar gritando palavras de ordem e segurando seus cartazes com algumas reivindicações. O logotipo da revista aparece na cor preta, tonalidade que produz uma harmonia visual com os outros componentes da capa e que, provavelmente, leva a supor também um alinhamento ideológico com as manifestações. O título faz uma referência explícita à canção de Chico Buarque *Apesar de Você*, que aborda o período da ditadura militar no Brasil e suas consequências na vida da população, incluindo a censura e a repressão da polícia. Comparando a composição das duas capas, observa-se que *IstoÉ* revisita a temática da ditadura militar.

No entanto, é oportuno perguntar se a comparação é válida. Se na música de Chico Buarque quem mandava eram os ditadores naquela época, hoje são os manifestantes quem mandam? Mas mandam em quem? Mandam como? Pelas condições de produção do discurso, considerando as circunstâncias de enunciação da capa, pode-se entender que os manifestantes *mandam* porque conseguiram anular²⁹ o aumento das tarifas e o fizeram com o direito de se manifestarem, ou seja, pela insistência e com diálogo. Cabe ressaltar também que ocorreram várias manifestações até a decisão do cancelamento do aumento das tarifas. Em contrapartida, o governo ditatorial mandava nos cidadãos pela força, pelas armas, não havia diálogo com a população. As decisões eram impostas e deveriam ser obedecidas, a população aceitando ou não.

No lado esquerdo inferior da capa está o subtítulo “*A voz das ruas se impõe, assusta os políticos, conquista vitórias e mostra que veio para ficar*”. Neste trecho, a organização sintática descreve os acontecimentos que a revista achou relevante destacar: a imposição dos manifestantes que agiram de forma incansável por uma causa; o susto que atingiu os políticos e a conquista de algumas reivindicações. Mas ao falar para seus leitores, *IstoÉ* parece se colocar como representante dos manifestantes quando opina ou ameaça: “*e mostra que veio para ficar*”. O posicionamento da revista deixa entender, a princípio, que as manifestações atuais não serão efêmeras como as anteriores, mas *a voz que veio para ficar*, mas sem complemento, pode deixar suspenso em que lugar da história social a voz ficará. O lugar das manifestações que sempre teve espaço limitado na mídia “*vai ficar*” destacado na grande imprensa ou, como ocorre frequentemente, “*vai ficar*” à

²⁹ Reajuste da tarifa é revogado em trens, Metrô e ônibus em SP Decisão foi anunciada nesta quarta-feira (19) no Palácio dos Bandeirantes. Autoridades sofriam pressão popular por reajuste das tarifas. 19/06/2013. <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/reajuste-de-tarifa-e-revogado-em-trens-metro-e-onibus-em-sp.html>> Acessado em 20 de maio de 2016.

margem dos noticiários ou relegados à página policial como demonstrações de vandalismo ou quebra-quebra?



FIGURA 17-03 de julho de 2013

A última capa da revista *IstoÉ* que aborda as manifestações em 2013 apresenta a imagem da bandeira do Brasil no formato de um bloco cheio de rachaduras e com alguns pedaços ainda sendo recolocados em seu devido lugar. Em volta da imagem da bandeira do Brasil aparece a reprodução de vários homens (representando classe política-todos sem rosto, com a mesma forma), trajando terno e segurando materiais de construção, que dão a entender que estão reconstruindo o bloco (país). A figura que está no centro da página contrasta com o fundo vermelho que encobre toda a página da revista.

O título que estampa a capa *Você mandou e o poder se mexeu* faz alusão à reportagem de capa da edição anterior, cujo título *Hoje você é quem manda* abordava, entre outras coisas, as conquistas dos manifestantes sobre o governo, principalmente em relação ao cancelamento das tarifas dos transportes públicos nas principais cidades do país.

O subtítulo do reportagem *Despertados pelo ruído que vem das ruas, governos, Congresso e até o Judiciário se movem em um verdadeiro mutirão para apresentar propostas, votar medidas e atender às demandas populares. Uma nova ordem política começa a funcionar no Brasil* traz algumas designações que permitem, juntamente com

as marcas não-verbais, verificar como a revista se inscreve em certas filiações ideológicas ao falar sobre a classe política e as manifestações.

No título da reportagem *Você mandou e o poder se mexeu*, o pronome *você* indica, além dos manifestantes, os próprios leitores de *IstoÉ*. Para a revista, o *você*, direcionado imaginariamente para os manifestantes e os leitores, pressupõe que, para a revista, trata-se de uma evidência que a adesão às manifestações é unânime.

Sobre as marcas não-verbais do cenário da ilustração, observa-se que o bloco que representa o país está sendo recomposto, pressupondo que foi quebrado (pelos manifestantes?) ou estava fora de ordem. A reconstrução do bloco/país está sendo conduzida pela classe política que (se mexeu), ao ouvir o ruído das ruas, (som confuso, rumor) mobilizou-se para apresentar resultados à população.

O destaque na capa da revista explora agora os efeitos provocados pelas manifestações no meio político. A partir de agora, anuncia a revista, *Uma nova ordem política começa a funcionar no Brasil*, no entanto, pelas imagens e marcas verbais, a nova ordem seria comandada pela velha classe política que comanda o país (os políticos que só agem pela reação da população). A imagem das figuras que representam os políticos, todos iguais, com o mesmo formato, trabalhando para reconstruir o bloco e a discreta presença dos manifestantes na capa indicam que *IstoÉ* prepara a resposta da classe política às manifestações.



FIGURA 18 -18 de junho de 2014

Na edição de 2014, encontramos o dizer “*Brado retumbante*”, seguido da afirmação “*O grito das torcidas empurrou a Seleção, sufocou os manifestantes*

mascarados e expôs a insatisfação do brasileiro com os políticos”. No verbal, observa-se que *IstoÉ* retoma da edição de 2013 a expressão “movimentos sociais”, que é substituída um ano depois por “manifestantes mascarados”. No ano da Copa do Mundo, o “grito da torcida sufocou os manifestantes mascarados”, ou seja, para *IstoÉ*, o grito da torcida brasileira foi maior que o dos “manifestantes mascarados” sendo, portanto, suprimido pela torcida ao cantar com os jogadores da seleção brasileira de futebol, a plenos pulmões, o hino nacional.

No subtítulo da revista *O grito das torcidas empurrou a Seleção, sufocou os manifestantes mascarados e expôs a insatisfação do brasileiro com políticos e cartolas*, *IstoÉ* apresenta aos leitores a personagem que, provavelmente, substituiu os manifestantes de 2013: os torcedores. De acordo com as condições de produção de 2014, os torcedores agora detêm o poder para:

- 1- Empurrar a seleção (observa-se na imagem os jogadores na frente e os torcedores ao fundo), trazendo novamente o discurso nacionalista sobre pátria/futebol.
- 2- Sufocar os manifestantes mascarados, estabelecendo a rivalidade entre torcedores e manifestantes. O adjetivo mascarados pressupõem aí o grupo black blocs, mas *IstoÉ* não faz nenhuma ressalva sobre os tipos de manifestantes, o que produziu efeitos de sentidos de que todos os manifestantes são mascarados e vândalos.
- 3- Expor a insatisfação do brasileiro com políticos e cartolas. A crítica aos políticos permanece, mas a revista inclui na lista os cartolas, pessoas responsáveis pela organização da Mundial de Futebol.

De acordo os dizeres da revista, é possível estabelecer um novo direcionamento de sentido às manifestações e suas práticas. O grito dos torcedores não sufocou apenas os manifestantes mascarados. A determinação feita por *IstoÉ* de posicionar os torcedores da seleção como protagonistas da Copa e, eventualmente, mediadores das insatisfações da população com a classe política e com empresários do futebol impôs o silenciamento às manifestações e, conseqüentemente, a exaltação do amor à pátria, aqui representada pela seleção brasileira de futebol.



FIGURA 19- 25 de junho de 2014

A capa da revista *IstoÉ* que circulou em 25 de junho de 2014 não apresenta nenhuma referência às manifestações de 2013. Contrastando com a capa de ano anterior, o tom azulado e branco do logotipo da revista está em sintonia com o título da capa: “*De volta à vida*”, que traz a reportagem que aborda novos tratamentos para a recuperação de pessoas que já estiveram em coma. Do lado esquerdo, há uma imagem do piloto de Formula 1 Michael Schumacher que passou por um período em coma e submeteu-se ao tratamento abordado pela revista.

Ao falar sobre o funcionamento das capas de revista, Vaz e Trindade (2013) constatam que a produção de uma capa deve necessariamente captar a atenção do leitor e despertar seu interesse pela reportagem. No título bastante sugestivo de *IstoÉ*, há um embuste semântico-discursivo (ORLANDI, 2012) ao anunciar em sua capa a inscrição *De volta à vida*. Dentre as várias possibilidades de se apreender o sentido, é possível interpretar que alguém morreu e voltou à vida. Mas, seguindo com a leitura, o leitor vai se deparar com o tema voltado para tratamentos médicos, e não sobre questões que envolvem temas voltados para vida após a morte.

Na prática jornalística, mesmo quando não há nada de relevante para se publicar, os jornalistas buscam assuntos que estão diretamente relacionado com a rotina da sociedade (FURTADO, 2013). E dentre os assuntos que mais chamam atenção do público em geral estão aqueles relacionados à vida ou à morte. Segundo Scalzo (p. 63, 2013):

“Como se costuma dizer nas redações, com certo humor negro: Papa morto vende, Papa vivo, não”.

Além das reportagem sobre tratamentos médicos, na parte superior da capa há uma chamada especial sobre a Copa com a seguinte pergunta: *Já estamos vivendo a melhor Copa da história?* Essa pergunta retórica, que implica uma resposta afirmativa, produz também um discurso ufanista sobre o Brasil, país do futebol, e destaca a qualidade do evento esportivo. O advérbio *já* funciona como uma quebra de expectativa para o leitor, ou seja, a Copa ainda não terminou e *já* se tem a constatação de que é a melhor Copa da história. Observa-se que não há uma delimitação sobre que aspecto da Copa é a melhor da história, mas a revista se permite fazer a inserção do evento esportivo no cronograma da história, incluindo também o leitor como participante desse acontecimento memorável. Nas palavras de Barbosa, esse procedimento se dá porque:

Uma vez produzido no interior de uma prática que se pauta pelo emprego de estratégias de manipulação do real e pelo sensacionalismo, o acontecimento é, antes de tudo, produto de uma montagem e de escolhas orientadas de imagem, que lhe garantem o efeito de *acontecência*, a impressão do vivido mais próximo daqueles que o vivem. Produto dos meios de comunicação, esse novo acontecimento é projetado, lançado e oferecido ao público sob a forma de espetáculo. Soma-se a isso o fato de a mídia impor imediatamente o vivido como história. Por esse raciocínio a mídia é, para as massas, a forma mais moderna, quando não a única, de viver a história no calor do seu acontecimento, história da qual participam sem realmente participar, dada a mistura de distância e intimidade que caracteriza a vivência dessa história intermediada. (BARBOSA, 2003, p. 116)

O leitor se imagina vivenciando a história ao participar da Copa do Mundo, ou seja, da melhor Copa da história de todos os tempos. Fica então apagado o outro lado da organização da Copa do Mundo que não vai ficar para a história, como, por exemplo, os mandos e desmandos da FIFA³⁰ com seu padrão de qualidade, o excesso de recursos públicos despejados em estádios que só serviram para os jogos da Copa e as falsas promessas de legado para a população, herança cujos benefícios ninguém conseguiu usufruir, além de silenciar a insatisfação com a Copa trazida pelas manifestações.

³⁰ <http://sportv.globo.com/site/programas/selecao-sportv/noticia/2013/06/valcke-desconversa-mas-explica-o-que-e-padrao-fifa-pedimos-o-melhor.html>> Acessado em 27/12/2015.



FIGURA 20 - 02 de julho de 2014

A edição da revista *IstoÉ* de 02 de julho de 2014 traz em cena duas reportagens em destaque: o Especial Copa e A Guerra do Glúten. Os subtítulos da reportagem são: *A dieta que retira o nutriente da alimentação vira uma febre mundial e divide especialistas; Os benefícios e os prejuízos desse regime, segundo alerta de médicos e nutricionistas; A onda de exclusão chega também à lactose e milhares de pessoas estão deixando de consumir leite. Isso é realmente bom para saúde?* Ao falar sobre capas de revista, Scalzo (2013) admite que nem todos os dias os jornalistas podem contar com notícias bombásticas para expor em suas capas e, por isso, é preciso recorrer a outras estratégias, como, por exemplo, a formatação da capa, a diagramação entre outras técnicas.

A imagem que ilustra a capa de *IstoÉ* traz um pão envolvido numa espécie de bomba ou explosivo que está prestes a explodir. A ilustração complementa os enunciados da capa que, em tom catastrófico (guerra, febre mundial, alerta de médico e especialistas, milhares de pessoas) expõe uma guerra ao nutriente glúten. De acordo com Orlandi:

Diríamos que o silêncio não é interpretável, mas compreensível. Compreender o silêncio é explicar o modo pelo qual ele significa. Compreender o silêncio não é, pois, atribuir-lhe um sentido metafórico em sua relação com o dizer (“traduzir” o silêncio em palavras), mas **conhecer os processos de significação que ele põe em jogo. Conhecer os seus modos de significar.** (ORLANDI, 2007, p. 50, grifos nosso)

Mesmo considerando a preocupação que a sociedade brasileira pode ter em relação à saúde, parece que produzir uma reportagem sobre glúten, ou melhor, uma guerra do glúten, não comparece em *IstoÉ* apenas sob a pretensão de relatar um hábito alimentar seguido por um contingente mínimo de pessoas. *IstoÉ* destacou em sua capa um assunto para, provavelmente, escamotear outros temas que, pela orientação ideológica da revista, não seria possível apresentar nas condições de produção daquele período.

Assim como na capa da edição anterior, a Copa do Mundo segue em destaque na capa de *IstoÉ* enquanto as manifestações são silenciadas. Numa das chamadas sobre a Copa do Mundo, a revista fala sobre o famoso jogador da seleção brasileira com o dizer: *Neymar e o peso da juventude* e *Por onde andam os cartolas sumidos do Mundial*. O retorno da juventude em *IstoÉ* agora tem como representante a figura jogador Neymar, não mais os jovens manifestantes. Já os cartolas, que para muitos representam o lado negativo do esporte e está associado à FIFA, estão sumidos. No entanto, é preciso ressaltar que é a mídia que estabelece suas pautas e determina quais fatos devem ser noticiados. Desta forma, talvez o sumiço dos cartolas fosse proposital, pois, junto com as notícias sobre os cartolas, os assuntos considerados desagradáveis que rodearam a organização do campeonato também iriam aparecer, como as obras superfaturadas, a subserviência do governo brasileiro em relação à FIFA, as manifestações populares e tantos outros.

A capa que sintetizou a primeira reportagem sobre as manifestações de 2013 em *IstoÉ* trouxe a marcante imagem da repressão policial nos protestos. A revista não destacou a atuação das manifestações mas sim as ações dos policiais que ficou evidenciado na capa. Na edição seguinte, os manifestantes foram os protagonistas na imagem e, desta vez, *IstoÉ* apresentou algumas das reivindicações expostas pelos manifestantes e evidenciou suas conquistas. A terceira capa traz uma imagem do Brasil (figura da bandeira nacional) sendo recomposto pelos políticos. Um dos sentidos possíveis é que *IstoÉ* entende que o país foi destruído pelas manifestações e agora, só a classe política pode reconstruí-lo. As manifestações que, antes eram significadas como resistência, vitórias contra o governo deslizaram para ruídos que serviram apenas para assustar a classe política.

Em 2014, o apoio quase incondicional de *IstoÉ* às manifestações se esvaiu e transformou os manifestantes em “mascarados”. E assim como ocorreu em *Veja*, *IstoÉ* também tentou separar futebol e política, e defendeu a realização do evento esportivo enquanto renegava a classe política e o governo.

Nas duas últimas capas de 2014, *IstoÉ* deixou o apoio quase incondicional às manifestações pelo apoio à Copa do Mundo. Nessas capas, as manifestações ficaram ausentes e a Copa, desta vez, não foi o grande destaque na imagem, no entanto, o evento compareceu em chamadas um tanto pretensiosas como “*Já estamos vivendo a melhor Copa da História?*” (*IstoÉ*, 25 de junho de 2014).

Na próxima subseção serão analisados os editoriais de *IstoÉ* e, a partir de então, compreender o funcionamento desse espaço opinativo na revista.

3.2.1- Editorial

A reportagem sobre as manifestações de 19 de junho de 2013 que não apareceu no editorial já anuncia, de certa maneira, o posicionamento da revista sobre os acontecimentos de 2013. O editorial de *Isto É* traz em seu título “*O autoritarismo não pode prevalecer*”, e fala, sobretudo, do confronto da polícia com os manifestantes, comparando a reação policial no tempo da ditadura.

SD22

Após décadas de apatia e ausência de protestos da sociedade diante dos mais variados atentados à cidadania – da violência urbana à imoralidade política -, eis que o País assiste a uma retomada, com força e de maneira disseminada em vários Estados, dos **movimentos sociais**. (...) **Não devemos ser tolerantes e coniventes com a repressão** em nenhum estágio possível, por menor que ela esteja. (...) A sociedade brasileira já viveu, da pior maneira, os reflexos negativos e danos provocados pelos **anos de chumbo de uma ditadura militar que limitou todos os direitos** – inclusive o mais elementar que é o do protesto. **Aceitar o retorno desse estado de coisas é inaceitável**. A democracia é naturalmente movida por **ações reivindicatórias do povo**. **Tolher esse espírito é um ato tirânico** cujas consequências ninguém quer assistir de novo. (Revista *Isto É* – 19 de junho de 2013, grifo nosso)

Neste trecho, podemos observar que *IstoÉ* parece legitimar os movimentos sociais como uma “instituição” que detém poderes para intervir em situações em que só o governo está autorizado a atuar, “*diante dos mais variados atentados à cidadania – da violência urbana à imoralidade política*”, e ignora que, como representante da grande mídia, os espaços destinados às reportagens sobre manifestações dependem dos segmentos da sociedade, conforme afirma Medeiros:

é, no entanto, sabido que **não ocupam os mesmos espaços midiáticos em função da classe social por ela atingida**. Podem migrar de um espaço a outro, mas há condições de produção para isso, isto é,

condições de produção que permitem suas inscrições em lugares que as excluem. (MEDEIROS, 2012, p. 208, grifo nosso)

A revista também retoma a memória do período da ditadura militar ao comparar a reação da polícia nas manifestações de 2013 à década de 1960, e critica a “resposta oficial”, ou seja, o governo, pelo tratamento dispensado aos manifestantes, alegando que suas reivindicações são legítimas e não podem ser “tolhidas” no estado democrático. Nesta passagem, o gesto de interpretação sugerido pela revista é o da denúncia contra a repressão às manifestações e, assim como *Veja, IstoÉ* também direciona sentidos, abordando os “já-ditos” sobre as antigas e recorrentes tensões entre manifestações e governos. Nessa construção imaginária da revista entre ditadura e democracia, ou seja, “movimentos sociais” x “repressão (governo)”, a revista alinha-se aos movimentos (manifestações), pois, de acordo com as formações imaginárias que amparam as práticas discursivas e permitem que o sujeito preceda seus dizeres, nas condições de produção daquele momento, às manifestações já se tornara um efeito de evidência na mídia, mesmo ainda dividida entre apoiar ou rejeitar, as manifestações foram consideradas um acontecimento jornalístico.

Com o título *Todo esse grito contido*, o editorial do dia 26 de junho de 2013 *IstoÉ* segue, aparentemente, em defesa das manifestações, como se observa na SD a seguir:

SD23

Foram tantos e tão legítimos os gritos de ordem que eles conseguiram calar até os acordes de truculência policial dos primeiros dias. Jovens, em sua maioria, ganharam as ruas e o direito de serem ouvidos. Políticos atônitos, de diversas filiações, foram tomados de surpresa. (...) os manifestantes partiram atrás de bandeiras mais ambiciosas. Algumas românticas até. (...) O desejo de mudar os move e deixa um recado claro àqueles que querem representá-los: não vão mais tolerar calados os desaforos dos escolhidos pelas urnas. (...) A aula de civismo da nova geração vem, como não poderia deixar de ser, da maneira mais inovadora possível: através das redes sociais. (...). (Revista IstoÉ, 26 de junho de 2013, p.20)

Tal fato é observável pelas marcas linguísticas empregadas pela revista: *tão legítimos os gritos; nova ordem que está sendo composta nas ruas; aula de civismo da nova geração*. Esses enunciados apontam a segmentação de dois eixos distintos: os políticos e os manifestantes. Para o primeiro grupo, são reservadas designações como: *classe política desorientada, políticos atônitos*; entre outros tantos predicativos depreciativos. Para o segundo grupo, vários elogios e saudações.

A revista, no entanto, faz algumas considerações que rompem a cadeia de sentidos favoráveis aos manifestantes: *os manifestantes partiram atrás de bandeiras mais ambiciosas. Algumas até românticas e não vão mais tolerar calados os desaforos dos escolhidos elas urnas*. O que são bandeiras românticas *IstoÉ* não informa, porém, pela maioria das reivindicações expostas pelos manifestantes, poderia entender que seriam bandeiras românticas exigir um serviço de saúde que atenda à população? Educação de qualidade? Fim da corrupção? A outra inserção que revela a orientação ideológica da revista, o que se marca no trecho *os escolhidos pelas urnas*, é quase uma adaptação da frase “*Cada povo tem o governo que merece*³¹”. Sabe-se que os parlamentares só conquistam a vaga após todo o processo eleitoral pelo qual os eleitores escolhem seus candidatos. Esse intradiscorso acusa, indiretamente, a população brasileira pelas escolhas malfeitas, segunda a revista.

O editorial de 03 de julho de 2013 *A resposta dos governantes* reafirma as informações da capa sobre as reações dos governantes mediante as reivindicações apresentadas nas manifestações. A revista elenca uma série de ações conduzidas pelo governo para acalmar a população:

SD24

Logo na quarta-feira 26, a Casa que comanda um projeto definiu corrupção como crime hediondo, **um avanço** sobre um projeto que tramitava havia quase 20 anos e estava esquecido nas gavetas da burocracia parlamentar. Com as primeiras iniciativas partindo do Executivo, o Legislativo parece ter **saído da letargia** em que se encontrava, acordado pela voz do povo. E mesmo o Judiciário trouxe respostas, determinando **a prisão imediata** do primeiro deputado federal em pleno exercício do cargo desde que a Constituição de 1988 entrou em vigor. (Revista *IstoÉ* 03/07/2016, p. 20)

As rápidas respostas apresentadas pelo governo e reiterada pela revista como os resultados das reivindicações dos manifestantes são expostas como algo sobrecomum para a rotina morosa dos Três Poderes. É sabido que essas medidas foram anunciadas, praticamente ao mesmo tempo, para apaziguar os ânimos das ruas, mas muitas das pautas reclamadas não foram e nem serão atendidas. Sabe-se que anunciar a corrupção como crime hediondo não trará nenhum consolo para a população. Há um já-dito no país que a justiça ágil funciona para poucos e, além disso, muitos políticos já condenados por atos

³¹ Frase atribuída ao *Joseph-Marie Maistre*, filósofo francês (1753-1821) <Acessado em 27/12/2015>

ilícitos não sofrem nenhum tipo de punição, quando não são reeleitos para novos cargos públicos.³²

Em 18 de junho de 2014, *Isto É* aponta “as vantagens indiscutíveis da Copa”, e elenca os vários motivos pelos quais a população brasileira deveria se unir para recepcionar de forma satisfatória o maior evento esportivo do mundo. Como indica o recorte a seguir:

SD25

Começou! A Copa já está rolando nos gramados brasileiros e com ela **os dividendos** diretos do maior evento da terra ficaram evidentes. (...) O importante neste momento em que ocorre o espetáculo é o tipo de imagem que o País conseguirá transmitir para fora. E conta, fundamentalmente, para o sucesso da **empreitada** a percepção coletiva de que a missão de “**vender**” **bem as virtudes daqui cabe a cada um de nós. Não há como dissociar o futuro da Nação do que ocorrerá agora com a Copa. Não é produtivo no momento torcer contra.** (...) **Não foi a Copa que nos trouxe os problemas** e poderão surgir dela potenciais saídas. (Revista *Isto É*- 18 de junho de 2014, p. 20, grifo nosso)

É interessante observar que a Copa do Mundo é dada pela imprensa como um acontecimento jornalístico que, nas palavras de Dela-Silva:

compreende-se assim, um fato selecionado dentre os diversos que ocorrem em um dado período, considerado de interesse público, e que, por isso, passa a ocupar as edições dos noticiários impressos ou eletrônicos. (DELA-SILVA, 2011, p. 291)

Grande parte da mídia impressa, em 2014, ocupou-se quase que exclusivamente da cobertura da Copa do Mundo no Brasil. Todos os detalhes do evento esportivo eram relatados em seus mínimos detalhes. A suposta novidade de sediar a Copa no país suplantou outros fatos que aconteceram naquele período.

Para *IstoÉ*, a Copa do Mundo surge como um evento promissor que poderá ser o diferencial para o futuro da Nação. O “País” que aparece agora em *Isto É*, no contexto da Copa do Mundo, deve aproveitar as “vantagens indiscutíveis” do evento. O que se pode afirmar que certamente há vantagens em se realizar um evento dessa grandeza no país. Levando em consideração que o histórico sobre falta de transparência por parte de alguns governantes no trato com o dinheiro público é bastante questionada³³, as

³² <http://oglobo.globo.com/politica/paulo-maluf-entra-para-lista-de-procurados-da-interpol-3036666>
Acessado em 02/01/2016.

³³ Folha de S. Paulo: Estádio de Brasília foi superfaturado, aponta Tribunal de contas. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/03/1426140-estadio-de-brasilia-foi-superfaturado-aponta-tribunal-de-contas.shtml>. Acesso em 31/03 de 2015, às 12hs.

“vantagens indiscutíveis” ficam para quem organiza e aqueles que ganham com o mercado da publicidade em geral. Para os índios que foram removidos da Aldeia Maracanã³⁴ a fim de ceder o lugar a um estacionamento para Copa do Mundo, por exemplo, talvez não fosse vantagem realizar a Copa no país.

Voltando ao trecho do editorial exposto na SD25, a revista emprega um conjunto de termos ligados ao campo semântico do setor de negócios, na tentativa de explicar a relevância econômica de se organizar o evento: “dividendos”, “empreitada”, “vender”, “produtivo”. Esses argumentos propõem associar a realização da Copa do Mundo com o crescimento da economia brasileira e, com isso, não silenciar, mas sim repudiar qualquer tipo de ação que possa distorcer as “virtudes” do país para a imprensa e, conseqüentemente, o mercado no exterior. Ou seja, não seria prudente para a economia do país fazer manifestações contra a Copa ou contra qualquer outra causa. *IstoÉ*, que em 2013 saudava os manifestantes e condenava a repressão do governo, em 2014, em nome do “mercado” e da “economia”, condena as manifestações e, além de isentar a organização do evento de causar qualquer tipo de inconveniente para a sociedade, delega ao futebol grandes oportunidades de ascensão econômica.

O texto do editorial de *IstoÉ* exposto em 25 de junho de 2014 fala sobre a corrida à presidência do Brasil. O assunto que motivou a discussão no editorial foi a vaia que a presidente Dilma Rousseff recebeu na abertura da Copa do Mundo. Segundo o jornalista, alguns segmentos da sociedade pretendem espalhar o ódio na campanha presidencial que atingiria os dois lados: a situação e oposição. Com o título *O ódio tomou conta*, *IstoÉ* mantém a posição contra a classe política e a favor dos (e)leitores ao condenar a baixaria dos candidatos.

Apesar de falar sobre o ódio das duas partes, a revista expõe uma imagem do ex-presidente Lula, trajando uma camisa vermelha, cor símbolo de seu partido, falando ao microfone com uma expressão raivosa. Numa primeira leitura, um efeito de sentido possível é entender que o ódio ao qual a revista se refere tomou conta do ex-presidente. Essa tese pode ser confirmada com a leitura atenta por todo o artigo. Nessa perspectiva, pode-se reformular o título com a seguinte expressão: O ódio tomou conta do PT.

A associação do ex-presidente ao discurso do ódio compõe um cenário de desânimo para os eleitores, segundo a revista. A imagem dos políticos, representado por

³⁴ Jornal do Brasil: Aldeia Maracanã: índios são removidos para o programa Minha Casa, Minha Vida. Fonte: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2014/06/16/aldeia-maracana-indios-removidos-entram-para-o-programa-minha-casa-minha-vida/>. Acesso em 30 de março de 2015, às 11hs.

Lula, como uma classe que faz de tudo para alcançar o poder, reflete no aumento de votos nulos e brancos. Mais uma vez *IstoÉ* opõe os políticos à população, enquanto descreve o processo eleitoral como *debates sangrentos no ringue e bate-boca vulgar*.

O editorial da edição de 02 de junho de 2014 intitulado *A pajelança política*, analisa as coligações partidárias para as eleições daquele ano. A palavra guerra retorna ao texto de *IstoÉ*, agora voltando-se para o conflito entre os candidatos que, segundo a revista, estão organizando uma verdadeira “pajelança de correntes e ideias” que não corresponde à nenhuma coerência ideológica.

Ao abordar os acordos que estão sendo realizados pelos partidos políticos, *IstoÉ* novamente retoma o discurso “futebol, ópio do povo”, como comparece na SD a seguir.
SD26

Na sombra da Copa uma guerra surda se desenvolve em torno das alianças e acordos de chapas partidárias. Surpreende tamanho da **pajelança de correntes** e ideias, que não obedece a qualquer critério lógico. (Revista *IstoÉ*, 02/07/2014, p. 20)

De acordo com as materialidades, os arranjos que são realizados pelos partidos políticos estão sendo acordados “Na sombra da Copa”, ou seja, enquanto os brasileiros acompanham os jogos da Copa, “uma guerra surda” se configura no país. Em oposição às festividades da realização da Copa, a “guerra surda” da classe política, incompreensível, que não ouviu as reivindicações das ruas, se mantém silenciosa na efetivação das mesmas práticas corporativistas e interesseiras de tempos anteriores às manifestações.

Após as análises dos editoriais, verificou-se que houve uma conexão em relação aos sentidos produzidos pela revista referente às manifestações. O primeiro editorial ressaltou a crítica ao comportamento repressivo da polícia ao tentar conter os protestos e também condenou o que considerou *anos de apatia e ausência* dos manifestantes frente aos descasos promovidos pela classe política. No segundo, as manifestações foram enaltecidas pela revista que, desde o início das manifestações, apresentou sua orientação discursiva favorável aos protestos. No último editorial, a *IstoÉ* exibiu a *resposta dos governantes* para a população. A revista destacou o novo ritmo de trabalho que as manifestações imprimiram à classe política e elencou algumas leis e projetos aprovados pelos políticos, além de relatar novas medidas para combater alguns problemas já conhecidos pelos brasileiros como, por exemplo, o combate a corrupção, melhoria nos serviços públicos e tantos outros.

Em 2014, a discursividade favorável à realização da Copa que já se constatava na capa, retornou no editorial. *IstoÉ* defende a tese de que a população deveria se unir para “vender” o Brasil para o estrangeiro. A palavra *brasileiros* que antes designava os manifestantes agora faz referência ao *torcedores*. Nas duas últimas edições de 2014, diferente das edições anteriores, *IstoÉ* não apresentou em seus artigos opinativos as análises sobre as reportagens de capa. Talvez pela irrelevância das reportagens principais que trazia como destaque os temas: “*De volta à vida*” e “*A guerra do glúten*”, a revista optou por falar sobre a campanha eleitoral.

Ao contrário de *Veja* que, mesmo no auge das manifestações, expressava uma certa resistência ao defender os protestos, *IstoÉ* denunciou a agressividade dos policiais e abraçou a causa dos manifestantes desde o início dos protestos em 2013. Já em 2014, a revista não só silenciou as manifestações como as acusou de *atrapalhar* a imagem positiva que o país precisava projetar para o mundo. Em 2014, novos sentidos foram construídos para Copa do Mundo e para as manifestações; para Copa, instauraram-se sentidos defendendo o mundial e as vantagens que este iria trazer para o setor econômico, tais como o desenvolvimentos da economia nos estados que receberam os jogos e o crescimento do turismo; para as manifestações, quando mencionadas, mobilizava sentidos contra aqueles que *torciam* contra a Copa e, conseqüentemente contra o desenvolvimento do país.

3.2.3-REPORTAGENS ESPECIAIS

Assim como *Veja*, a revista *IstoÉ* de 19 de junho de 2013 destaca as manifestações já em seu índice, que divide o espaço da página com o editorial que aborda as manifestações de junho.

O primeiro título -- “*A volta da repressão*” -- mobiliza memória da ditadura militar pelos já-ditos exposto pelo léxico “repressão” e pelas imagens: policiais armados agredindo manifestantes. Essas materialidades funcionam discursivamente ao direcionar sentidos a favor das manifestações e, de certa forma, contra a polícia (governo), como sugere a SD a seguir:

SD27

Num **país** onde é frequente ouvir-se a queixa de que a sociedade sofre de profunda apatia, mostrando-se incapaz de mobilizar-se para defender seus interesses e encarar seus problemas de frente, **a mobilização social de uma massa de estudantes e jovens trabalhadores de São Paulo deveria ser saudada como um exemplo de cidadania**. Após quatro dias de protestos, contudo, surgiu em **São Paulo uma situação hostil, assustadora e perigosa**. Incapaz de atuar de forma preventiva, controlando as manifestações com **métodos civilizados e fazendo uso consciente e responsável da força** quando necessário, na última quinta-feira 13, **a Polícia Militar de São Paulo retornou aos piores momentos de seu passado, quando reprimiu a população sob o regime militar para acuar e atacar militantes**. (Revista *Isto É*- 19 de junho de 2013, p. 38)

Ao analisar a SD27, observa-se que a revista *Isto É* parece confirmar seu alinhamento e apoio às manifestações, pela designação dada aos manifestantes “*estudantes e jovens trabalhadores*” e o tratamento que esses deveriam receber por parte da sociedade, em “*deveria ser saudada como um exemplo de cidadania*”. Mais uma vez, *Isto É* cria um cenário de oposições: polícia contra os manifestantes. Neste trecho, o retorno à memória da ditadura militar é bastante enfatizado na reportagem.

Ao associar este evento ao período ditatorial, *Isto É* estabelece em seu dizer uma comparação do comportamento da polícia nas duas situações e, de acordo com os sentidos construídos sobre a repressão policial naquele período, inscreve a atuação policial de hoje tal como se concebeu à ação policial da década de 1960. Com afirma Orlandi (2008), ao falar de história em AD: “Os discursos estabelecem uma história. A história, em nossa perspectiva discursiva, não se define pela cronologia, nem por seus acidentes, nem é tampouco evolução, mas produção de sentidos”. (ORLANDI, 2008, p. 18). Tudo o que foi discutido sobre o regime militar retorna aqui por uma cadeia de práticas discursivas que produz sentidos e se estabiliza na memória social.

Ao diferenciar a notícia da reportagem, Bahia (2009) confere à notícia apenas o registro de uma fato, enquanto a reportagem seria o desenvolvimento da notícia de forma mais detalhada, que aborda o evento pela ótica da interpretação e não mais da descrição de uma ocorrência.

Preservando as tendências jornalísticas sobre o texto da reportagem descrito acima, *Isto É* apresenta nas páginas do especial da edição de 26 de junho de 2013 sobre as manifestações intitulado *A voz das ruas* (reportagens intercaladas por propagandas do governo de Brasília, do governo do estado do Rio de Janeiro, por uma rede de departamento de produtos eletrônicos e pela Rede Globo de Televisão), um panorama sobre os acontecimentos de forma bastante alinhada às causas dos manifestantes.

A reportagem introdutória do especial dá continuidade ao título exposto na capa, *Hoje você é quem manda*, referindo-se à canção de Chico Buarque *Apesar de você*. O texto segue com uma sequência de fotografias com imagens das manifestações nas cidades de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. As cenas reproduzem momentos estratégicos das manifestações nas três principais cidades do país. As fotos das manifestações são legendadas com os dizeres: *Os rostos jovens e as vozes firmes se multiplicaram, cresceram e assustaram o que agora é o antigo poder, que escolheu uma nova ordem: as ruas mandam!*

Há nessa inscrição uma delimitação temporal entre o que a revista considera como passado e o futuro: *o antigo poder e a nova ordem*. Ao delimitar os poderes, *IstoÉ* delega às *ruas*, ou melhor, aos manifestantes, o poder de mandar, mas ao longo da reportagem, as manifestações aparecem numa gradação decrescente de relevância no cenário político, econômico e social, como se pode observar nas SDs a seguir:

SD28

A voz das ruas, que **parecia anestesiada**, se impôs. A opinião pública **revelou sua força**. Mesmo sem uma grande causa aglutinadora, fez reverberar por todos os cantos do País uma insatisfação latente que o poder institucionalizado desconhecia (...). A **nação acordou com o recuo dos governantes, descobriu que sim, é possível provocar mudanças**. (...) **A velocidade com que as demandas das ruas forçaram a recuada das autoridades foi um triunfo**. (...) Foi uma vitória e tanto para um movimento que, de início, era menosprezado, difamado como partidário e brutalmente reprimido. (...) A atual onda de protestos é diferente em quase tudo das manifestações que o Brasil conheceu décadas atrás. (Revista *Isto É*- 26 de junho de 2013, p. 50-52)

Apesar da comparação das manifestações de junho com os movimentos passados e, conseqüentemente, da exaltação às atuais sem considerar o contexto histórico de cada manifestações (1968, a Passeata dos 100 Mil; 1984, pelo voto direto e em 1992, contra o governo Collor), *IstoÉ* novamente produz uma ruptura na história e apaga as conquistas das manifestações anteriores, como observado nos dizeres “A voz das ruas, **que parecia anestesiada**”, “A **opinião pública revelou sua força**” e “A **nação acordou com o recuo dos governantes, descobriu que sim, é possível provocar mudanças**.” Esses dizeres projetam sentidos direcionados para uma possível indolência da população frente aos governantes e que, agora, somente nas manifestações de junho de 2013, teria conseguido impor sua força. As manifestações são alçadas, até agora, como uma nova força política no país.

No desenvolvimento das reportagens de *IstoÉ*, há alguns sentidos destoantes dos apresentados no início da reportagens e na capa da revista. Os dizeres da capa da revista que indicavam que *A voz da rua... veio para ficar* encontra resistência no trecho:

SD29 Os protestos pararam o País, situação que, **se perdurar, não ajudará evidentemente qualquer agenda por mais progresso e bem-estar da população**. Esse é apenas um dos dilemas que se colocam daqui para frente. (Revista *Isto É*- 26 de junho de 2013, p. 56)

Confrontando as duas sequências, constata-se a divergência de posicionamento entre os dizeres na mesma revista, sobre o mesmo tema. As inscrições que, na capa da revista e no início da matéria, estariam direcionadas para um alinhamento com as causas das manifestações e a continuidade dos protestos, expõe agora um desvio ou distanciamento das manifestações em favor de questões que atendem as demandas econômicas “mais progresso e bem-estar”. No cenário pensado pela revista, a continuidade das manifestações que “pararam” o país não são compatíveis com uma agenda progressista.

Na visão do texto jornalístico, esses conflitos de posições nas reportagens de *Isto É* podem até ser considerados como opiniões incoerentes, mas esses dois direcionamentos é justificável pela AD porque:

essas diferentes posições do sujeito no texto correspondem a diversas formações discursivas. Isto se dá porque em um mesmo texto podemos encontrar enunciados de discursos diversos, que derivam de várias formações discursivas. **A constituição do texto, do ponto de vista da ideologia, não é homogênea**. O que é previsível, já que a ideologia não é uma máquina lógica, sem descontinuidade, contradições, etc. É isto que as diferentes posições do sujeito representam no texto. (ORLANDI, 1999, p. 54)

Por esses termos, o texto de *IstoÉ* não é considerado contraditório, ele reproduz a dispersão do sujeito a os diferentes posicionamentos de sentidos que podem surgir num mesmo dizer. Porém, isso não significa que há outras FD em disputa por um sentido dominante; pode-se inferir que há disputas de sentidos em convergência para dado posicionamento ideológico, voltado para questões financeiras e mercadológicas, por exemplo.

Nas SDs seguintes, *IstoÉ* tenta fazer uma diferenciação entre a classe política e o papel exercido pela presidente da República Dilma Rousseff.

SD30 Governadores, prefeitos, ministros, senadores e deputados de partidos diversos e inclinações ideológicas opostas, todos eles foram empurrados para a vala comum do desprezo exibido com orgulho nas ruas pelos manifestantes. (Revista *Isto É*- 26 de junho de 2013, p. 74)

Os predicados depreciativos que foram atribuídos à classe política em geral são reservados aos políticos que estão subordinados politicamente à presidente. Em relação à chefe do Estado, os adjetivos que acompanharam seu nome foram empregados de forma mais cautelosa, na tentativa de evitar a associação do governo federal à imagem da presidente Dilma Rousseff.

SD31 Num governo frequentemente acusado de submeter a política às estratégias publicitárias, Dilma **resolveu fugir** de teorias conspiratórias, semelhantes àquelas que deram um ar patético a tantos governantes – ditadores ou não – que já enfrentaram manifestações de caráter semelhantes na Ásia e no Oriente Médio. Num discurso pronunciado na terça-feira 4, **Dilma colocou as coisas em seu devido lugar**. (Revista *Isto É*- 26 de junho de 2013, p. 72)

Observa-se, na SD31, a distinção entre o governo que subordina suas decisões políticas às determinações publicitárias, enquanto a presidente, contrariando a maneira de agir do governo, colocou “as coisas em seu devido lugar”. Pela orientação discursiva da revista, é possível compreender que a incursão da presidente no cenário das negociações entre o governo e os manifestante resultou na tomada de decisão para o cancelamento do aumento da tarifa e deu às manifestações um tom de legitimidade oficial.

É possível inferir também que a expressão poderia indicar um fim às manifestações, visto que no dia do pronunciamento da presidente na TV em rede nacional, o MPL deixou de convocar novas manifestações e, desta forma, o movimento saiu da cena dos protestos. Com isso, o governo pretendia amenizar os ânimos dos manifestantes e decretar um fim aos protestos, ou melhor, seria “colocar as coisas em seu devido lugar”.

O texto seguinte intitulado *O grande líder* aborda o suposto protagonismo das redes sociais na organização das manifestações. Para *IstoÉ*, a internet foi um dos principais mecanismos para disseminar as reivindicações das ruas, promover discussões sobre os movimentos, convocar participantes para as passeatas e acompanhar a agenda dos protestos. Em oposição aos procedimentos dos movimentos passados, a revista instituiu um novo meio de comunicação em massa: as redes sociais:

SD32 De todas as transformações desencadeadas pela internet nos últimos anos, talvez **a mais extraordinária** de todas esteja em curso neste exato momento. Se é verdade que todo grande movimento popular é resultado

da **força magnética de um líder**, agora é possível afirmar que a onda de protestos se deve ao poder irresistível de um novo tipo de liderança. (...) Na segunda década de século 21, os movimentos populares nascem, amadurecem e avançam de forma avassaladora **no universo quase ilimitado das redes sociais**. (Revista *Isto É*- 26 de junho de 2013, p. 78)

O tom alvissareiro sobre o sucesso das redes sociais foi amparado por uma pesquisa que, realizada no auge das manifestações, apontou esse meio de comunicação como a instituição mais admirada pelos paulistanos, num comparativo com algumas denominações religiosas³⁵.

Ao atribuir parte do sucesso das manifestações aos novos canais de comunicação, *Isto É* não contesta a credibilidade nem veracidade das informações exposta por esse meio. No entanto, ao falar sobre o sucesso dos protestos ao redor do mundo, a revista não faz nenhum apanhado dessas informações nas redes sociais. *Isto É* demonstra aos seus leitores como as manifestações brasileiras foram noticiadas em outros países pela imprensa internacional, tomando como base os principais jornais impressos do mundo. Mesmo denominando as redes sociais de novo líder na área de comunicação, a revista prefere se respaldar nas informações dos “velhos” meios de comunicação, ou seja, os jornais impressos.

Na última reportagem sobre as manifestações, a realização da Copa das Confederações e a Copa do Mundo no Brasil são questionadas, no texto, pelos manifestante e pela revista. Fora das dimensões do texto, a página expõe patrocínios das estatais Banco do Brasil e da Petrobras, além de um logotipo especial para a cobertura da Copa do Mundo.

Com o título *Padrão FIFA*, pelos dizeres da revista, a Copa do Mundo não é um bom negócio para a população que sempre paga um valor muito alto em impostos por serviços de qualidade discutíveis. O emprego de marcas linguísticas que indicam o malefício da organização do evento no país encontra ressonância na voz do manifestantes e especialistas ouvidos pela revista:

SD33

Em outubro de 2007, quando o Brasil foi confirmado como sede da Copa do Mundo de 2014, **o povo comemorou**. Talvez não soubesse ao certo as consequências dessa decisão. Passados seis anos, o quadro é

³⁵ Pesquisa realizada pelo Datafolha no dia 18 de junho de 2013 revelou que as redes sociais foram avaliadas como instituição de prestígio por 72% dos pesquisados, em seguida a imprensa, com 70%, e da Igreja Católica, por 34% dos entrevistados. <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1297630-rede-social-e-imprensa-tem-maior-prestigio-e-pode> Acessado em 21 de junho de 2016.

outro. As manifestações que tomaram conta do País nos últimos dias **não pouparam a Copa do Mundo e das Confederações**. (...) Na verdade, o que se revelou nas manifestações é uma **crítica ao baixo nível dos serviços públicos como educação e saúde**. (...) A julgar pelos primeiros números disponíveis, **os críticos parecem ter razão**. A abertura da Copa das Confederações em Brasília, no sábado 15, **deu prejuízo ao governo do Distrito Federal**. Foi gasto o dobro do valor que o evento trouxe à cidade. (Revista *Isto É*- 26 de junho de 2013, p. 78, grifos nossos)

Para tentar justificar o discurso contra a Copa do Mundo, a revista promove uma imaginária ofensiva contra o governo e a FIFA. De acordo com seus dizeres, os sentidos são direcionados para o campo semântico do comércio, de questões financeiras. O que para a revista poderia ser um argumento para fundamentar o evento esportivo até então não correspondeu às expectativas dos investidores que apostaram na Copa.

No subtítulo da reportagem -- *A Copa das Confederações vira alvo de manifestações pelo custo excessivo das obras diante da baixa qualidade dos serviços públicos no país* --, na expressão *A Copa vira alvo das manifestações*, de acordo com os direcionamentos de sentidos estabelecidos pela revista, as competições situam-se agora na posição de alvos dos protestos, o que é confirmado no trecho da SD33 *As manifestações que tomaram conta do País nos últimos dias não pouparam a Copa do Mundo e das Confederações*. Ao nomear as Copas como *alvos*, designações que no senso comum está mais próximo de vítima, de algo que sofre as consequências injustamente, que não é poupado, supõe indiretamente que a generalização das pautas dos manifestantes encontrou na Copa mais um item para a lista das reivindicações dos protestos contra o governo.

Ao determinar os motivos pelos quais os brasileiros estariam contra a realização da Copa do Mundo, *Isto É* retoma o discurso sobre altos impostos e péssimos serviços públicos oferecido pelo estado: *custo excessivo das obras diante da baixa qualidade dos serviços públicos no país*. Ao recorrer ao mesmo dizer dos manifestantes, *Isto É* posiciona-se, imaginariamente, no lugar de seu leitor, antecipando-se ao seu discurso. Para Orlandi:

Segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou se outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto.

Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor. (ORLNADI, 2012, p. 39)

Desta forma, os leitores encontram uma certa harmonia nos dizeres sobre os eventos esportivos no semanário. Pela formação imaginária que a revista projeta de seus leitores e pela relação de forças estabelecida no contexto das manifestações, o discurso contra a FIFA e contra certos setores do governo foram exteriorizados pelos cartazes nas manifestações e assim, embasaram também o discurso de *IstoÉ*.

Apesar de elencar as prováveis desvantagens que acarretariam ao contribuinte a realização da Copa do Mundo, *IstoÉ* silencia outros problemas que também implicariam em prejuízo direto ao mesmo *povo que comemorou em 2007* a chance de sediar o evento esportivo. Como, por exemplo, a urbanização desenfreada em várias cidades do país, situação que levou à inúmeras desocupações de casas sem a justa indenização para as famílias; a elitização da Copa do Mundo que transformou o esporte mais popular do país em evento exclusivo para poucos endinheirados e a transformação de um espetáculo que deveria ser de cunho privado em política de governo.



FIGURA 21 - 26/06/2013

As imagens que ilustram a página da reportagem destaca um grupo de policiais vestidos tais como se fossem lutar numa guerra, portando capacetes, escudos e cassetetes (tropa de choque), protegendo os arredores de um estádio de futebol e, em frente à tropa, alguns pessoas com cartazes manifestando, sobretudo, contra a FIFA. O mais interessante dessa reportagem é a oposição construída pela imagem entre as manifestações e o governo

(representado pela polícia); enquanto *IstoÉ* aparentemente inclina-se para as manifestações, os símbolos do estados se fazem presentes como patrocinadores da revista. Nessa reportagem, há um contraste entre o que diz o texto e o que apontam as cenas reproduzidas pela revista. Ao analisar textos verbais e não-verbais, Souza (2001) indica que, às vezes, a imagem e o texto nem sempre estão em harmonia com o mesmo discurso:

Na mídia impressa, não é diferente. A composição entre a chamada da notícia, a foto, cuidadosamente escolhida a partir de um determinado ângulo e a legenda que acompanha a foto produzem um tipo de texto que, quase sempre, está em dissensão com a redação da notícia propriamente dita. Trata-se de considerar aqui um texto visível a partir do efeito de diagramação que funciona como chamariz, estando o mesmo quase sempre fora de sincronia com a redação da notícia que o acompanha. (SOUZA, 2001, p. 77)

Neste caso, as imagens escolhidas para representar a reportagem servem apenas para chamar a atenção do leitor, pois não dialogam com o posicionamento da revista, que ao conclamar junto com os manifestantes reivindicações básicas para a população, não abre mão das garantias financeiras que as estatais podem patrocinar. *IstoÉ* pode até se dizer contra o governo em seu discurso, mas o governo se mostra nos patrocínios expostos nas páginas da revista e no logotipo especial da Copa, sinal indicativo de, mesmo falando contra a realização do evento, a revista vai acompanhar minuciosamente seu desenlace.

As revistas em geral não conseguem acompanhar o ritmo dos fatos que ocorrem diariamente. Por sua periodicidade semanal, muitas notícias divulgadas nos meios eletrônicos ou em jornais impressos já se dispuseram em relatar e interpretar os fatos, desta forma, as revistas precisam analisar os eventos sob diferentes ângulos e trabalhar com tendências, com o desenrolar dos fatos. Nas palavras de Gregolin, a interpretação incessante de notícias e sua resignificação pela mídia resulta em diferentes posicionamentos discursivos:

Esse efeito de “história ao vivo” é produzido pela instantaneidade da mídia, que interpela incessantemente o leitor através de textos verbais e não-verbais, compondo o movimento da história presente por meio da resignificação de imagens e palavras enraizadas no passado. Rememoração e esquecimento fazem derivar do passado a interpretação contemporânea, pois determinadas figuras estão constantemente sendo recolocadas em circulação e permitem os movimentos interpretativos, as retomadas de sentidos e seus deslocamentos. Os efeitos identitários nascem dessa movimentação dos sentidos. (GREGOLIN, 2007, p. 16)

As reportagens especiais sobre as manifestações que foram divulgadas uma semana após o MPL divulgar a interrupção das convocações para novos protestos

ocasionou uma delimitação temporal entre o antes e o depois dos protestos. Após as séries de manifestações, as revistas se ocuparam em explicar os acontecimentos e conjecturar os possíveis rumos do país.

As consequências das manifestações e a volta do protagonismo da política foram efetivados por *IstoÉ*, que enfatizou as ações que o governo rapidamente providenciou ao ver sua representatividade questionada pela população. A primeira reportagem da edição de 03 de julho de 2014 traz o título *O poder se mexeu – Num processo iniciado pela presidenta Dilma, Executivo, Legislativo e Judiciário respondem às manifestações, mas ainda há muito o que fazer*

Observa-se agora, pelas marcas linguísticas, que *IstoÉ* intervêm, em nome da classe política, para a instituição de uma nova ordem no país.

SD34

Depois de atravessar o País inteiro em passeatas memoráveis, **confrontos duros com a polícia e embalar cenas lamentáveis de baderna, o terremoto político iniciado com o Movimento Passe Livre de São Paulo obrigou o poder de Brasília a se mover**. Entre medidas de subsídio e **investimentos diretos no transporte público, gastos definidos para a saúde e educação** e outros rubricas do Estado brasileiro, encaminharam-se demandas estimadas em R\$ 115 bilhões anuais, **grandeza que só costuma ocorrer após grandes catástrofes e situações de guerra**. (Revista *IstoÉ* 03/07/2013, p. 41, grifos nossos)

Verifica-se que o discurso de *IstoÉ*, mesmo ressaltando a relevância das manifestações, estabelece uma nova discursividade sobre elas, confirmada pelas afirmações: *confrontos duros com a polícia; embalar cenas lamentáveis de badernas; terremoto iniciado pelo MPL*. Pelo discurso sustentado por *IstoÉ*, o MPL, identificado agora como líder dos movimentos que confrontou a polícia (o estado) e embalou (incitar, alimentar) a baderna, é comparado a um *terremoto político*, expressão que pressupõe um teor político partidário ao grupo e não uma manifestação de insatisfação generalizada da população. Em contrapartida, o governo tenta reconstruir o país com uma injeção de investimentos nas áreas em que os serviços públicos são mais precários e afetam diretamente as classes mais pobres: saúde, educação e transporte.

O discurso da legitimidade política defendido por *IstoÉ* está, no entanto, legitimando apenas a figura da presidente Dilma Rousseff em detrimento dos outros poderes. Segunda a revista, foi a presidente quem comandou as negociações que permitiram o cancelamento das tarifas dos transportes públicos e o fim das manifestações, como se observa na SD a seguir:

SD35

Enquanto deputados, senadores e governadores mantinham absoluto silêncio em meio às pressões das ruas, a presidenta deu as caras, foi a televisão, e concorde ou não com as medidas adotadas ao longo da semana para dar resposta efetivas às manifestações, **ela chamou a responsabilidade para si. Tomou atitudes de quem compreende a gravidade da situação e seu lugar dentro dela.** Cancelou a viagem de sete dias ao Japão e, criticada por conversar pouco e mandar muito, passou a semana em diálogos variados. (...) mas **conversou também com a garotada** que começou as mobilizações em São Paulo. (...) **Dilma foi quem detonou a reação dos Três Poderes, até então desorientado e atônitos.** (Revista *IstoÉ* 03/07/2013, p. 41, grifos nossos)

Há então uma dissensão entre as forças políticas. De um lado, a presidente da república que age, segundo a revista, de maneira solitária e os outros políticos que ignoravam ou não sabiam como reagir durante as manifestações.

No final das eleições de 2010, muito se conjecturou sobre o passado militante de Dilma Rousseff em meio ao estado de exceção em que o país vivia na década de 1960. Assim como a maioria da mídia, o passado da então primeira mulher a exercer o cargo de presidente da república foi passado a limpo e com isso, a associação de sua vida política com a luta pela democracia estabeleceu uma marca de resistência à presidente. Em 2010, a revista *IstoÉ* publicou o seguinte trecho sobre esse período:

SD36

Eram tempos estranhos. **Dilma foi presa** numa operação que mandou para os porões da repressão uma leva de militantes da Vanguarda Armada Revolucionária (VAR), grupo político que ela integrava. Durante 22 dias, **foi moída a pancadas e choques elétricos** por torturadores do Exército. **Ficou quase três anos na prisão.** É possível imaginar que, se não tivesse sido capturada pelas três equipes de agentes que a cercaram no centro de São Paulo no dia 16 de janeiro de 1970, Dilma teria seguido sua militância na VAR. (Revista *IstoÉ*, 03/10/2010, grifos nossos)

Por esse direcionamento discursivo, observa-se a retomada de uma memória da época em que Dilma Rousseff foi presa e torturada no período da ditadura militar na edição de 2013: *deu as caras, tomou atitudes, quem detonou*. A memória sobre a luta e a resistência da presidente comparece agora como uma força contra a leniência dos outros políticos e dos demais poderes. Enquanto os outros políticos agem só por meio de pressões externas (manifestações) e pelas ordens da presidente, ela própria, segundo a

revista, aparece como uma líder onipresente e onipotente, pronta para resolver qualquer questão de forma imediata.

Nas reportagens sobre as manifestações, *IstoÉ* apresenta de forma bastante didática os projetos anunciados pelo governo para responder às demandas das ruas. São cinco os principais eixos temáticos voltados para atender à população: Reforma Política, educação, saúde, transporte público e corrupção.

Nas apresentações dos projetos, para cada problema exposto, há uma solução verossímil mas, como é sabido, as coisas não são tão simples como propõe *IstoÉ*.

- 1- Para a reforma política: o problema é o índice de corrupção no sistema eleitoral. A solução seria aplicar novas regras para o financiamento de campanhas. “ (...) *o senado chegou a votar a lei que estabelece a corrupção como crime hediondo*”
- 2- Para educação: falta de qualidade na educação pública. A resposta seria investimentos que sairia do petróleo. “*Em ruas de todo o Brasil se ouviu o grito ‘Da copa eu abro mão. Eu quero mais dinheiro para saúde educação’.* *O pedido foi atendido. Primeiro pela presidenta Dilma Rousseff, que, em pronunciamento na sexta-feira 21, pediu que o Congresso votasse a proposta destinava 100% dos royalties da exploração do petróleo para a educação*”
- 3- Para a saúde: sistema de saúde pública ineficiente para atender a população. Para resolver o problema, mais investimento com recursos do petróleo, mais investimentos do governo e contratação de médicos estrangeiros. “*Num quadro que não será resolvido do dia para noite, a saúde recebeu duas boas notícias, nos últimos dias (...) Ao garantir 25% dos royalties do petróleo a saúde, a Câmara destinou-lhe R\$ 70 bilhões nos próximos 10 anos. Num esforço para produzir efeitos rápidos, o governo está convencido eu a saúde da população mais pobre, que reside longe dos centros urbanos, pode melhorar e, e muito se tiver um médico por perto. Para tanto, o Planalto decidiu comprar uma briga para trazer médicos estrangeiros (...)*”
- 4- Para os transportes públicos: transportes públicos ineficientes e onerosos para a população. Mais uma vez a saída seria investimento público para mobilidade urbana e redução de impostos sobre transportes coletivos. “*Diante da insatisfação, a presidenta Dilma Rousseff anunciou a criação de um Conselho Nacional de Transportes Públicos e instou as cidades a fazerem o mesmo. (...) A proposta veio acompanhada de uma promessa: Dilma*

prometeu disponibilizar R\$ bilhões para obras de mobilidade. O esforço do Executivo foi acompanhada pelo Legislativo.”

- 5- Para corrupção: o combate à corrupção. A solução seria a lei que converte a corrupção em crime hediondo. “*Além da prisão de Natan Donadon, o Legislativo e Judiciário tiraram da gaveta medidas que dormitavam há anos. Proposição que transforma a corrupção em crime hediondo também foi aprovada pelo Senado. A Câmara votou a fim do voto secreto para cassação de mandatos.*”

Mesmo considerando uma possível boa vontade por parte do governo, observa-se que todas as propostas foram expostas no âmbito da suposição ou promessas futuras. O discurso otimista de *IstoÉ* (a proposta destinava **100% dos royalties da exploração do petróleo para a educação, a saúde recebeu duas boas notícias, redução de impostos sobre transportes coletivos**) relativiza os problemas e simplifica sua resolução.

No entanto, as soluções plausíveis para cada reivindicação não contemplou questões como a violência³⁶, principalmente a violência urbana e entre determinadas classes sociais, o descaso com o dinheiro público, a escolha pela organização de eventos grandiosos em detrimento de maior investimentos em outras áreas, o déficit habitacional da população de baixa³⁷ renda, a falta de saneamento básico, dentre outros problemas. Para esses empecilhos, *IstoÉ* não buscou resposta nem procurou saber se o governo teria alguma posicionamento para solucioná-los.

Não há dúvida que a derradeira edição de *IstoÉ* trouxe o posicionamento do governo no momento em que as manifestações se arrefeceram e a impopularidade da classe política atingia índices altíssimos. O especial que a revista denominou como *A Voz das ruas* para abordar assuntos sobre as manifestações poderia muito bem, nesta edição, chamar-se *A voz do governo* ou *A voz dos políticos*, pois o que mais se expôs nas páginas do chamado especial foram as providências tomadas pelo governo, o perfil de líderes políticos e como os partidos poderão aproveitar a onda de protestos para faturar politicamente nas próximas eleições.

³⁶< http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/11/politica/1415732921_778564.html> Acessado em 23/01/2016.

³⁷ < <http://www.valor.com.br/brasil/3733244/fgv-brasil-precisa-de-r-76-bi-ao-ano-para-zerar-deficit-habitacional>> Levantamento feito pela Fundação Getúlio Vargas para o Sinduscon-SP estima que serão necessário R\$ 760 bilhões em investimentos em habitação popular até 2024, ou o equivalente a R\$ 76 bilhões ao ano. Acessado em 23/01/2016.

No ano da Copa do Mundo, na edição de 18 de junho de 2014, *IstoÉ*, assim como boa parte da mídia tradicional, também apresentou artigos sobre o Mundial do Brasil, mas antes das páginas esportivas, noticiou uma matéria sobre o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) com o seguinte título: *A força oculta do PSTU*. A reportagem critica a atuação do partido em manifestações na cidade de São Paulo, como aponta o trecho seguinte:

SD37

A imagem pronta e acabada da disposição **desse grupo para atormentar o dia a dia dos brasileiros** pôde ser observada durante **manifestação contra a Copa na manhã** da quinta-feira 12, que ocorreu na porta do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, dirigido por eles, na região do estádio de Itaquera. O protesto reuniu 150 pessoas. O Batalhão de Choque impediu que manifestantes seguissem para a Radial Leste, via de acesso ao estádio. **O ato deixou três detidos e seis pessoas feridas**. (Revista Isto É, 18 de junho de 2014)

Os termos destacados podem direcionar sentidos em relação à interpretação dada aos fatos por *IstoÉ*. É bastante oportuno, neste caso, retomar o conceito de condições de produção, como descreve Pêcheux “o estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso (...) e seu processo de produção.” (1997, p. 75). Nas circunstâncias das manifestações de 2013, a polícia era projetada pela revista como a representação da “repressão” e os manifestantes, como “um exemplo de cidadania”; em 2014, sob as circunstâncias da Copa do Mundo, as posições inverteram-se: os manifestantes atormentam os brasileiros, talvez torcedores, e a polícia “impediu”, não mais “atacou” ou “acuou”, os manifestantes. A hostilidade da polícia militar, que foi comparada aos moldes do regime militar, agora desapareceu.

O texto que acompanha o primeiro artigo sobre o Mundial publicado em 18 de junho de 2014, *Eletrizados pela nação*, parte de um exemplo para generalizar o sentimento da população diante do início da Copa do Mundo.

SD38

O **orgulho e alegria** de dona Irene são **os mesmos que contagiaram a população** nos últimos dias e culminaram com o ensolarado 12 de junho de 2014. Tão ansiado e tão temido. Nestes sete anos de preparação para o Mundial no Brasil, o **País foi açodado por críticas – pertinentes – de mau uso dos recursos públicos** e de construção de obras de utilidade duvidosa. (...) **E o mês de junho, exatamente um ano depois das manifestações históricas de 2013**, em que se questionava, entre outras coisas, a validade da Copa no Brasil chegou com o gosto amargo da dúvida: como a população acolherá este Mundial? **Se havia alguma incerteza, e ela foi completamente dissipada** nos primeiros raios da manhã da quinta-feira 12, quando o

São procedimentos de deriva do sentido próprios da textualidade. O que significa dizer que este processo que constitui o sentido destas expressões, bem como que não há textos sem o processo de deriva de sentidos, sem reescrituração. Esta deriva enunciativa incessante é que constitui, a um só tempo, os sentidos e o texto. O interessante desta deriva é que ela se dá exatamente nos pontos de estabelecimento de identificação de semelhança, de correspondência, de igualdade, de retificação. (...) O procedimento de reescrituração no texto faz com que algo do texto seja interpretado como diferente de si. **E analisar a designação de uma palavra é ver como sua presença no texto constitui predicções por sobre a segmentalidade do texto, e que produzem o sentido da designação.** (GUIMARÃES, 2005, p. 28)

Ao estabelecer uma nova designação para as manifestações, *IstoÉ* determina o lugar em que esse movimento comparece na revista: na ausência, no silêncio das páginas. Mesmo substituindo os nomes, as referências sobre as manifestações são visíveis pelo não-dito instaurados ao longo do texto. Fala-se em propaganda política, em debates, em demandas sociais e Copa do Mundo. Os manifestantes que foram às ruas em 2013 agora são tratados por eleitores e o que interessa agora não são mais os cartazes com reivindicações, mas seus títulos de eleitores.

Há um consenso sobre a paixão que os brasileiros nutrem pelo futebol. Muitas teorias são produzidas para tentar estabelecer uma relação entre o esporte e a sociedade. Alguns falam sobre o efeito emocional que o jogo proporciona aos seus torcedores, outras defendem a popularidade do esporte pela simplicidade de suas técnicas e, para DaMatta:

num país onde a massa popular jamais tem voz e quando fala é através dos seus líderes, dentro das hierarquizações do poder, a experiência futebolística parece permitir uma real experiência de "horizontalização do poder", por meio da reificação esportiva. Assim, o povo vê e fala diretamente com o Brasil, sem precisar dos seus clássicos elementos intermediários, que, sistematicamente, totalizam o mundo social brasileiro para ele, e em seu nome. E pelo futebol, então, que se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais. (DAMATTA, 1982, p. 34)

Essa relação de pertencimento ao país, de fazer parte de uma nação transformou todos os brasileiros, gostando ou não do futebol, em torcedores fervorosos da seleção brasileira. Aproveitando-se desse sentimento que une o país em torno de uma seleção de futebol, o discurso sobre a Copa do Mundo no Brasil também tornou-se único nas páginas de grande parte da mídia nacional.

As reportagens especiais que *IstoÉ* preparou para a cobertura do Mundial estão repletas de expressões que exaltam a receptividade e a alegria dos brasileiros, além de explorar a importância da realização do mundial no país, explicitando sempre os

benefícios econômicos. Na SD40, é possível observar uma discursividade entre um antes e depois da Copa:

SD40 Surgida nas redes sociais há um ano, o bordão “imagina na Copa” se tornou uma **advertência contra o futuro sombrio que estava por vir. E o trânsito não fluía, se o voo atrasava, se manifestantes promoviam quebradeiras, se qualquer indicador negativo aparecesse, alguém sempre evocava o “Imagine na Copa” para lembrar que os brasileiros estavam prestes a viver o próprio inferno na Terra. O Mundial no Brasil começou há dez dias – e ninguém poderia imaginar que ele seria tão bacana.** Na quinta-feira, o trem que levou torcedores à Arena Corinthians para a partida entre Uruguai e Inglaterra era **uma festa de gritos, bandeiras e fantasias, e quem estava ali desfrutou de uma atmosfera contagiante** que ficará cravada na memória por muito tempo. (Revista *Isto É* 25/06/2014, p. 58, grifos nosso)

A discursividade sobre o antes e um durante a Copa estabelece campos semânticos distintos:

1- Antes da Copa: *Imagine na Copa, futuro sombrio, trânsito não fluía, voo atrasava manifestantes promoviam quebradeiras, inferno na Terra.*

2- Durante a Copa: *tão bacana, era uma festa de gritos, bandeiras e fantasias, e quem estava ali desfrutou de uma atmosfera contagiante.*

O discurso materializado por *IstoÉ* compreende toda uma memória sobre a mobilização nacional que o futebol pode promover no mundo. O mosaico multinacional que preenche as duas páginas da revista na figura demonstra que diferentes povos se encontraram no país para celebrar a Copa, confirmando aí, segundo a revista, o sucesso do evento.



FIGURA 22- 25/06/2014

A partir das argumentações que poderiam sustentar a tese sobre o sucesso da Copa, *IstoÉ* utiliza-se de discurso emocional e estereotipado sobre a alegria e receptividade típicas do povo brasileiro para criar uma atmosfera festiva sobre o mundial: “ninguém poderia imaginar que ele seria tão bacana” e “era uma festa de gritos, bandeiras e fantasias, e quem estava ali desfrutou de uma atmosfera contagiante”.

Enquanto a festa contagiante para os turistas estrangeiros da Copa era produzida num tom radiante e eufórico, na sombra dos holofotes que se voltavam somente para a Copa estavam aqueles que desacreditavam na realização do evento e até maldiziam a seleção brasileira de futebol. Essas pessoas negativas ou pessimistas³⁸, como foram chamados aqueles que eram contrários à realização da Copa no Brasil, são cidadãos que sofreram com as constantes interdições de estradas, sem contar com um sem fim de obras de infraestrutura que prejudicaram a rotina de milhares de pessoas no país com o intuito de cumprir rigorosamente com o padrão FIFA de qualidade. Mas a qualidade ficou restrita apenas para aqueles que estavam felizes com os jogos da Copa, ou seja, os torcedores que, em ritmo de festa, não se incomodam em pegar um trem cheio para ir aos estádios. Mas para os trabalhadores que enfrentam essa rotina todos os dias, o clima não era tão prazeroso como diz a revista.

Ao falar sobre os manifestantes, *IstoÉ*, agora em condições de produção que não permitem que haja referências às manifestações, deslocou os protestos para o campo semântico da violência, do indicador negativo, como nas expressão: *se manifestantes promoviam quebradeiras*.

Outro discurso que comparece na revista é sobre a violência ou sua ausência repentina no decorrer do mundial. Sabe-se que a violência no Brasil é um dos problemas que assolam os brasileiros e assustam os turistas estrangeiros³⁹. Mesmo tendo números de mortes considerados pela Organização Mundial de Saúde como epidêmicos, no período da Copa, esses índices deram lugar a um cenário seguro, no qual os torcedores puderam torcer nas ruas e nos estádios sem se preocuparem com a violência amplamente divulgadas no período das manifestações em 2013. Nas SD, observa-se, mais uma vez, a crítica aos pessimistas, segundo a revista:

³⁸ <http://www.b9.com.br/31642/advertising/brahma-cria-campanha-otimista-baseada-na-expressao-imagina-na-copa> <Acessado em 23/12/2015>

³⁹ Brasil teve em média 143 assassinatos por dia em 2014. São 52 mil ao todo, revela levantamento do G1; há ainda 2 mil latrocínios. Especialistas apontam medidas para tentar reduzir o alto número de crimes. <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/brasil-teve-em-media-143-assassinatos-por-dia-em-2014.html>. Acesso em 15/01/2016.

SD41 “De 1990 para cá, essa é a melhor Copa em termos de futebol e de público”, diz o ex-jogador do Flamengo. “Tenho amigos mexicanos hospedados na minha casa e eles admitiram que **estavam preocupados porque só viam notícias ruins sobre o Brasil**. Agora, disseram que estão encantados.” (Revista Isto É 25/06/2014, p. 58, grifos nossos)

A partir dessas afirmações, compreende-se que há dois países distintos pela ótica da revista: o país das manifestações que externaram para o mundo os problemas reais da população, questionando a realização da Copa e seus possíveis dividendos, se realmente houver, e quem realmente iria se beneficiar desse legado (as notícias ruins); e o país imaginário dos torcedores, dos jogadores e empresários que lucraram verdadeiras fortunas no campeonato que fora realizado num cenário de ficção: o Brasil da Copa tem segurança, organização e transporte para o deslocamento dos torcedores (o encantamento).

Mais uma vez *IstoÉ* tenta justificar a Copa do Mundo pelo lado econômico. Esse discurso tenta sensibilizar os leitores para o aspecto financeiro, para as transações comerciais que são realizadas durante a Copa e, conseqüentemente, gerarão empregos e oportunidades de negócios para muitas pessoas que estão envolvidas no evento, como se observa na SD

SD42 **A Copa no Brasil tem sido uma surpresa até no campo econômico.** Estimativas do governo indicam que os turistas brasileiros e estrangeiros devem gastar R\$ 6,7 bilhões nas 12 cidades-sede, bem acima do que havia sido projetado. **Muita gente subestimou o Mundial.** Em São Paulo, previa-se a chegada de 256 mil turistas durante o torneio. Na quinta-feira 19, a SPTuris informou que pelo menos 400 mil virão à cidade. Ou até mais. **A festa está linda, dentro e fora dos gramados. Quem poderia imaginar tudo isso?** (Revista Isto É 25/06/2014, p. 60. Grifos nossos)

Pelo trecho acima, o êxito da Copa do Mundo é algo incontestável pelo viés econômico e emocional. *IstoÉ* anuncia as altíssimas cifras fabricadas, direta ou indiretamente, pela Copa enquanto critica mais uma vez os pessimistas que *subestimaram o Mundial*. Os lucros que envolveram o Mundial realmente serão grandiosos, mas a pergunta que a revista não faz é se esses valores serão devolvidos em forma de melhores condições de vida para os brasileiros.

Outra questão não exposta pela revista seriam as condições de trabalho dos funcionários durante a Copa. Muitas pessoas morreram ou se feriram gravemente nas

construções que envolviam as obras do Mundial e pouco se falou sobre esses funcionários. As vantagens financeiras às quais a revista se refere serão compartilhadas só pelos/para os grandes empresários, nada se falou sobre as pessoas comuns, trabalhadores informais que precisam trabalhar e irão aproveitar o evento para faturar um pouco mais nesse período. Após o Mundial, quem realmente irá se beneficiar das obras que foram construídas só para servir aos jogos também não foi apontado pelo semanário. Essas questões não fazem parte das preocupações de *IstoÉ* porque o posicionamento ideológico da revista não permite tais inquietações. Para Orlandi, este apagamento se dá porque:

é do domínio da ideologia. Não está marcado em lugar nenhum como tal. Funciona através dos silêncios, de práticas que o atestem, mas que não se expõem como tal. Daí sua eficiência. É claro que esse silêncio, uma vez estabelecido, volta sobre o mundo com toda a sua violência. (ORLANDI, 2008, p. 69)

A violência que provoca o silêncio é a exclusão daqueles que são quase invisíveis perante à sociedade e o Estado. Saber que alguns segmentos da população ficarão de fora da grande festa patrocinada pelo governo e pela FIFA, entidade máxima do futebol mundial, pode provocar reações indesejadas para a classe política e governantes. Enquanto grande parte da população não consegue usufruir dos serviços de qualidade que foram disponibilizados apenas para alguns afortunados, a revista *IstoÉ* insiste em manter o discurso do país desenvolvido.

As reportagens especiais sobre as manifestações de 2013 destacaram os jovens como protagonistas das manifestações. Há várias referências à participação dos adolescentes nas manifestações e também no papel de liderança do MPL, como se observa nos trechos a seguir:

- 1- “Talvez pela pouca prática dos últimos anos e pela falta de tarimba de seus participantes – muitos deles *estudantes*...”, “... a mobilização social de uma massa de *estudantes* e *jovens trabalhadores* de São Paulo deveria ser saudada como exemplo de cidadania.” (*IstoÉ* 19/06/2013)
- 2- “*Jovens*, em sua maioria, ganharam as ruas e o direito de serem ouvidos.”,
- 3- “... *jovens* emergiram das redes sociais, conseguiram levar mais e um milhão de pessoas às ruas, deixaram a classe política atordoada...”. (*IstoÉ* 26/06/2013)
- 4- (Dilma) “Recebeu prefeitos e governadores na segunda-feira 24, mas também conversou com a *garotada* que começou as mobilizações em São Paulo.”, “Nas

ruas, os *jovens* de diversas origens disseram com todas as letras que querem influir, apontar os caminhos”. (*IstoÉ* 02/07/2013)

A discursividade sobre a participação dos jovens em manifestações retoma a memória das grandes passeatas e protestos organizados por estudantes em diferentes períodos na história do país⁴⁰. Outro fator importante para esse direcionamento está relacionado com pesquisas⁴¹ que apontaram para a predominância desse segmento nos protestos.

Nos enunciados organizados por *IstoÉ*, observa-se que a imagem desse grupo é construída a partir de termos direcionados para a exaltação do jovem como uma grande força motriz que tirou o país da apatia, comandou os protestos contra a classe política e liderou as negociações com o governo. Ou seja, segundo *IstoÉ*, é a juventude que carrega o país nas costas.

O tema *juventude* retorna às páginas de *IstoÉ* nas reportagem especial sobre a Copa do Mundo em 03 de julho de 2014, porém, a revista fala apenas de um único jovem: o jogador da seleção brasileira Neymar. Comparado apenas a Pelé, o novo craque da seleção é o tema principal das matérias sobre a Copa do Mundo. Com o título *O peso da juventude*, *IstoÉ* faz um levantamento das conquistas do jogador brasileiro em relação a outros jogadores de futebol, em tempos distintos. A exaltação da juventude e, conseqüentemente, a esperança de conquistas para o país, agora está nas mãos, ou melhor, nos pés de Neymar, como demonstra SD :

SD43

Aos 22 anos, Neymar é um sujeito impetuoso, ousado e criativo. Mas, tão jovem assim, terá maturidade suficiente para **carregar o Brasil nos ombros** até o título mundial? A história das Copas escancara o desafio que **o maior craque brasileiro** tem pela frente. À exceção de Pelé, ninguém conseguiu ser a estrela maior da seleção campeã com apenas 22 anos. (Revista *IstoÉ*, 02/07/2014, p. 48, grifos nossos)

Diferente dos jovens das manifestações que foram considerados pela revista como *as estrelas* dos protestos, agora quem brilha na Copa é o jogador Neymar que, segundo *IstoÉ*, deve *carregar o Brasil nos ombros*. A força da juventude personificada na figura de Neymar para conquistar a Copa apaga os outros jovens que conquistaram a atenção da

⁴⁰ Estudantes protestam contra o aumento da tarifa dos bondes no Rio, em 1956 (Fonte: Arquivo Nacional) <http://vozerio.org.br/Se-a-tarifa-nao-baixar-o-Rio-vai>> Acessado em 27/02/2016.

⁴¹ Pesquisa IBOPE realizada em 20 de junho de 2013 indicou que 63% dos participantes nas manifestações encontravam-se na faixa etária de 14 e 24 anos. <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>.< Acessado em 27/02/2016.

classe política, da opinião pública e da mídia. Ao elencar o jogador Neymar *como o maior craque brasileiro*, *IstoÉ* fala de um lugar de autoridade e, desta posição, anuncia como uma evidência o lugar que Neymar ocupa na seleção. Ao falar sobre os processos de produção de sentidos, Orlandi afirma que:

Do ponto de vista dos processos de significação, podemos concluir que a fixação de sentidos é socialmente organizada. Há um processo social de atribuição (distribuição) dos sentidos, segundo o qual, em toda sociedade, há vozes que se tornam gerais (indeterminadas) e que contribuem para a formação do conhecido “CONSENSO” (senso-comum?): **são as vozes das autoridades**, das quais um exemplo de formação é o mecanismo de constituição desses personagens discursivos, os MEDIADORES (...) Eles administram assim a produção dos sentidos e estabelecem a partilha entre a injunção ao dizer e o silenciamento. (ORLANDI, 1989, p. 43)

Os dizeres sobre a competência de Neymar estão ancorados nas mesmas vozes que, em 1958, estabeleceu que Pelé foi determinante para a vitória da Copa do Mundo daquele ano. Assim, escolher um craque para a seleção brasileira significa estar um passo adiante para conquistar a vitória, pois, de acordo com as interpretações da revista, sem um líder, não há campeão. *IstoÉ* criou, antecipadamente, um suposto herói da Copa ao administrar sentidos sobre Neymar e não sobre outros jogadores. A *injunção* nos dizeres de *IstoÉ* em elevar Neymar à estrela da seleção brasileira se deu no mesmo funcionamento em que foi silenciado a atuação dos outros jovens que participaram dos protestos contra a realização da Copa do Mundo⁴².

Ao supor que Neymar iria *carregar o Brasil* nos ombros, *IstoÉ* não se preocupou em explicar que Brasil Neymar vai carregar nas costas: a seleção brasileira de futebol que a revista, metonimicamente, refere-se como Brasil; o Brasil que foi aos estádios prestigiar a Copa do Mundo ou o Brasil que apanha da polícia nos protestos contra a realização do Mundial. Essa confusão/injunção em unir os brasis encontra apoio nos dizeres sobre a pátria de chuteiras⁴³, discurso explicitado pelo escritor Nelson Rodrigues em muitas de suas crônicas esportivas, como comprova este trecho do texto *Futebol é paixão*:

SD44

Amigos, falemos ainda do Brasil. O triunfo, na Suécia, em 58, foi para nós tão importante como a Primeira Missa. Começava o Brasil. Nós nos

⁴² <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/172704-protesto-anti-copa-acaba-em-confusao-na-avenida-paulista.shtml>. Acessado em 24/02/2016.

⁴³ Frase atribuída ao escritor Nelson Rodrigues e título do livro que reúne algumas de suas crônicas.

inaugurávamos. Tudo o que ficava para trás era o pré-Brasil. E basta comparar. Até 58, o brasileiro não ganhava nem cuspe à distância. O sujeito dormia enrolado na derrota como num cobertor. Ninguém acreditava no Brasil, nem o Brasil acreditava em si mesmo. E, por isso, eu lhes digo que A Primeira Missa, de Portinari, é inexata. Aqueles índios de biquine, o umbigo à mostra, não deviam estar na tela, ou por outra: — podiam estar, mas de calções, chuteiras e camisa amarela. Lapso de Portinari não pôr o Feola, sem boné e contrito, com aqueles pernões monumentais e aquela barriga tão plástica. O principal papel do escrete de 58 foi o de profeta do grande Brasil. (RODRIGUES, 2013, p. 132)

Para o escritor, o Brasil renasceu com a conquista da copa na Suécia em 1958. O título de campeão do mundo, juntamente com o discurso desenvolvimentista e nacionalista da época⁴⁴, foi a consagração que faltava para enlevar a autoestima do povo brasileiro. Essa relação íntima entre futebol e nação repercutiu também nas reportagens de *IstoÉ* em 2014. Como foi explicitado anteriormente, o Brasil da Copa não é o mesmo do Brasil das manifestações. Os discursos que se materializam na linguagem sofrem constantes deslocamentos de sentidos e, em consonância com as condições de produção, esses sentidos divagam para determinados posicionamentos ideológicos, ressaltando aspectos que outrora foram silenciados. No caso específico, os vários países dentro do Brasil que foram destacados em momentos distintos: o país das manifestações e o país da Copa do Mundo.

Na reportagem intitulada *Saudades do Mundial*, a matéria apresenta os indicadores favoráveis à economia das cidades-sedes da Copa. Os dizeres que sustentam o discurso sobre a capacidade empreendedora das cidades que, alavancada pelo mundial, serão estabelecidas como pontos turísticos, demonstram a estabilização de sentidos sobre os tais legados da Copa. Além disso, para tenta responder às vozes indeterminadas (Orlandi, 1989) que criticaram a construção de alguns obras, principalmente de estádios, em lugares que não possuem tradição em esportes, *IstoÉ* traz previsões promissoras para o futuro pós-Copa, conforme é apontado na SD45.

SD45

Os indicadores locais, no entanto, refletem a empolgação da população com o evento. O comércio registrou aumento de 40% nas vendas e o setor hoteleiro teve lotação máxima (...) Colaboraram para isso os 172 mil turistas (28 mil deles estrangeiros), que **despejaram R\$ 311 milhões na economia.** (...) Curitiba, que enfrentou problemas com

⁴⁴ No Brasil, o clima era de euforia, com o “milagre econômico” de Juscelino Kubitschek, a construção de Brasília e o surgimento da Bossa Nova, movimento musical que colocou o país em evidência mundial. No futebol, a euforia era menor, com o povo ainda ressentido pelo fracasso de 1950. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/copa/historia-1958.shtml>.< Acessado em 24/02/2016.

os atrasos na Arena da Baixada, superou as dificuldades durante o torneio. (...) **Os terrenos próximos ao estádio serão usados para inspeção veicular e construção de um posto de saúde.** (Revista *IstoÉ*, 02/07/2014, p. 63)

Para *IstoÉ*, a empolgação da população (de toda a população) se dá apenas pela lógica do comércio, do lucro. Não há na reportagem de *IstoÉ* nenhuma menção sobre a origem desses investimentos e como serão custeados esses estádios após a Copa. Sobre o cenário pós Copa, a revista afirma o que será feito com o espaço ao redor do estádio: “...os terrenos **serão usados para...**”, traz apenas uma afirmação vaga, sem nenhuma previsão do início das obras, nem quem fez tal declaração.

Ao falar sobre o esquecimento número dois, a ilusão do sujeito de ser a fonte de seu dizer, Pêcheux afirma ser improvável o sujeito se expressar fora de uma formação discursiva.

Essa interpretação da primeira tópica possuía a vantagem de explicar o fato de que não há fronteira ou solução de continuidade “no interior” de uma formação discursiva, de modo que o acesso ao “não-dito” como “dito de outro modo” (aceito ou rejeitado) permanece constitutivamente aberto. Por outro lado, essa interpretação nos permite dar conta da **impressão de realidade de seu pensamento para o sujeito-falante (“eu sei o que estou falando”, “eu sei do que estou falando”)**, impressão deflagrada pela abertura constitutiva da qual esse sujeito se utiliza constantemente através do retorno sobre si do fio de seu discurso, da antecipação de seu efeito e da consideração da discrepância introduzida nesse discurso pelo discurso de um outro (como próprio outro) para explicitar e se explicara si mesmo o que ele diz e “profundar o que ele pensa” (PÊCHEUX, 2009, p. 162)

Ao anunciar para os leitores que as próximas obras a serem realizadas após os jogos atenderão as reivindicações mais aclamadas nas manifestações de 2013: a melhoria nos serviços públicos, (*Os terrenos próximos ao estádio serão usados para inspeção veicular e construção de um posto de saúde*), *IstoÉ*, na ilusão de ser a origem de seus dizeres, reproduz no intradiscurso uma interlocução que direciona seu posicionamento ideológico de acordo com poder atuante. Mesmo sem fazer referências às manifestações, elas surgem na discursividade ao falar sobre aceitação da população com o evento e o crescimento da economia local com o aumento de turistas. Todas esses dizeres respondem, de alguma forma, as críticas dos chamados “pessimistas” que questionavam o sucesso da Copa do Mundo e aos manifestantes que protestavam nos estádios, principalmente em dias de jogos.

A revista *IstoÉ*, assim como *Veja*, pertence a chamada mídia tradicional, meios de comunicação de grande circulação que abordam assuntos gerais e interpretam fatos do cotidiano. Cada uma dessas publicação fala sobre suas práticas. Enquanto *Veja* diz estar comprometida em *consertar, reformar, reformular e repensar* o Brasil, *IstoÉ* diz que tem por objetivo *levar a verdade dos fatos aos leitores e ser a mais combativa revista semanal de informação e interesse geral do Brasil*.

Como foi exposto nas primeiras reportagens sobre as manifestações, enquanto parte da mídia ainda se encontrava dividida entre aceitar as manifestações ou chamá-las de atos de vandalismo, *IstoÉ* decidiu pela primeira opção e foi bem sucedida em sua escolha, visto que, logo na semana seguinte, as manifestações se tornaram num acontecimento jornalístico, ou seja, era o tema predominante na mídia nacional e internacional. *IstoÉ* manteve sua posição até a segunda reportagens sobre as manifestações pois, na terceira edição, foi *IstoÉ* que seguiu o restante da mídia tradicional: moderou os noticiários sobre os protestos e, como *Veja* o fez, disponibilizou espaços para os políticos apresentarem novas medidas para “acalmar” os manifestantes e também se aproveitar da situação.

Um ano após às manifestações de 2013, *IstoÉ* parece ter deixado de lado seus princípios de *levar a verdade dos fatos aos leitores e ser a mais combativa revista semanal de informação e interesse geral do Brasil*. Ao afirmar que *as manifestações violentas foram sufocadas pela Copa do Mundo*, nota-se que houve um deslocamento de sentidos que provocou novas interpretações para as manifestações e para a realização da Copa. *IstoÉ*, que em 2013, havia indicado um conflito entre os manifestantes (o bem) e a classe política (mal), agora propõe um novamente uma nova divisão de forças: as manifestações (o mal) e a Copa do Mundo (o bem). Pela perspectiva exposta por *IstoÉ*, a Copa do Mundo, que foi apontada pela revista como o evento que poderia resolver vários problemas do país, principalmente o financeiro, se impôs e *sufocou as manifestações violentas* no período da Copa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas pessoas foram surpreendidas pelas manifestações que ocorreram nas principais cidades brasileira. A surpresa causada pelos protestos provocou um estranhamento na opinião pública e na mídia, talvez pelo fato do brasileiro ser discursivizado como um povo passivo ou omissivo, ou pelo fato de, na época, com a aproximação da Copa do Mundo, o povo ficaria mais atento às notícias relacionadas à seleção brasileira de futebol do que aos acontecimentos políticos. Porém, o que se viu em 2013 foi uma persistente luta pelo direito a transportes públicos de qualidade entre outras reivindicações.

Quando se fala em manifestações no Brasil, geralmente fala-se nas “grandes manifestações” interpretados de maneiras distintas de acordo com o posicionamento ideológico de cada segmento da mídia. Ao abordar sobre as manifestações de junho de 2013, Gohn afirma que:

Na história do país registramos o mesmo feito apenas em **três momentos**: em 1992, no *impeachment* do ex-Presidente Collor de Melo; em 1984, no Movimento Diretas Já, no período do regime militar, em luta pelo retorno à democracia; e nos anos de 1960, nas greves e paralisações pré-Golpe Militar de 1964, e em 1968, com o movimento dos estudantes, a Passeata dos Cem Mil etc. (GOHN, 2013, p.8)

Assim como muitos na mídia impressa, para a autora, as manifestações que se tornaram memorável por certos segmentos da sociedade foram as que conseguiram organizar um grande número de participantes. Geralmente os protestos com número reduzido de pessoas são classificados como “vandalismo” “revolta” ou “pessoas desocupadas que estão parando o trânsito”. Essas designações estão relacionadas com o número de participantes e, de acordo com essa informação, a mídia pode classificar os movimentos como *revolta dos jovens* ou como *revolução*, conforme foi observado nas análises das reportagens de *Veja*.

Os sujeitos que participaram dos primeiros protestos de junho de 2013 reuniram-se nas ruas para defender uma causa bastante legítima para muitas pessoas que dependem de transportes público, pessoas que geralmente pertencem à classe menos abastada da sociedade, trabalhadores assalariados que precisam custear uma das passagens mais caras

do mundo⁴⁵ viram, nesse movimento histórico, uma oportunidade para expressar suas decepções e descontentamento com os governantes. Para André Luiz Joaquinho, autor do livro *Revoltas e Rebeliões*, para fomentar uma revolta popular é preciso reunir alguns elementos:

Em primeiro lugar, para que haja a possibilidade de um determinado número de pessoas participarem de um ato coletivo que se possa chamar de revolta, é necessário que **estejam vivendo sob uma situação-limite**. Ela pode ser de fome, opressão político-religiosa ou grande indignação. Ideias apenas não fazem seres humanos pegarem em armas, embora possam encontrar um terreno fértil nessas situações, e congregar muitas pessoas em torno de um projeto, dando uma característica específica ao movimento. (JOANILHO, 1994, p. 19 grifos nossos)

Essa situação limite, misturada com um grande sentimento de desprezo com a classe política, (percepção que vem se acumulando durante muitos anos no país) resultou em uma avalanche de sujeitos indignados, cada qual com sua exigência, porém igualmente indignados. Uma das principais queixas era justamente os gastos exorbitantes com a Copa do Mundo e, no auge das manifestações, muitos jornalistas acusaram o governo de usar o Seleção Brasileira de Futebol como política de estado, prática empregada em governos anteriores, como por exemplo, no governo de Médici na década de 1970, que usou o campeonato para escamotear os sérios problemas sociais, a perseguição de artistas e políticos de opinião contrária ao regime ditatorial e o cerceamento da liberdade de expressão imposta à população. Nas palavras de Daniel Aarão:

O país, comparado a um imenso canteiro de obras, foi tomado por incontida euforia desenvolvimentista. O governo Emílio Garrastazu Médici criou então uma agência própria de propaganda a Assessoria Especial de Relações Públicas para martelar slogans otimistas, animando, encorajando, com mensagens positivas, construtivas e ufanistas: *Pra frente, Brasil. Ninguém segura esse país, O futuro chegou. Brasil, terra de oportunidades. Brasil, potência emergente*. Para os que ainda discordavam, restava a porta de saída, segundo plágio de conhecida campanha estadunidense: *Brasil: ame-o ou deixe-o*. A conquista do tricampeonato mundial, no México, em 1970, foi uma bênção para esses propósitos de celebração patrióticas, até mesmo porque era o primeiro campeonato mundial de futebol transmitido ao vivo para todo país. A cobiçada Taça Jules Rimet, definitivamente conquistada, era agora *nossa*, e o futuro também. (REIS FILHO, 2014, p.81)

⁴⁵ <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1575811-tarifa-de-onibus-em-sp-e-rio-esta-entre-as-mais-caras-do-mundo-diz-estudo.shtml>. Acessado em 12/11/2015.

Pode-se dizer que algumas práticas de governos anteriores se conservaram em 2014: o cenário de canteiro de obras espalhados pelo país e a exaltação da seleção de futebol como símbolo para adoração da pátria permaneceram. Mesmo vivendo em um estado democrático, a repressão da polícia também serviu de combustível para contribuir com a revolta dos manifestantes.

A mídia tradicional, mais uma vez, foi criticada pela atuação na cobertura das protestos. No início das manifestações, as reportagens que saíram em *Veja* e *Isto É* são, à princípio, destoantes. *Veja* critica diretamente os movimentos enquanto *Isto É* os defende e, além disso, acusa a polícia de agir com truculência com os manifestantes. No entanto, a discursividade sobre as manifestações de 2013 deslocou-se de acordo com sua abrangência no país e com a imensa repercussão da opinião pública. Como foi exposto anteriormente, nas primeiras reportagens sobre as manifestações *Veja* e *Isto É* apresentaram pontos de vista distinto. A mudança (parcial) de posição em relação à *Veja* se deu na segunda semana em que as manifestações foram noticiadas pelas revistas. Neste período, a mídia em geral já havia estabilizados sentidos a favor das manifestações e contra a classe política. Pelas condições de produção do período, o apoio aos protestos tornou-se um senso comum na mídia. Na terceira cobertura sobre os protestos, tanto *Veja* quanto *Isto É* tentaram relativizar a importância das manifestações enquanto produziam dizeres no sentido de resgatar a credibilidade da classe política para a população. Nos dois semanários, a voz dos governantes apareceu para dar respostas as reivindicações da população e imprimir um cenário de estabilidade política no país.

Após as manifestações do dia 13 de junho de 2013, a mídia tentou compreender os protestos de forma minuciosa, com artigos de especialistas, programas especiais, cobertura das manifestações ao vivo e reportagens em revistas. Conforme Dela Silva (2011) “esses acontecimentos (jornalísticos), no entanto, são selecionados pelos jornalistas dentre as inúmeras ocorrências de um dado período, a partir de critérios como interesse do público e a atualidade”, compreende-se, então, as manifestações como o acontecimento jornalístico naquele período, pois, mesmo com vários outros assuntos à disposição, as manifestações assumiram uma lugar de destaque na mídia, instituindo aí uma naturalização de sentidos sobre legitimidade desses eventos.

Se em 2013 o tema selecionado pela mídia foram as manifestações, o acontecimento jornalístico em 2014 foi a Copa do Mundo no Brasil. No entanto, a Copa do Mundo já estava sendo discursivizadas em 2013. Porém, as condições de produção

daquele período não permitiram que os sentidos construídos para o evento esportivo se aproximasse da exaltação do futebol, como foi exposto em *IstoÉ* e *Veja*, respectivamente:

SD33 As manifestações que tomaram conta do País nos últimos dias **não pouparam a Copa do Mundo e das Confederações**. (...) Na verdade, o que se revelou nas manifestações é uma **crítica ao baixo nível dos serviços públicos como educação e saúde**. (...) A julgar pelos primeiros números disponíveis, **os críticos parecem ter razão**. A abertura da Copa das Confederações em Brasília, no sábado 15, **deu prejuízo ao governo do Distrito Federal**. Foi gasto o dobro do valor que o evento trouxe à cidade. (Revista *IstoÉ*, 26 de junho de 2013)

SD14 Na criatividade retórica que brota das grandes manifestações, torcedores que lotaram o Castelão de Fortaleza na vitória do Brasil contra o México, (...) transformaram em cartazes uma inescapável percepção, **a de que a Copa de 2014 consumirá dinheiro demais para resultados de menos**. (Revista *Veja*, 26 de junho de 2013)

Se as condições históricas e culturais que influenciaram o discurso sobre a adoração do brasileiro pelo futebol (ópio do povo) não se fez presente em 2013. Tanto *Veja* com *IstoÉ* criticaram os elevados investimentos para a realização da Copa em detrimento dos serviços públicos oferecido pelo governo.

Em 2014, houve uma mudança de posicionamento nas duas revistas em relação às manifestações e à Copa do Mundo, como exposto nas SDs a seguir:

SD20 Mesmo com o **Brasil** jogando pouca bola, porém, uma semana desta **apaixonante** Copa do Mundo foi mais que suficiente para **vencer o mau humor inicial do público brasileiro com o evento**. (...) **Apesar de todos os erros cometidos na preparação, o Mundial do Brasil já é um sucesso**. (...) Seja como for, nenhuma tese estará completa se não levar em conta um fator ao mesmo tempo óbvio e imponderável: tudo isso se passa no país que tem a seleção mais vitoriosa da história e que, para além do clichê, **trata o futebol como paixão e esteio de uma certa identidade nacional**. (Revista *Veja*- 25 de junho de 2014, p, 113)

SD42 **A Copa no Brasil tem sido uma surpresa até no campo econômico**. Estimativas do governo indicam que os turistas brasileiros e estrangeiros devem gastar R\$ 6,7 bilhões nas 12 cidades-sede, bem acima do que havia sido projetado. **Muita gente subestimou o Mundial**. Em São Paulo, previa-se a chegada de 256 mil turistas durante o torneio. Na quinta-feira 19, a SPTuris informou que pelo menos 400 mil virão à cidade. Ou até mais. **A festa está linda, dentro**

e fora dos gramados. Quem poderia imaginar tudo isso? (Revista *Isto É* 25/06/2014, p. 60. Grifos nossos)

Ao Confrontar as quatro SDs, de 2013 e 2014, é possível observar que há convergências entre as duas revistas, principalmente quanto à adesão às manifestações em 2013 e a cooperação para transformar a Copa de 2014 em um grande sucesso. Os dizeres generalizados sobre o evento possibilitou o que Lagazzi chamou de “senso comum”:

Enquanto conjuntos das opiniões e crenças tão geralmente admitidas numa época e num meio dados, o senso comum rege a vida cotidiana e as relações interpessoais. Ele carrega, implícito, a ideia de normalidade, de **horizonte regulador**, pois não são quaisquer opiniões e crenças que são admitidas numa época e num meio dados, e sem as que ratificou o poder, tendo consequências, o seu respaldo. Nessa sua acepção, o senso comum mostra seu caráter ideológico, histórico, sua força normalizadora e coercitiva. (LAGAZZI, 1987, p. 19)

De acordo com as posições ideológicas de *Veja* e *IstoÉ*, o deslocamento de sentidos produzidos pelas revistas direciona-se de acordo com determinada força *normalizadora* e *coercitiva*. Em 2013, o senso comum não permitia a veiculação de dizeres destoantes aos das manifestações. Desta forma, as designações e as interpretações que circularam na mídia sobre os protestos foram naturalizados no sentido de legitimar as manifestações.

Em 2014, o discurso que compareceu nas revistas apontava para a efetivação de sentidos vinculados à atos de baderna, vandalismo e violência conforme aponta as SDs seguintes:

SD40 Surgida nas redes sociais há um ano, o bordão “imagina na Copa” se tornou uma advertência contra o futuro sombrio que estava por vir. E o trânsito não fluía, se o voo atrasava, **se manifestantes promoviam quebradeiras**, se qualquer indicador negativo aparecesse, alguém sempre evocava o “Imagine na Copa” para lembrar que os brasileiros estavam prestes a viver o próprio inferno na Terra. O Mundial no Brasil começou há dez dias – e ninguém poderia imaginar que ele seria tão bacana. (Revista *Isto É* 25/06/2014, p. 58, grifos nosso)

SD21 Mas, nas duas primeiras semanas do mágico mês da copa, **até agora deu tudo certo, no avesso das previsões apocalípticas**. Estima-se que 1,2 milhões de turistas passarão pelas cidades-sede, em grupos migratórios deslocando-se prioritariamente de carro e ônibus, mais do que de avião. (*Veja*, 02 de julho de 2014, grifos nossos)

As vozes que comparecem em *Veja e IstoÉ* são unânimes ao confirmar o sucesso do evento esportivo enquanto silenciam, ou melhor, associam as vozes dos manifestantes apenas aos casos de violência. No trecho acima, *Veja* assevera que **até agora deu tudo certo**, porém, a revista generaliza o sucesso do evento indicando que *deu tudo certo*, excluindo as vozes daqueles cuja opinião sobre a Copa difere da revista. Ao tratar de um acontecimento discursivo, Pêcheux afirma que:

O confronto discursivo sobre a denominação desse acontecimento improvável tinha começado bem antes de 10 de maio, por um imenso trabalho de formulações (retomadas, deslocadas, invertidas, de um lado a outro do campo político) tendendo a prefigurar discursivamente o acontecimento, a dar-lhe forma e figura, na esperança de apressar sua vinda... ou de impedi-la; todo esse processo vai continuar, marcado pela novidade do dia 10 de maio. (PÊCHEUX, 2008, p. 20)

Produzir sentidos sobre as manifestações impôs à mídia uma verdadeira guerra de formulações, interpretações e retificações⁴⁶. As diferentes vozes que, no início dos protestos em 2013, confluíram para estabilizar sentidos sobre as manifestações foram se alinhando de acordo com as condições de produção, ou seja, de acordo com a persistência dos manifestantes e a grande adesão da população. Essa mudança conduziu a mídia a novos processos de significações sobre os protestos, sentidos que indicavam a legalidade das manifestações.

O protagonismo das manifestações foi se esvaindo com o decorrer do tempo e das diversos assuntos construídos pela mídia. Até que, em 2014, não se falava mais em manifestantes, só em vândalos e quebradeiras. A cobertura das manifestações que ocorreram em 2013 foi substituída pela cobertura da Copa do Mundo, assim como a repressão da polícia contra os manifestantes já não era mais interessante para o público como foi em 2013.

O movimento apartidário, sem líderes, teve seu apogeu no dia 20 de junho, quando um número impressionante de pessoas tomaram as ruas do país para expressar uma mistura de angústia e indignação com a classe política que, subordinada aos empresários, não puderam defender os direitos dos cidadãos que pagam pelo valor da passagem um serviço de primeira classe e recebem o serviço de péssima qualidade. Além da indignação

⁴⁶ O caso mais emblemático foi o d comentarista Arnaldo Jabor que voltou atrás sobre a opinião que dera um dia antes.<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/06/arnaldo-jabor-cia-agora-pedem-desculpas.html>> Acessado em 23/05/2016.

ao saber que, tal como propõe a AD, toda palavra muda de sentido de acordo com seu contexto histórico e, a palavra prioridade, para alguns, também tem sentido relativo ao contexto histórico. Por isso as prioridades como saúde, educação e segurança passaram a não ser tão prioridade como a realização de um evento esportivo que será desfrutado por poucos.

Milhares de pessoas exaltavam aos gritos que o Brasil não é apenas o país do futebol e do carnaval como muitos pensam. O Brasil também é o país das manifestações que, como muitos não acreditam porque a mídia não divulga, ocorrem quase diariamente nas grandes cidades e nas periferias do país. O Brasil parou em junho e assustou a classe política e a mídia.

Observa-se, atualmente, que as manifestações que foram silenciadas pela mídia e reprimida pela polícia não compareceram mais nas ruas como em 2013 e 2014. Agora o Brasil presencia o desfile de alguns movimentos patrocinados por partidos políticos e segmentos da sociedade que, aproveitando a camisa da seleção brasileira de futebol, realizam protestos direcionados a determinados políticos e até clamam pela volta da ditadura militar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. 2ª ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 1999.
- AQUINO, Rubem Santos Leão et al. *Sociedade Brasileira: uma história através dos movimentos sociais: da crise do escravagismo ao apogeu do neoliberalismo*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BAHIA, Benedito Juarez. *História, Jornal e Técnica: as técnicas do jornalismo*. V. 2. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BARBOSA, Pedro Luis Navarro. *O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente*. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 111-124.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. *Linguagem e comunicação social: visões da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2002.
- DaMATTA, Roberto. *O Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro. Pinakothek, 1982.
- DELA-SILVA, Silmara. *A televisão na imprensa brasileira: sujeito e sentido entre os acontecimentos histórico, jornalístico e discursivo*. In: INDUSRKY, Freda.; MITTMANN, Solange.; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011. p. 287-306.
- DEL PRIORE, Mary e VENÂNCIO Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- GOHN, M.G. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____, M. G. *Movimentos sociais do início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. 6.ed - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. *História dos Movimentos e Lutas Sociais: A construção da cidadania dos brasileiros*. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, ESPM, v.4, n.1, p.11-25, nov. 2007.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

GUIMARÃES, L. A cor como informação. São Paulo, Editora Annablume, 2000.

FERREIRA, M. C. L. A Antiética da Vantagem e do Jeitinho na Terra em que Deus é Brasileiro (O funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade). In: ORLANDI, Eni. (org.). Discurso Fundador. *A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

FURTADO, Thaís. *O aprofundamento como caminho da reportagem de revista*. In: TAVARES, FREDERICO DE Mello B; SCHWAAB, Roges. (org.). A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 149-160.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In MUSSALIM. Fernanda e BENTES, Ana Christina (org.). *Introdução à Linguística: Fundamentos epistemológicos, volume 3.5 ed.* – São Paulo: Cortez, 2011.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMAN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; & CAZARIN, Ercília (org.), *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. , p. 9-33.

_____. *A fala do quartéis e as outras vozes*. 2.ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 22. ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

JOANILHO, André Luíz. *Revoltas e Rebeliões*. São Paulo: Contexto, 2ª edição: 1994.

LAGAZZI, S. A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 23, 2008, Goiânia, GO. Resumo expandido. Goiânia, Anpoll, 2008. p.1-3. Disponível em <<http://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/Suzy%20Lagazzi.pdf>>

_____. A equivocidade na circulação do conhecimento científico. *Linguagem em (Dis)curso*, [S.l.], v. 11, n. 3, p. p. 497-514, fev. 2012. ISSN 1982-4017. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/818/757>.

_____. *O desafio de dizer não*. Campinas, SP: Pontes, 1988.

LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

MATTA, Roberto Da. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. et al. *O universo do futebol: Esporte e Sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakótheke, 1982.

MARICATO, Ermínia et al. *Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARIANI, B. S. C. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a revolução de 30. In: LEANDRO FERREIRA, M. C.; INDURSKY, F. (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

_____. *Liderança jovem e os sentidos em circulação: do traficante ao empresário*. In PATTI, Ane Ribeiro; FARIA, Daiana Oliveira; GIORGENON, Daniela; GARCIA, Dantielli Assumpção; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. *Textecendo discursos na contemporaneidade*. 2014. p. 137- 154.

_____. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. 1996. 259 f. Tese (doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP

_____. *Imprensa, produção de sentidos e ética*. In *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Ribeiro, Ana P G; Ferreira, Lucia M A. Mauad X, 2007.p. 199-218.

MEDEIROS, Vanise, MARIANI, Bethania (organizadoras). *Discursos e ... : Ideologia, inconsciente, memória, desejo, movimentos sociais, cinismo, corpo, witz, rede eletrônica, língua materna, poesia, mídia, educação, tempo, (homo) sexualidade*. In: *Discurso, memória e movimentos sociais*. Rio de Janeiro: 7 letras: FAPERJ, 2012.p. 210.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. 10 ed., Campinas: Pontes, 2012a [1999].

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. 2ª edição- Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4 Edição. Pontes Editores, Campinas, SP, 2012c

_____. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6ª Edição, Pontes Editores – Campinas, SP, 2012d.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. – Campinas, SP: Edição da Unicamp, 2007.

_____. *Terra à Vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

_____. *Silêncio e implícito*. In: GUIMARÃES, Eduardo (org). *História e Sentido na Linguagem* — Campinas, SP: Pontes, 1989.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 5 ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi et al. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Eni P. Orlandi. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PIOVEZANI, Carlos e SARGENTINI, Vanice (orgs). *Legados de Michel Pêcheux; inéditos em Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.

PETRI, Verli. “Manifestação” na língua e no dicionário: movimentos de sentido. In: SCHERER, A.; MARIANI, B.; SOUZA, L.; MEDEIROS, V.; PETRI, V. *Língua, sujeito e memória: um enlace pelo discurso*. No prelo.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIBEIRO, Ana Paula Goular e FERREIRA, Maria Alves (organizadoras). *Mídia e memória: a produção de sentido nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X: 2007.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In MARICATO et al. *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1ª ed. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p.7-13.

SCHWAAB, R. . *Revista e instituição: a escrita do lugar discursivo*. In: Frederico de Mello B. Tavares; Reges Schwaab. (Org.). *A revista e seu jornalismo*. 1ed. Porto Alegre: Penso, 2013, v. , p. 58-77.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

SOUZA, J.P. *Fotojornalismo: introdução à história, à técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *RUA*, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 65-94, out. 2001. ISSN 2179-9911. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640721>>. Acesso em: 28 fev. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/rua.v7i1.8640721>.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.

TAVARES, F. de M.B. 2013. *Revista e identidade editorial: mutações e construções de si e de um mesmo*. In: F.M.B. TAVARES; R. SCHWAAB (orgs.), *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre, Penso, 2013.

VAINER, Carlos. Quando a cidade vai às ruas. In MARICATO et al. *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1ª ed. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.p. 35-41.

VAZ, Paulo Bernardo; TRINDADE, Vanessa Costa. *Capas de revistas e seus leitores: um novo texto em cartaz*. In: TAVARES, FREDERICO DE Mello B; SCHWAAB, Roges. (org.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013. p.221-234.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da Linguística*. (trad.) Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

ZANELLA, Alexandre da Silva *Metrópoles do futuro: o barulho por trás do ranking de Veja*. / Alexandre da Silva Zanella.— Cascavel, PR: UNIOESTE, 2012.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. *É o nome que faz fronteira*. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 1999, p. 202- 215.

CORPUS DO TRABALHO

ISTO É. A volta da Repressão. Edição 2274. Editora Três. Ano 37.

ISTO É. Hoje é você quem manda. Edição 2275. Editora Três: Ano 37.

ISTO É. Você mandou e o poder se mexeu. Edição 2276. Editora Três: Ano 37.

ISTO É. Brado Retumbante. Edição 2325. Editora Três: Ano 38.

ISTO É. De Volta à Vida. Edição 2326. Editora Três: Ano 38.

ISTO É. A Guerra do Glúten. Edição 2327. Editora Três. Ano 38

VEJA. Contra o aumento. Edição 2326. Editora Abril: ano 46, nº 25.

VEJA. Os sete dias que mudaram o Brasil. Edição 2327. Editora Abril: ano 46, nº 26.

VEJA. Então é no grito?. Edição 2328. Editora Abril: ano 46, nº 27.

VEJA. Só alegria até agora. Edição 2379. Editora Abril: ano 47, nº 26.

VEJA. Hino, Neymar, Vaia. Edição 2378. Editora Abril: ano 47. nº 25

VEJA. Plano Real 20 Anos. Edição 2380. Editora Abril: ano 47, nº 27.